



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

RAIMUNDO NONATO DE SOUSA NETO

**ENTRE SALAS, LIVROS E JARDINS: TRAJETÓRIA E PRODUÇÃO
INTELECTUAL DA PROFESSORA CONCEIÇÃO CARVALHO NO CENTRO DE
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (1974-1995)**



TERESINA – PI

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

RAIMUNDO NONATO DE SOUSA NETO

**ENTRE SALAS, LIVROS E JARDINS: TRAJETÓRIA E PRODUÇÃO
INTELECTUAL DA PROFESSORA CONCEIÇÃO CARVALHO NO CENTRO DE
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (1974-1995)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Área de concentração: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas.

ORIENTADOR: PROF. DR. EDNARDO MONTEIRO GONZAGA DO MONTI
Aprovada em 28 de fevereiro de 2019

TERESINA – PI

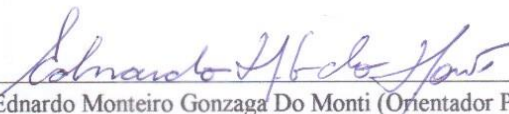
2019

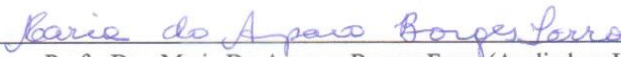
RAIMUNDO NONATO DE SOUSA NETO

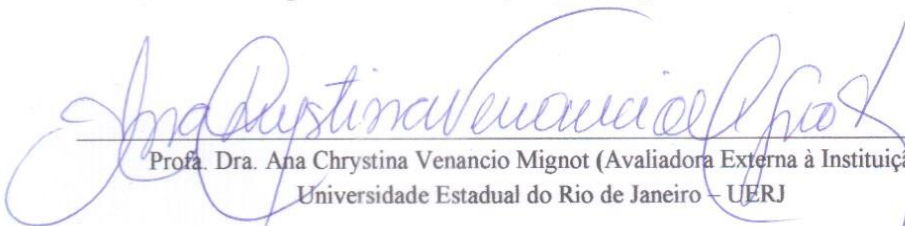
**ENTRE SALAS, LIVROS E JARDINS: TRAJETÓRIA E PRODUÇÃO
INTELLECTUAL DA PROFESSORA CONCEIÇÃO CARVALHO NO CENTRO DE
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (1974-1995)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Área de concentração: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga Do Monti (Orientador Presidente da Banca)
Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEd – UFPI


Profª. Dra. Maria Do Amparo Borges Ferro (Avaliadora Interna)
Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEd – UFPI


Profª. Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot (Avaliadora Externa à Instituição)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

TERESINA – PI

2019

RESUMO

SOUSA NETO, Raimundo Nonato de. **Entre salas, livros e jardins**: trajetória e produção intelectual da professora Conceição Carvalho no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí (1974-1995). Dissertação (Mestrado em Educação). 187 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina – PI, 2019.

O propósito do presente estudo consiste em interpretar Maria da Conceição Sousa de Carvalho a partir dos indícios e memórias relacionadas à educadora, com foco em sua atuação como docente, gestora e intelectual na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Nessa perspectiva o estudo é norteado pela seguinte questão: como se deu a trajetória da docente na UFPI, entre anos de 1974 a 1995? Diante disso, estabeleceu-se como objetivos específicos: investigar as ações da docente, bem como, suas marcas nos cargos de gestão – como chefe e subchefe do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE), diretora e vice-diretora do Centro Ciências da Educação (CCE), além de sua participação na criação do Curso de Mestrado em Educação, atual Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UFPI e da Revista Educação e Compromisso. Ademais o estudo almeja examinar a produção intelectual de Conceição Carvalho, tendo como objeto de pesquisa a UFPI, especificamente aspectos como: sua dissertação de mestrado, os editoriais e os artigos publicados na Revista Educação e Compromisso, e na Revista Linguagens, Educação e Sociedade. Teoricamente, a investigação alinha-se com as ideias de Ginzburg (1989) sobre o paradigma indiciário, Thompson (1981), no que tange às novas formas de pesquisar, no âmbito da história, Ricoeur (2007), quanto às suas argumentações sobre imaginário, memória e esquecimento, Le Goff (1984-2003), acerca do conceito de documento/monumento, Cellard (2012), sobre as orientações em relação ao tratamento de fontes documentais, e Duarte (2004), nas questões sobre entrevistas semiestruturadas. Por meio desse trabalho apreendeu-se que a trajetória da docente acompanhou avanços quanto a aspectos acadêmicos, da estrutura física e da circularidade dos saberes pedagógicos produzidos na UFPI. Outrossim, denotou-se a relevância das articulações e relações pessoais estabelecidas pela docente, suas redes de sociabilidades no DMTE, e as mobilizações junto às esferas superiores administrativas da instituição. Cabe, ainda, evidenciar o envolvimento direto de sua produção intelectual com a atuação e participação efetiva nas atividades de extensão, com cunho social, e ensino em nível de graduação.

Palavras-chave: História das intelectuais, Gestão do ensino superior, Redes de sociabilidades.

ABSTRACT

SOUSA NETO, Raimundo Nonato de. **Between rooms, books and gardens: trajectory and intellectual production of Professor Conceição Carvalho at the Educational Sciences Center of the Federal University of Piauí (1974-1995).** Dissertation (Master in Education). 187 f. Postgraduate Program in Education, Educational Sciences Center, Federal University of Piauí, Teresina, PI, 2019.

The purpose of the present study is to interpret clues and memories related to the educator Maria da Conceição Sousa de Carvalho, focusing on her role as teacher, manager and intellectual at the Federal University of Piauí (UFPI). From this perspective, the study is guided by the following question: how did the trajectory of the teacher in the UFPI, between years 1974 to 1995 come about? Facing this, the following specific objectives were set: to investigate the actions of the teacher, as well as her marks in the management positions - as head and deputy head of the Department of Teaching Methods and Techniques (DMTE), director and vice- director of Education Science Center (CCE) - in addition to its participation in the creation of the Master Course in Education, the current Postgraduate Program in Education (PPGED) of the UFPI and the Education and Commitment Magazine. In addition, the study aims to examine the intellectual production of Conceição Carvalho, having as object of research the UFPI, specifically aspects such as: his master's dissertation, the editorials and articles published in the Journal of Education and Commitment, and in the Journal of Languages, Education and Society . Theoretically, the research is aligned with the ideas of Ginzburg (1989) on the index paradigm; Thompson (1981), regarding the new ways of researching, in the context of history; Ricoeur (2007), regarding their arguments about imaginery, memory and forgetfulness; Le Goff (1984-2003) on the concept of document / monument; Cellard (2012), on guidelines for dealing with documentary sources; and Duarte (2004), in the questions about semi-structured interviews. Through this work, it was learned that the trajectory of the teacher accompanied advances in academic aspects, the physical structure and the circularity of the pedagogical knowledge produced in the UFPI. Furthermore, the relevance of the articulations and personal relations established by the teacher, their networks of sociabilities in the DMTE, and the mobilizations with the higher administrative spheres of the institution were denoted. It is also worth mentioning the direct involvement of their intellectual production with the effective action and participation in extension activities, with a social character and teaching at the undergraduate level.

Keywords: Higher education. History of Intellectuals. Management. Networks of sociabilities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Conceição ainda menina nos anos de 1950.....	14
Figura 2: Conceição como debutante em 1962.....	14
Figura 3: Conceição na Escola Normal Sagrado Coração de Jesus.....	15
Figura 4: Colação de grau de Conceição na FAFI.....	16
Figura 5: Conceição e Luiz Ubiraci na colação de grau da FAFI.....	17
Figura 6: Primeira visita a residência de Conceição Carvalho.....	23
Figura 7: Visita a residência de Conceição Carvalho para garimpagem de fontes documentais.....	23
Figura 8: Conceição no início de sua carreira na UFPI.....	30
Figura 9: Ato da Reitoria de contratação temporária.....	31
Figura 10: Ato da Reitoria que integra Conceição Carvalho no quadro docente permanente da Universidade.....	37
Figura 11: Conceição Carvalho homenageada em placa de formatura no CCE.....	39
Figura 12: Ato da Reitoria que concede aposentadoria a Conceição Carvalho.....	41
Figura 13: Cartão do reitor para Conceição Carvalho.....	42
Figura 14: Jogo de futebol do DMTE Histórico no dia das mães, no clube AABB, anos 1980.....	45
Figura 15: Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Educação.....	60
Figura 16: Diploma do Curso de Mestrado em Educação.....	64
Figura 17: Ato da Reitoria nº 62/76.....	70
Figura 18: Ato da Reitoria nº322/79.....	73
Figura 19: Conceição Carvalho como chefe do DMTE e representante em reunião solene acadêmica no CCE.....	75
Figura 20: Portaria nº 311 no Diário Oficial da União (DOU).....	81
Figura 21: Posse de Conceição Carvalho no cargo de direção do CCE em 1989.....	82
Figura 22: Ato da Reitoria 262/89.....	83
Figura 23: Posse de Conceição Carvalho na direção do CCE.....	84
Figura 24: As eleições do CCE (1989)	85
Figura 25: Placa de inauguração das novas instalações do CCE.....	89
Figura 26: Revista Educação e Compromisso (Volume 1).....	100
Figura 27: Revista Educação e Compromisso (Volume 2, 3, 4).....	101

Figura 28: Convite da solenidade de instalação do curso de mestrado em educação da UFPI.....	107
Figura 29: Capa do Projeto de Implantação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI.....	109
Figura 30: Declaração da coordenação do mestrado sobre a elaboração do projeto de implantação do mestrado em educação.....	113
Figura 31: Declaração da participação no seminário.....	114
Figura 32: Conceição Carvalho como professora homenageada em cerimônia de formatura da UFPI.....	117
Figura 33: Editorial do primeiro volume da Revista Educação e Compromisso.....	127
Figura 34: Artigo de Conceição Carvalho publicado no segundo volume da Revista Educação e Compromisso.....	133
Figura 35: Editorial do quarto volume da Revista Educação e Compromisso.....	134
Figura 36: Capa da Dissertação de Mestrado em Educação de Conceição Carvalho.....	136
Figura 37: Revista Linguagens, Educação e Sociedade (Volume 1).....	144

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCE	Centro de Ciências da Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DE	Departamento de Educação
DE	Dedicação Exclusiva
DEA	Departamento de Educação Artística
DEFE	Departamento de Fundamentos da Educação
DMTE	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: MAPA GERAL DA APURAÇÃO PARA DIRETOR DAS ELEIÇÕES DO CCE DE 1988.....	87
QUADRO 2: PERFORMANCE EM PERCENTUAL DOS CANDIDATOS A DIRETOR DAS ELEIÇÕES DO CCE DE 1988.....	87
QUADRO 3: PRODUÇÃO TÉCNICA E CIENTÍFICA DE CONCEIÇÃO CARVALHO.....	123
QUADRO 4: QUADRO SOBRE AS FORMAÇÕES EM SERVIÇO DE CONCEIÇÃO CARVALHO.....	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. ENTRE SALAS E CORREDORES.....	28
1.1. Atuação docente na Universidade Federal do Piauí	29
1.2. Índícios da sua atuação presentes nas falas dos professores do DMTE Histórico.....	43
1.3. Busca por qualificação profissional.....	59
2. ENTRE GABINETES E JARDINS.....	66
2.1. Funções de gestão e suas atribuições profissionais.....	69
2.1.1. Trabalhos sociais na gestão do departamento.....	76
2.2. Direção do CCE.....	80
2.2.1. Iniciativas democráticas, estéticas e editoriais.....	90
2.3. Criação do Curso de Mestrado em Educação.....	105
3. ENTRE PESQUISAS, REVISTAS E DISSERTAÇÃO.....	116
3.1. Produções na Revista Educação e Compromisso.....	126
3.2. A dissertação de mestrado “Eficácia do ensino universitário: um estudo da opinião de alunos”.....	135
3.3. Produção na Revista Linguagens, Educação e Sociedade.....	144
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOCENTE.....	151
REFERÊNCIAS.....	154
APÊNDICES.....	161

INTRODUÇÃO

A educação piauiense é constituída por personagens cuja atuação docente contribuiu para a construção de uma mentalidade crítica e intelectual em Teresina, estimulando a produção científica e formação de professoras(es) em instituições públicas de ensino superior. Dentre as personagens que colaboraram na Universidade Federal do Piauí (UFPI), desde as suas primeiras iniciativas, mais especificamente no Centro de Ciências da Educação (CCE), no antigo Departamento de Educação (DE), volta-se o olhar para uma professora, mulher, pesquisadora e intelectual formadora de novos profissionais da educação em diversos cursos de licenciaturas.

Nessa perspectiva, tem-se como objeto de estudo Maria da Conceição Sousa de Carvalho a partir dos indícios, dos vestígios e das informações relacionadas à professora, no âmbito da UFPI, no período de 1974 a 1995, os quais podem ser conhecidos, discutidos, analisados e, de alguma forma, preservados. Com esse propósito, foram coletados relatos orais, por meio de entrevistas semiestruturadas, e um *corpus* documental composto por diversas fontes pertencentes ao seu arquivo pessoal, e ao arquivo da direção do CCE.

A delimitação da presente dissertação tem como marco inicial a entrada da docente na UFPI, em 1974 – na qualidade de professora temporária, por meio de contrato, passando, posteriormente, a ser permanente, mediante deliberação e enquadramento da Reitoria da instituição –, até o momento de sua aposentadoria, no ano de 1995, depois de mais de vinte anos de serviços prestados. A docente concretizou duas passagens pelo quadro de professores da Universidade, totalizando 34 anos de contribuições ao serviço público universitário piauiense. A primeira, por meio de indicação, foi de 1974 até 1995, quando se aposentou por tempo de serviço. A segunda, por meio de concurso público, deu-se de julho de 2013 até janeiro de 2017, quando faleceu.

A pesquisa apresenta como questionamento central a seguinte colocação: como se deu a trajetória de Maria da Conceição Sousa de Carvalho na UFPI, entre 1974 a 1995? A partir da delimitação do tema, surgiram outras indagações secundárias, propostas para o desenvolvimento do estudo: como foi a atuação docente na UFPI? Quais os fatos marcantes nas fases em que atuou como gestora no DMTE e no CCE? Qual a sua produção intelectual sobre a UFPI?

A pesquisa teve como objetivo geral interpretar Maria da Conceição Sousa de Carvalho a partir dos indícios documentais e das memórias relacionadas à professora, atinentes à sua atuação docente e enquanto gestora, destacando tanto a sua formação em

serviço quanto sua produção intelectual na UFPI, no período estipulado para análise. Como objetivos específicos, pretende-se: cotejar a atuação docente e formação em serviço de Conceição Carvalho na UFPI, por meio de levantamento de fontes documentais e entrevistas com professores aposentados do DMTE; investigar a ação de Conceição Carvalho na UFPI, como gestora, evidenciando o seu trânsito como Chefe do DMTE (1979), Diretora do CCE (1989/ 1993), e sua participação na criação do Curso de Mestrado em Educação (1991), atual PPGED/UFPI, por meio do levantamento de fontes documentais e entrevistas; analisar a produção intelectual junto à UFPI, realizada por Conceição Carvalho – dissertação de mestrado, editoriais e artigos publicados na Revista Educação e Compromisso, e na Revista Linguagens, Educação e Sociedade –, mediante levantamento de fontes documentais.

Como justificativa para o estudo, designa-se: por um lado, o fato de que as histórias sobre as atuações de muitas professoras que desenvolveram seus trabalhos nas universidades ficam esquecidas e à mercê do tempo, não sendo reconhecidas e caindo em anonimato, tornando-se meras lembranças dispersas; por outro lado, os aspectos que envolveram a passagem de Conceição Carvalho como professora e gestora são relevantes para o entendimento do passado da UFPI, fortalecendo a produção científica de trabalhos pertinentes à história da educação, com foco na trajetória de mulheres docentes, deixando viva a discussão acerca das questões históricas educativas ligadas às estruturas do ensino superior público.

A originalidade dessa pesquisa reside no fato de não haver qualquer proposta de trabalho alusivo à atuação de Conceição Carvalho na universidade, revelando uma temática inédita, cuja investigação promoveu a construção de reminiscências ligadas à carreira docente, gestora e intelectual dessa profissional, que atuou na educação superior pública piauiense.

A temática possui viabilidade justificada, porquanto as fontes documentais eram possíveis de serem localizadas, pois sua participação no corpo docente universitário ainda é relativamente recente, apesar de seu falecimento, em janeiro de 2017.

Assim, por meio dos vestígios existentes nos arquivos pessoais da docente, os quais ainda estão sob a posse de seus herdeiros, constituíram-se fontes palpáveis para a promoção dessa dissertação de mestrado.

O presente estudo também se legitima por ser uma pesquisa que preenche lacunas referentes às produções de trabalhos concernentes à atuação docente feminina no âmbito universitário piauiense, pois a escassez de estudos ligados à temática de professoras universitárias que atuaram no passado de instituições de ensino superior públicas denota brechas que merecem ser preenchidas e adentradas, por meio do desenvolvimento de novos

estudos na área da história da educação, nomeadamente a respeito das mulheres docentes, fomentando a compreensão de determinadas questões relacionadas à temática ora aventada e desenvolvida.

Em relação à existência de pesquisas, em nível de pós-graduação, relativas, de alguma forma, à história e memória da UFPI, foram encontrados quatro estudos que possuem ligações em suas temáticas com a instituição, mas não adentram a exposição de argumentos em relação a uma única figura docente. Assim, depois de algumas sondagens, localizaram-se três dissertações de mestrado ligadas ao PPGEd, e uma tese de doutorado vinculada à Universidade de Brasília (UNB).

As dissertações são as seguintes: a primeira, intitulada *Universidade brasileira e atitude de classe: a prática docente entre 1930/1960*, de autoria de Guiomar de Oliveira Passos, foi defendida em 1997 e orientada pelo Professor Luiz Botelho Albuquerque; a segunda, *O Centro de Tecnologia da UFPI: trajetória histórica*, de autoria de Magnaldo de Sá Cardoso, foi defendida em 2005 e publicada em forma de livro pela EDUFPI, em 2017; a terceira, *Um olhar sobre si: história e memória da pós-graduação stricto sensu em educação na UFPI*, de autoria de Samara Maria Viana da Silva, foi defendida em 2011. Essas duas últimas foram orientadas pela Professora Dra. Maria do Amparo Borges Ferro, vinculada ao PPGEd.

A tese *A Universidade Federal do Piauí e suas marcas de nasença: conformação da reforma universitária de 1968 à sociedade piauiense*, é de autoria de Guiomar de Oliveira Passos, que atualmente é docente da instituição.

Vale ressaltar que na dissertação de mestrado que discorre sobre a história e memória da pós-graduação *stricto sensu* em educação na UFPI, houve a participação de Conceição Carvalho como colaboradora, concedendo entrevista. Nessa ocasião, teve suas memórias atribuídas ao período de criação dos cursos de especializações em educação oferecidos pelo CCE, e fez alguns comentários sobre a criação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI, que foi pioneiro no Piauí, cuja concepção e formalização ocorreu no período em que ocupava a direção do CCE.

Maria da Conceição de Mesquita e Sousa nasceu em Teresina – Piauí, no dia 3 de junho de 1947. Filha de Antônio Frederico da Silva e Sousa e de Maria de Lourdes de Mesquita e Sousa, era a de número quatro em total de sete irmãos, sendo seis mulheres e um homem. Na Figura 1, mostra-se registro fotográfico de Conceição, ainda criança.

Figura 1 – Conceição ainda menina, nos anos de 1950



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1950).

Começou sua vida estudantil com o aprendizado das primeiras letras no antigo Grupo Escolar Engenheiro Sampaio. Depois, passou a frequentar o Ginásio do Colégio Sagrado Coração de Jesus, onde concluiu no ano de 1958 o curso de estudos primários e, posteriormente, passou a fazer o curso ginásial nessa mesma instituição, concluindo em 1962. Na Figura 2, mostra-se Conceição como debutante no Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Figura 2 – Conceição como debutante, em 1962



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1962).

Terminados os estudos no ginásio, pouco tempo depois entrou para o curso pedagógico da Escola Normal Sagrado Coração de Jesus, com o intuito de formar-se professora primária, recebendo o diploma de normalista no ano de 1965. Na Figura 3, registra-se Conceição como normalista.

Figura 3 – Conceição na Escola Normal Sagrado Coração de Jesus



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1963).

Com efeito, entende-se que sua formação docente tem início em um contexto onde, como afirma Del Priore (2004, p. 380), no livro *História das Mulheres no Brasil*,

as escolas normais se enchem de moças. A princípio, são algumas, depois muitas; por fim, os cursos normais tornam-se escolas de mulheres. Seus currículos, suas normas, os uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras e mestres, tudo faz desse um espaço destinado a transformar meninas/mulheres em professoras. A instituição e a sociedade utilizam múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar-lhes sua missão, desenhar-lhes um perfil próprio, confiar-lhes uma tarefa. A formação docente também se feminiza.

Em 1967, passou a frequentar a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, conhecida pela sigla FAFI, visando a fazer o Curso de Filosofia/ Humanidades. Entretanto, em 1968, foi aprovada em lei pelo governo federal a criação oficial da UFPI. Por esse motivo, a FAFI foi incorporada ao grupo de faculdades isoladas que deram início ao surgimento da UFPI, que passou a funcionar, de fato, somente em 1971.

Levando em consideração esses acontecimentos, denota-se uma contradição em relação à efetivação do curso superior de Conceição Carvalho, pois ela fez todo o curso na FAFI, mas quando recebeu seu diploma de licenciada em filosofia, no ano de 1973, sua vinculação formativa estava ligada à UFPI.

A Figura 4 traz registro da cerimônia de colação de grau de Conceição no Curso de Filosofia da FAFI.

Figura 4 – Colação de grau de Conceição na FAFI



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1973).

Durante e posteriormente ao período de formação superior na FAFI, trabalhou como professora da disciplina de psicologia, e coordenadora pedagógica, tanto na área de didática quanto prática de ensino, na antiga Escola Normal de Teresina, atual Instituto de Educação Antonino Freire, no período de abril de 1971 a agosto de 1975.

A docente foi casada durante 43 anos com o também professor da UFPI, Luiz Ubiraci de Carvalho, falecido em 2014. Ele foi o fundador e primeiro Presidente da Associação de Docentes da Universidade Federal do Piauí (ADUFPI), e Deputado Estadual no Piauí. Em virtude do casamento, ela passou a assinar com o sobrenome Carvalho. Em decorrência de sua união matrimonial foi mãe de quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres: Luiz Gustavo Sousa de Carvalho, Luiz Henrique Sousa de Carvalho, Clarissa Sousa de Carvalho e Ângela Sousa de Carvalho. Na Figura 5, registra-se Conceição com seu noivo e futuro marido, Luiz Ubiraci na sua colação de grau.

Figura 5 – Conceição e Luiz Ubiraci na colação de grau da FAFI



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1973).

Ademais, fez parte do quadro docente permanente da UFPI, sendo lotada no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE), no CCE. Era doutora em educação: história política sociedade, pela PUC de São Paulo; mestra em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, licenciada em Filosofia pela UFPI.

A docente concretizou duas passagens pelo quadro de professores da Universidade, totalizando 34 anos de contribuições ao serviço público universitário piauiense. A primeira, por meio de indicação, foi de 1974 até 1995, quando se aposentou por tempo de serviço. A segunda, por meio de concurso público, deu-se de julho de 2013 até janeiro de 2017, quando faleceu em sua residência, situada na zona lesta da cidade de Teresina, no Bairro São João, em uma terça-feira, 24 de janeiro de 2017. O óbito foi provocado por causas naturais. O velório ocorreu em sua residência, a chamada *Casa do muro de pedras*, com a participação evidente dos familiares e de muitos que compunham a comunidade acadêmica da UFPI, além de amigos e parentes próximos.

As ideias empregadas no referencial teórico que orienta a construção desse texto têm como ponto de partida as explicações e conceituações das abordagens de Ginzburg (1989), em seu paradigma indiciário, atentando para o fato de na metodologia de pesquisas em história haver a necessidade de interdisciplinaridade cognoscitiva, possibilitando um leque de elementos destinados à construção de ferramentas de pesquisa para a atuação do historiador

na busca de pistas, vestígios, indícios, fontes e memórias atreladas a esse quebra-cabeça a ser montado.

Sobrelevam-se algumas observações fundamentadas nas ideias de Ginzburg (1989) sobre o fato de a individualidade de personagens estar correlacionada a outros indivíduos e às suas ações em determinados contextos históricos inscritos, onde a análise de determinadas fontes que apontam para ações de um único indivíduo sugere correlações com outros indivíduos.

Alinhando-se com essas ideias, as tramas de outros sujeitos singulares, que foram entrevistados nessa pesquisa, cruzam-se com as questões vivenciadas por Conceição Carvalho e, assim, por meio da reflexão sobre as ações relatadas, foi possível interpretar determinados pontos vivenciados por ela. As informações alcançadas com as entrevistas ajudaram nas discussões construídas com vistas ao aprofundamento do estudo em relação aos indícios de atuação da docente na referida instituição pública de ensino superior, em um dado contexto histórico.

Quanto às pesquisas em história da educação, as dificuldades existentes entre os pesquisadores para retratar questões voltadas às experiências de docentes – devido à quase inexistência de vestígios e às poucas fontes documentais – obstaculizam o trabalho dos historiadores no sentido de discorrer sobre as experiências docentes de determinados indivíduos. A propósito, Schueler (2007, p. 71) com base em Ginzburg, declarou que

o próprio conhecimento das práticas e das experiências docentes se constitui, para os historiadores, um desafio, no sentido de que é necessário um esforço significativo de imaginação histórica para interpretar os fragmentos, os sinais deixados por escassos documentos, em busca de reconstruir possibilidades históricas, histórias verossímeis da reprodução do ofício.

Em contrapartida e totalmente oposto a isso, ao iniciar a garimpagem de fontes relacionadas à temática aqui abordada, constatou-se uma realidade de documentos pertencentes ao arquivo pessoal da docente, existentes e acessíveis ao pesquisador, que foram determinantes para o desenvolvimento desse estudo, no qual “um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo – pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico” (GINZBURG, 1987, p. 26).

Portanto, a história de vida de Conceição Carvalho denota compreensões e interpretações a respeito do microcosmo social, ratificado no âmbito da universidade. Relações sociais de poder, convivência, trabalho e formação docente pessoal, descobertas no

percurso investigativo em campo, proporcionaram o conhecimento de questões condizentes com o estrato social histórico construído no DMTE e no CCE.

Para isso, levaram-se em consideração as relações individuais e coletivas vivenciadas pelo trabalho docente na UFPI, pois como aduz Chartier (2014, p. 225), com base em Ricouer (2002), “de um lado há a memória individual, intimamente associada com a interioridade, a mente consciente e o autoconhecimento; do outro, há uma denúncia da atribuição ilusória da memória ao singular ‘eu’ e uma ênfase sobre as representações coletivas.”

A propósito, é pertinente atentar para as ideias relacionadas ao conceito de *histórias de vida*, já que, de acordo como Chizzotti (2013, p. 102),

as histórias de vida são, para o autor, relatos de práticas de relações sociais do tipo ‘objetivo’ ou socioestruturais, quando privilegiam as formas materiais de vida, relações de trabalho e classe etc., ou tipo ‘subjetivo’ ou sociossimbólicos quando revelam as atitudes, representações e valores individuais que refletem as relações sociais. A história de vida narra a vida de um indivíduo ou de um grupo apoiando-se em variadas fontes de informações além de relato do sujeito, como documentos, entrevistas ou quaisquer outras fontes que contenham informações sobre os fatos, o contexto e a própria pessoa.

Partilha-se, ainda, das ideias de Thompson (1981), que primou pela questão de aliar a teoria à análise contínua dos indícios e vestígios existentes na história real. Para ele, é impensável uma teoria descolada da análise permanente dos indícios/evidências da história real (mesmo que estes fossem fragmentados, incompletos).

Logo, questiona veementemente aqueles que concebiam a existência de uma teoria irretocável, com regras perfeitas e conceitos imutáveis, que explicaria os rumos da história humana – e que, portanto, entendia o que não se enquadrava na teoria como desvio, peculiaridade ou algo que estaria fora do lugar (BERTUCCI, 2010).

Tais ideias assinalam para a constante mutação de questões teóricas em relação ao tratamento das fontes, posto que para o referido autor, a teoria era permanentemente refeita na relação indispensável com as fontes: as categorias adequadas à investigação da história são históricas. Toda teoria é um conhecimento em desenvolvimento, provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas (BERTUCCI, 2010).

Bertucci (2010, p. 19) declara que Thompson (1981) defende que “o conhecimento histórico não seria por isso inverídico, mas verdadeiro dentro do campo definido pelo diálogo conceito/teoria com as evidências/fontes.” Assim, é conveniente acrescentar que, para Thompson (1981, p. 28),

aqueles acontecimentos que a maioria dos historiadores considera como centrais para seu estudo: o “processo” histórico, a inter-relação de fenômenos díspares (como economias e ideologias), a causação. A relação entre o pensamento e seu objeto torna-se agora extremamente complexa e mediata; e, ademais, o conhecimento histórico resultante estabelece relações entre fenômenos que nunca poderiam ser vistos, sentidos ou experimentados pelos atores desse modo naquela época; e organizar as constatações de acordo com conceitos e dentro de categorias que eram desconhecidos dos homens e mulheres cujos atos constituem o objeto de estudo – todas essas dificuldades são tão imensas que se torna evidente que a história “real” e o conhecimento histórico são coisas totalmente distintas.

Nessa lógica, a história ganha um caráter coerente singular, pois “os fenômenos complexos e contraditórios só encontram definição em contextos particulares que se transformam: mudam os tempos, mudam os homens e com eles, as perguntas (hipóteses) que fazem ao passado” (BERTUCCI, 2010, p. 20).

A respeito de suas formas e seus métodos de pesquisa sobre determinados sujeitos comuns, como historiador, Thompson (1981) inaugurou outra tradição em pesquisas históricas, ao desenvolver estudos sobre pessoas comuns que, de alguma forma, afetaram o mundo em que viveram.

historiador que faz narrativa, tributário de uma tradição, Edward Thompson colaborou, ele também, para inaugurar outra nova tradição: aquela que aponta para o estudo das pessoas comuns, que com suas experiências foram agentes da história, que com suas ações afetaram, em diferentes graus, o mundo em que viveram e que deixaram para seus filhos. Tradição que dialoga de forma estreita com outras tradições, que parte de uma pergunta, problema ou questão, que elabora hipóteses e narra a história, contribuindo inclusive para a utilização pelos historiadores de documentos tradicionalmente usados como fontes (como legislação, registros oficiais e inquisitoriais, inventários) de forma inédita, ou seja, para perceber coisas que seus compiladores jamais imaginaram. Lição preciosa para todos os historiadores, inclusive os da educação (BERTUCCI, 2010, p. 26).

A questão do diálogo estreito entre a nova tradição de estudar pessoas comuns é uma inovadora consideração promovida por Thompson (1981). Nesse estudo, ocorre percurso parecido, mas com a utilização de fontes e indícios ligados à docência, por meio de outra abordagem, em busca de novas questões salutares para o campo da história.

Igualmente, compartilhem-se os pressupostos de Ricoeur (2007, p. 24), que discute a memória e a reminiscência, e suas relações com o passado, com base nos aspectos existentes pelas concepções gregas a respeito de memória e lembranças. Para ele,

os gregos tinham dois termos, *mnémé* e *anamnésis*, para designar, de um lado, a lembrança como aparecendo, passivamente no limite, a ponto de caracterizar sua vinda ao espírito como afecção – *pathos* -, de outro lado, a lembrança como objeto de uma busca geralmente denominada recordação, *recollection* (RICOEUR, 2007, p. 24).

Sobre a relação entre memória e passado, Ricoeur (2007, p. 25) assim se manifestou: “dizemos indistintamente que nós representamos um acontecimento passado, ou que temos dele uma imagem, que pode ser quase visual ou auditiva.” Então, por meio da memória e das lembranças oriundas dela, em determinadas circunstâncias, é possível retratar aspectos do passado.

De acordo com o susodito autor, memória e imaginação são aspectos parecidos e fomentadores das lembranças: “é sob o signo da associação de ideias que está situada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: essas duas afecções estão ligadas por contiguidade, evocar uma – portanto, imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela” (RICOEUR, 2007, p. 25). Por isso, ao passo que se imagina algo, simultaneamente, lembra-se de alguma coisa.

Para mais, Ricoeur (2007, p. 26) considera que a memória é sobre o passado e que “deve haver, na experiência viva da memória, um rastro irreduzível que explique a insistência da confusão comprovada pela expressão imagem-lembrança.” Portanto, o que foi memorado e lembrado é pertencente ao passado, e para o citado autor, “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos a sua lembrança.”

Com efeito, pretendeu-se mobilizar e construir argumentações pautadas em indícios contidos em fontes documentais e dados reunidos por meio de memórias de entrevistados, que disponibilizaram informações preciosas a respeito da história da atuação docente e gestora da professora Maria da Conceição Sousa de Carvalho na UFPI.

Nesse sentido, realizou-se inventário de documentos e narrativas orais coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, os quais revelaram os principais fatos vividos e produzidos pela docente, que serão apresentados e discutidos no decorrer desse estudo, a fim de dialogar sobre questões experienciadas nesses vinte anos de atuação na UFPI.

Nesse estudo, na perspectiva metodológica, utilizaram-se as ideias sobre as análises documentais conforme Le Goff (1984, p. 103), para quem

o documento é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu e também das épocas sucessivas durante as quais continuou a existir. O documento é monumento, resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro

determinada imagem de si própria. O documento é produto da sociedade, que o fabricou segundo as relações de forças que nela detinham o poder. [...] Atualmente, a história transforma os documentos em monumentos e apresenta uma massa de elementos que é preciso isolar, reagrupar, tornar pertinentes, ser colocados em relação, constituídos em conjunto. O novo documento alargado, transformado deve ser tratado como um documento-monumento.

A pesquisa documental ocorreu por meio da procura de fontes do arquivo pessoal da docente e no arquivo institucional da direção do CCE, os quais permitiram rememorar determinados aspectos vivenciados pela docente na universidade. Assim, avulta-se que são documentos todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideais, opiniões e formas de atuar e viver (BRAVO, 1991).

A argumentação do percurso metodológico realizou-se por meio de duas etapas principais da pesquisa documental, quais sejam: a coleta de documentos e, posteriormente, a análise dessas fontes documentais com o intuito de coletar dados para versar sobre os vestígios presentes nessas informações, a fim de fundamentar as questões desenvolvidas no transcorrer do texto.

Diante disso, notabiliza-se que

a coleta de documentos apresenta-se como importante fase da pesquisa documental, exigindo do pesquisador alguns cuidados e procedimentos técnicos acerca da aproximação do local onde se pretende realizar a ‘garimpagem’ das fontes que lhes pareçam relevantes a sua investigação (SILVA, 2009, p. 4558).

A análise do *corpus* documental foi importante, pois oportunizou a confrontação dos indícios contidos nas fontes reunidas para promover a concretização dos resultados mediante observações desenvolvidas com base nas informações encontradas nos documentos. Acentua-se que a análise de documentos

configura-se como fase de grande relevância no método da pesquisa documental, pois nessa etapa os documentos são estudados e analisados de forma minuciosa. O pesquisador descreve e interpreta o conteúdo das mensagens, buscando dar respostas à problemática que motivou a pesquisa e, assim, corrobora com a produção de conhecimento teórico relevante (SILVA, 2009, p. 4559).

Inicialmente, foi localizado um filho da docente, Luís Gustavo Sousa de Carvalho. Foram redigidos e assinados dois documentos de autorização para que o pesquisador realizasse o estudo e a produção escrita para ser publicada, resumindo-se a textos sobre a

atuação de Conceição Carvalho na universidade. Aliás, teve-se o cuidado de solicitar liberação para a utilização de uma entrevista gravada em áudio com a voz da docente como fonte para o trabalho.

No dia 13 de junho de 2017, realizou-se a primeira visita à residência de Conceição Carvalho, por intermédio de Luís Gustavo. Nessa ocasião, foram identificadas algumas fontes documentais e alguns livros pertencentes ao seu arquivo pessoal, e mediante autorização prévia, foram fotografados e digitalizados atos, declarações, contratos de trabalho, portarias, diplomas, certificados, históricos, anotações etc.

Participaram da visita o orientador dessa pesquisa, Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti, o autor desse estudo, e outras pessoas pertencentes ao Núcleo de Educação História e Memória da Educação (NEHME), que auxiliaram a separação de livros doados ao núcleo. Esse primeiro contato com as fontes documentais pertencentes ao arquivo pessoal da docente foi registrado por meio de algumas fotografias, a exemplo das Figuras 6 e 7.

Figura 6 – Primeira visita à residência de Conceição Carvalho



Fonte: arquivo pessoal do autor (2017).

Figura 7 – Visita à residência de Conceição Carvalho, para garimpagem de fontes documentais



Fonte: arquivo pessoal do autor (2017).

No dia 17 de junho de 2017, cumpriu-se nova visita à residência de Conceição Carvalho, acompanhada de seu filho, Luís Gustavo. Nessa ocasião, foram verificadas mais algumas fontes documentais pertencentes ao arquivo pessoal da docente, as quais foram igualmente fotografadas e digitalizadas. Além disso, conversou-se sobre a possibilidade de prováveis participantes da pesquisa, por meio de entrevistas. No mesmo dia, foi repassado o contato da professora Leontina Pereira Lopes, uma possível entrevistada, por intermédio da qual se contactaram outros ex-professores do DMTE.

Nessas visitas ao arquivo pessoal da docente, foi reunido *corpus* documental com as seguintes fontes: Atos da Reitoria, declarações da direção do CCE, Portarias da Reitoria, contratos de trabalho, requerimentos, diplomas, certificados, históricos de notas, declarações sobre cursos de formação, declarações sobre disciplinas lecionadas, declarações de participações em eventos científicos, editorial de revista, artigos em revistas científicas, ofícios da universidade, cartão de mensagem, dissertação de mestrado em educação, entre outros.

Foi conveniente ao estudo promover a busca de documentos no arquivo da direção do CCE, com a anuência do atual Diretor do Centro, o Professor Dr. Luís Carlos Sales, e colaboração de um funcionário. Importa deixar bem claro que todas as investigações estabelecidas ali sempre foram realizadas por meio de autorização prévia e com o cuidado de não causar qualquer transtorno ou mal-entendido quanto a esse procedimento.

Na busca de fontes documentais no arquivo da direção do CCE, foram localizadas: Atas das reuniões do Conselho Departamental do CCE, de 1976 a 1983; Atas das reuniões do Conselho Departamental do CCE, de 1991 a 1993, quando Conceição Carvalho foi Diretora do CCE e Presidente do Conselho; Regimento Interno do CCE, sendo uma versão baseada no primeiro, que vigorou nas décadas de 1980 e 1990; cinco exemplares da Revista Educação e Compromisso, pertencente ao CCE e criada à época em que a docente foi Diretora do Centro; e normatizações internas.

A realização de entrevistas semiestruturadas com participantes que presenciaram a atuação profissional de Conceição Carvalho fez-se necessária, tendo em vista a necessidade de averiguar informações oriundas das reminiscências e memórias desses entrevistados, de modo que estas levassem ao alcance de respostas relacionadas à problemática discutida nesse estudo.

Nesse contexto, como ferramenta metodológica, foram efetuadas as entrevistas semiestruturadas a partir de roteiros elaborados para os professores. Por meio das histórias

narradas, foi possível reconstruir determinadas situações vivenciadas pela docente em suas passagens na universidade. Vale salientar que

entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coletas de dados (DUARTE, 2004, p. 215).

As entrevistas foram gravadas por meio de equipamento digital de captação de imagem e áudio. Por meio delas, intencionou-se agrupar o maior número possível de informações e memórias a respeito de Conceição Carvalho na UFPI. Como critério de seleção dos participantes e personagens entrevistados, pontuou-se a conveniência de serem pessoas que participaram das redes de sociabilidade, ou seja, teias de relações profissionais de Conceição Carvalho na universidade.

Os colaboradores da pesquisa foram professores e funcionários companheiros de trabalho do mesmo departamento da docente. Foram entrevistados, mediante escolha prévia, os seguintes participantes: quatro ex-professores do DMTE; uma professora que foi amiga de trabalho, mas pertencia a outro departamento; e um ex-funcionário, que foi auxiliar de Conceição.

Todos eles foram recrutados por meio de contatos prévios, por telefone, para verificar a possibilidade de aceite à participação em entrevista gravada, além de disponibilidade de data, local, horário para a sua realização. No momento do contato inicial, foram explicitados a pretensão da pesquisa e os objetivos para o participante, a fim de que quando ocorresse o encontro pessoalmente – no ato da entrevista –, ele fosse dedicado apenas à complementação do que já havia sido explanado anteriormente.

Totalizaram-se, portanto, seis entrevistados, a saber: Leontina Pereira Lopes, Maria Cecília da Costa Araújo Mendes, Eudóximo Soares Lima Verde, Domício Einster Lobão Magalhães, Maria do Amparo Borges Ferro e Teresinha de Jesus Rios Nogueira. As entrevistas tiveram seus usos previamente autorizados pelos entrevistados, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e de uma Carta de Cessão de Autorização e uso da entrevista gravada em vídeo digital.

As autorizações concedidas pelos participantes envolvidos tinham o propósito de liberar o uso das informações colhidas nas entrevistas somente para fins científicos e acadêmicos. Nesse momento, reputa-se válido abrir parênteses em relação ao posicionamento de Boni e Quaresma (2005, p. 75) sobre entrevistas semiestruturadas:

as entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervendo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Isso posto, a primeira seção desse estudo aborda os aspectos envolvidos na atuação docente e formação em serviço de Conceição Carvalho. Subdivide-se em três subseções, onde a primeira discute a atuação da docente na UFPI, a partir de informações de fontes documentais; na segunda, retratam-se os indícios de sua atuação com base nas falas dos professores que pertencem ao grupo DMTE Histórico; a terceira contempla os aspectos ligados à formação em serviço, apresentando questões sobre a busca de qualificação profissional.

A segunda seção discorre sobre a ação de Conceição Carvalho como Chefe e Subchefe do DMTE, como Diretora e Vice-diretora do CCE, patenteando sua contribuição na criação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI. À vista disso, essa seção organiza-se em cinco subseções, com as respectivas abordagens: funções gestoras e atribuições profissionais; ações, trabalhos e redes de sociabilidades na gestão do departamento; trabalhos sociais na gestão do departamento; a transição para gestora de centro; redes de sociabilidades na gestão do centro; intervenções na gestão do centro: democracia e estética; criação do Curso de Mestrado em Educação.

A terceira seção aprecia as principais produções intelectuais de Conceição Carvalho – tendo como foco de estudo a própria universidade –, consubstanciadas em sua dissertação de mestrado, além de editoriais e artigos publicados na Revista Educação e Compromisso, e na Revista Linguagens, Educação e Sociedade. Essa seção desdobra-se em mais três subseções, sendo que a primeira versa sobre as produções na revista do CCE – periódico criado no período de sua gestão no centro; e a segunda discute a dissertação de mestrado intitulada

Eficácia do ensino universitário: um estudo da opinião de alunos, texto que traz interessante discussão sobre as opiniões dos discentes da UFPI em relação ao ensino desenvolvido no contexto das décadas de 1970 e início de 1980. A terceira aborda a produção na Revista *Linguagens Educação e Sociedade*.

Finalizando essa investigação, apontam-se as últimas considerações sobre Conceição Carvalho, arrazoando suas contribuições e o legado deixado por ela no âmbito do ensino, da gestão e da produção intelectual realizado na UFPI, nomeadamente no CCE e no DMTE, durante duas décadas de atuação.

1 ENTRE SALAS E CORREDORES

Prossigo acreditando que o Centro de Ciências da Educação deve se configurar como um Centro formador de profissionais competentes, de produção e disseminação do saber e da arte e, sobretudo, comprometido com a comunidade piauiense. O avanço em direção a esta meta requer o empenho cotidiano de todos – estudantes, funcionários e professores – posto que este é um horizonte a ser construído historicamente (CARVALHO, 1993).

O trecho em epígrafe é um pequeno recorte do discurso de despedida da gestão da direção do CCE. Em sua escrita, a docente destaca a função do centro na missão de formar profissionais competentes e produtivos, buscando o avanço por meio do empenho de todos que o compunham. Nesse intento de conceber professores, Conceição Carvalho deu sua contribuição na construção de horizontes formativos no Piauí.

Propõe-se nesse estudo, refletir, a partir dos aspectos documentais que envolvem a experiência de Maria da Conceição Sousa de Carvalho, sobre o contexto de sua atuação docente na UFPI. Para tanto, foi mobilizado *corpus* documental, cinco entrevistas e um depoimento gravado, os quais transmitem sua fala sobre memórias ligadas ao período de sua entrada como professora na universidade até a sua aposentadoria. Além disso, intenta-se retratar sua formação em serviço.

Para isso, tem-se como base o trabalho da historiadora Ana Chrystina Venancio Mignot, em seu livro *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto* (2002), em que a autora esmiúça a vida docente de Armanda, levando em consideração os rastros, vestígios e indícios documentais que são alusivos ao enorme quebra-cabeça referente à história valorativa dessa educadora.

Como afirma Mignot (2002, p. 21),

considerar a vida não é tarefa de fácil concretização. O sonho de todo pesquisador revelou-se um ‘quebra cabeças’. Paralisou. Imobilizou. Instigou. Fustigou. Armanda encontrava estilhaçada, fraturada, partida na imensa variedade de documentos. Eles insinuavam, por vezes, várias interpretações. Grifados, sublinhados, destacados, comentados, obrigavam a descrever e rearticular. Apreensões efêmeras e apropriações violentas se revezavam. A trama do arquivo ficava ainda mais enredada no emaranhado de fios de uma rede de sociabilidade, tecida em diferentes espaços, com ‘idéias e afetos’. Resultavam de uma das muitas maneiras que homens e mulheres lançam mão para contar a própria vida: contamos as histórias de nossas vidas de muitos modos – formais e informais – no dia-a-dia, preenchemos requerimentos, escrevemos cartas e falamos com colegas e amigos acerca de nossas experiências.

Partilhou-se, no início desse estudo, da mesma aflição de Mignot (2002) em relação ao emaranhado de documentos e memórias que ajudavam na composição da pesquisa sobre a história de vida da docente Conceição Carvalho. Também não foi tarefa fácil montar aquele imenso quebra-cabeças composto por inúmeras fontes documentais e relatos de reminiscências.

Posto isso, buscou-se dispor, assim como fez Carlo Ginzburg (1989), em seu paradigma indiciário, as formas possíveis de debruçar-se com o olhar de historiador por sobre essas peças na tarefa de, por meio de indícios que ajudaram a interpretar parte da história de vida da professora em epígrafe nesse estudo, montar as interpretações afloradas no percurso investigativo.

Para o historiador, revisitar essas memórias próprias do conhecimento historiográfico é difícil. Isso porque “o historiador tem de reconstruir com dificuldade, mas também esta evidência é recebida por ele dentro de um quadro teórico (a disciplina da história, que também tem uma história e um presente controvertido)” (THOMPSON 1981, p. 28).

Dessa forma, como afirma Thompson (1981, p. 27),

o texto morto e inerte de sua evidência não é de modo algum ‘inaudível’; tem uma clamorosa vitalidade própria; vozes clamam do passado, afirmando seus significados próprios, aparentemente revelando seu próprio conhecimento de si mesmas como conhecimento.

Com efeito, aquelas vozes silenciadas que ecoavam do *corpus documental* reunido nesse estudo clamavam para remontarem o passado da professora, dando som para os significados próprios pertencentes àqueles que ficaram inaudíveis, aos esquecimentos atribuídos à sua contribuição como docente na UFPI.

1.1 Atuação docente na UFPI

O diálogo com algumas fontes documentais permitiu refletir sobre indícios e vestígios da atuação docente de Conceição Carvalho na universidade. Sendo assim, de acordo com Ginzburg (1989), a partir de indícios mínimos, podemos reconstruir o aspecto de um passado que nunca vimos. Tais mobilizações possibilitaram entendimentos sobre os episódios vivenciados durante mais de vinte anos de prestação de serviço ao público universitário. Como afirma Nóvoa (2000), é um mérito indiscutível colocar as vidas das professoras no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação.

Em relação ao surgimento da UFPI e de seus respectivos departamentos de ensino acadêmico, postulam-se algumas informações. De acordo com Passos (2001), em 4 de julho de 1968, foi aprovado o Parecer nº 457/68, elaborado com base no relatório de um dos membros da segunda Comissão de Verificação, instituída pelo Ministério da Educação para analisar as condições econômicas, sociais e culturais do Estado, tendo em vista a criação da Universidade. Quatro meses depois de aprovado o parecer, em 12 de novembro de 1968, o Presidente da República assinou a Lei nº 5.528, criando a Universidade Federal do Piauí.

Entretanto, de acordo com as informações de Passos (2001), a instalação da Universidade só ocorreria em 1º de março de 1971, últimos dias do Governo João Clímaco D’Almeida. Consoante Cardoso (2017), a reunião de faculdades e cursos existentes à época, no Piauí, propiciou o nascimento da UFPI, que se iniciou da junção dos seguintes cursos: Direito, Filosofia, Bacharelado em Geografia e História, Licenciatura em Letras, Odontologia, Medicina, Administração e Licenciatura em Física e Matemática.

A carreira de Maria da Conceição Sousa de Carvalho na UFPI iniciou-se no ano de 1974, apenas três anos após a instalação definitiva da universidade, e pouco tempo depois de ter concluído o Curso de Filosofia na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI).

A FAFI foi criada em 16 de junho de 1957, pela Sociedade Piauiense de Cultura, sendo presidida por Dom Avelar Brandão Vilela, Arcebispo da Arquidiocese de Teresina, e integrada por intelectuais piauienses e autoridades locais. Ao longo de doze anos de existência, foi administrada por dois grandes mestres, Prof. Clemente Honório Parentes Fortes e o Prof. Pe. Raimundo José Airemoraes Soares (BOMFIM, 2000).

Na Figura 8, observa-se Conceição Carvalho ainda jovem, no início de sua carreira docente na UFPI.

Figura 8 – Conceição no início de sua carreira na UFPI



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1975).

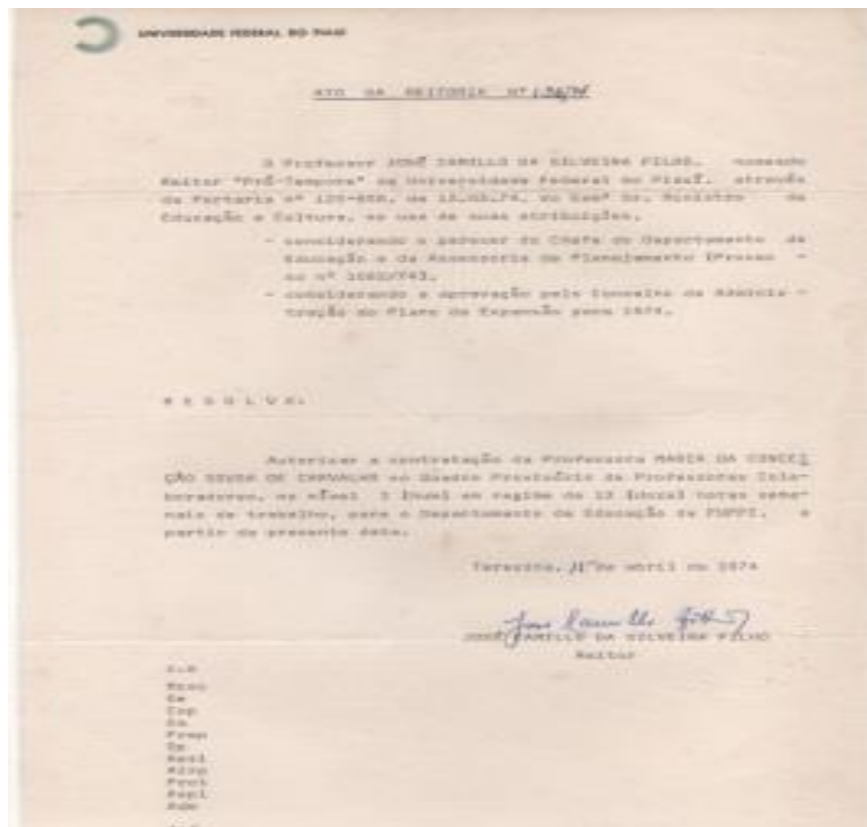
Informações sobre Conceição Carvalho, relacionadas à sua entrada na referida instituição para integrar o corpo docente, dão conta de que ocorreu, provavelmente, por meio de indicação por parte de pessoas influentes à época, que compunham o Departamento de Educação (DE), criado em 1971, devido ao espírito da Reforma Universitária de 1968 e pela Resolução nº 16/71 da UFPI, com o objetivo, prioritariamente, de formação e aperfeiçoamento de professores para o ensino de 1º e 2º graus, face à Reforma do Ensino (Lei nº 5.692/71).

Com base nas fontes, subentende-se que ela foi designada para compor a categoria docente da instituição por meio do Ato da Reitoria nº136/74, passando a fazer parte do quadro provisório de professores colaboradores da UFPI, oficialmente.

Portanto, tendo em vista o parecer do Chefe do DE e da Assessoria de Planejamento, assim como pela aprovação do Conselho Administrativo do Plano de Expansão da Universidade para o ano de 1974, a docente foi incorporada provisoriamente ao quadro de professores da UFPI.

Sobre esse episódio, é conveniente trazer para a discussão a fonte documental atribuída à sua entrada como professora na universidade, ilustrada na Figura 9.

Figura 9 – Ato da Reitoria de contratação temporária



Fonte: UFPI (1974).

A respeito de sua entrada como docente universitária, Conceição Carvalho fez alguns relatos em que esclareceu como foi indicada por meio de terceiros, que foram seus professores na FAFI, e por isso passou a fazer parte do recém-criado DE da UFPI.

Nessa via, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para resguardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (MAGALHÃES JUNIOR; VASCONCELOS, 2001, p. 95).

Nas palavras da docente,

nessa época, aqui na universidade também, estava no começo e não tinha concurso, era assim: precisou de professor, chamava, e era assim com contrato precário, como se fosse substituto, e era assim: quando precisava de um professor, outro professor lembrava-se de seus ex-alunos e foi o caso, meus ex-professores da FAFI estavam sendo professores na universidade. Então, precisaram na universidade de alguém na área de didática, e alguém se lembrou do meu nome. A gente tinha que trazer o currículo e passava na reunião do Departamento, que era o Departamento de Educação, se o departamento aprovasse e a reitoria aprovasse, a gente tinha um contrato de quatro meses, que era um semestre. Aí, se pudesse, renovava mais quatro e, se desse certo, iria renovando (CARVALHO, 2016).

Deduz-se que para ter sido lembrada por seus ex-professores da FAFI, Conceição Carvalho deve ter desempenhado papel de destaque na promoção de estudos junto às disciplinas dos docentes, chegando ao ponto de conseguir resultados positivos e que tornaram possível a sua presença na nova instituição de ensino superior.

Era de conhecimento desses professores, inclusive, a existência de alguma experiência na área de magistério ainda no período em que estava realizando o Curso de Filosofia na FAFI, pois simultaneamente à sua graduação, Conceição Carvalho já atuava na Escola Normal Antonino Freire, ministrando psicologia, por meio de contrato precário.

Ao passo que concluiu seus estudos na FAFI, uma vez que a Secretaria de Educação do Piauí não dispunha de pessoal qualificado para atuar nas coordenações pedagógicas, Conceição Carvalho foi convidada a assumir o cargo de Coordenadora de Didática e Prática de Ensino na Escola Normal, dada a sua experiência na área.

Quando da criação e expansão das primeiras iniciativas do DE da UFPI, já somava experiências nas questões voltadas à didática e prática de ensino, áreas trabalhadas nos cursos de licenciaturas. Então, esse foi um forte motivo para a sua indicação por parte de professores já atuantes na universidade, devido às dificuldades de contratar docentes capacitados para colaborar nas questões educacionais voltadas para as licenciaturas ofertadas pela instituição.

Durante período de 1974 a 1978, permaneceu como professora provisória da UFPI, sendo empregada por meio de contrato de trabalho estabelecido entre ela e a universidade. A respeito disso, algumas informações sobre a contratação de Conceição Carvalho aduzem que em 15 de abril de 1974, assinou contrato de trabalho temporário junto à UFPI, quando passou a ser professora colaboradora, atuando com carga horária de 12 horas semanais e recebendo a quantia de novecentos e quatro cruzeiros pelos serviços prestados.

O contrato possui três páginas e divide-se em dezesseis cláusulas, que estabelecem determinações e obrigações acertadas entre a universidade e a docente. No Item V do contrato, um aspecto chamou atenção: ao serem especificadas as obrigações relacionadas à prestação de serviços pertinentes à função para a qual foi contratada e incumbida por determinações superiores, advertia-se que caso não obedecesse a esses critérios, haveria rescisão do contrato. Além disso, o Item XI, que trata do prazo de vigência do contrato, destacava-se a palavra *indeterminado*. Assim, subentende-se que sua permanência como docente da universidade poderia ser bem ampla, dependendo de sua contribuição e de seu desempenho.

Ao examinar as circunstâncias denotadas nas informações disponíveis nas fontes documentais, concebe-se a escassez de profissionais para atuarem no desenvolvimento do trabalho educativo e pedagógico da universidade, o que justificava a contratação imediata de novos profissionais para atuarem nos departamentos de ensino.

À vista disso, Conceição Carvalho foi contratada para exercer a carreira docente na UFPI e aceitou a tarefa de contribuir para a ampliação do atendimento das necessidades existentes à época no DE. Daquele momento em diante, tornava-se uma mulher de poderes docentes, pois de acordo com as ideias de Perrot (1988, p. 167),

as relações das mulheres com o poder inscrevem-se primeiramente no jogo de palavras. ‘Poder’, como muitos outros, é um termo polissêmico. No singular, ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a ‘influências’ difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela. Se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, poderes.

É cabível acrescentar a existência de uma declaração emitida pela universidade, apontando as primeiras disciplinas lecionadas por Conceição Carvalho no ano de 1974, no DE da UFPI, mais especificamente no DMTE. Nesse documento, o Diretor do CCE, o Prof.

Mariano da Silva Neto, declarou que a docente havia lecionado as disciplinas Didática, Introdução à Pesquisa e Prática de Ensino.

Tais disciplinas mantêm relações com a experiência anterior de Conceição na Escola Normal Antonino Freire, antes de integrar o corpo docente da universidade. Ao especular esse aspecto, nota-se que a docente teve a responsabilidade de ministrar disciplinas relevantes para a formação de professores, daí porque se ratifica a sua contribuição nos primeiros anos de funcionamento do DE da UFPI.

Nas entrevistas realizadas com os professores lotados no DMTE à época em que Conceição Carvalho lecionou algumas disciplinas, constataram-se evidências em relação às matérias que ela ministrou nos cursos de licenciatura atendidos pelo departamento, especialmente os que pertenciam ao centro e a centros diferentes.

Na fala da professora Leontina Lopes, corrobora-se a ocorrência do ensino da disciplina Prática de Ensino: “Olha, lá no DMTE, ela ministrou Práticas de Ensino de Filosofia, se não me engano, e não me falhe a memória. Práticas do Ensino de Filosofia, meu Deus, quais eram as outras? A Metodologia da Pesquisa I. Eu não me lembro das outras, sabia.” (Informação verbal).¹

Nas memórias da entrevistada, observa-se a questão do esquecimento, pois como afirma Reis (2010, p. 40), parafrazeando o pensamento de Ricoeur (2007), “o esquecimento é ausência não presentificada, é o não reconhecimento do passado no presente.”

Sobre as disciplinas ministradas, o professor Eudóxio Soares comentou que os professores do DMTE lecionavam e, inclusive, a própria Conceição Carvalho também exercia função docente em sala de aula, efetivamente falando, mesmo estando comprometida com o cargo de gestão, pois a grande demanda de trabalho para o pouco número de profissionais no departamento obrigava a divisão dessas disciplinas entre todos os docentes do DMTE, resultando no fato de que alguns se responsabilizavam por mais de duas disciplinas, dada a escassez de professores capacitados para contratação.

olha, ultimamente, ela lecionava estágio e na área de filosofia, mas na verdade, o professor nunca assumia uma disciplina única no departamento. Até porque o departamento recebia para ministrar curso de treze licenciaturas na minha época. Então, o departamento era responsável pelas disciplinas didática, às práticas de ensino, que depois a gente veio a chamar os estágios. Então, isso dava um grande número de disciplinas e às vezes, a gente tinha dificuldades de encontrar e contratar professores, até por conta de restrições do MEC. Então, a gente era, necessariamente, obrigado a assumir várias disciplinas, mas nessa época, mesmo sendo a universidade em

¹ Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

fase de crescimento, a gente tinha *déficit* de professores, contratava-se professores substitutos, mas não era suficiente. E a Ceiça, nesse caso, mesmo sendo chefe e tendo uma prática de ensino, ela assumia outras disciplinas, eu não me lembro, assim que outras disciplinas ela assumia (Informação verbal).²

Novamente, percebe-se na fala do entrevistado a questão do esquecimento, pois de acordo com Reis (2010, p. 40) “o dever de memória é não esquecer, mas a sua vulnerabilidade é tão ameaçadora que, talvez, o medo de esquecer explique os abusos anteriores. O esquecimento dá medo!”. A professora Cecília Mendes também se pronunciou sobre as disciplinas lecionadas por Conceição Carvalho, afirmando que quase todos os docentes do departamento ministravam Didática Geral.

Olha, eu lembro uma disciplina que todos nós do DMTE lecionávamos, quase todos nós, era didática, didática geral, porque didática foi disciplina que era oferecida para todos os cursos, os licenciandos de todas as graduações de todas as áreas de formação de professores tinham didática. Ela também lecionava prática de ensino, sobretudo da área da formação dela, porque ela era filósofa, era formada em filosofia. Ela dava prática de ensino e filosofia, eu não sei se ela deu outras práticas de ensino, eu não sei. Essas duas, com certeza, a Ceiça lecionou (Informação verbal).³

É oportuno validar que foram localizadas mais duas declarações não emitidas pelo DE, pois a partir de 1975, por meio da Resolução nº 10/75, esse departamento foi instinto e criou-se o Centro de Ciências da Educação. Esses documentos revelam informações sobre a atuação docente de Conceição Carvalho em algumas disciplinas dos cursos de licenciaturas que eram atendidos pelo DMTE.

Conceição Carvalho colaborou no primeiro ano de exercício docente na universidade no ensino da disciplina Didática, nos dois períodos letivos de 1974, e no ensino de Introdução à Educação, no segundo período do mesmo ano. Em 1975, lecionou as disciplinas Didática e Prática de Ensino Comunicação e Expressão, no primeiro período letivo, e no segundo período letivo do mesmo ano, ministrou Didática, Prática de Ensino de Matemática e Prática de Ensino de História e Geografia. No ano de 1976, há informação referente apenas ao primeiro período letivo, quando lecionou Didática, Prática de Ensino de História e Geografia, assim como Currículos e Programas.

Logo, avista-se que ela lecionou disciplinas não condizentes com a sua formação em filosofia, a exemplo de Prática de Ensino de Matemática, História e Geografia, embora não

² Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

³ Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

tivesse qualquer experiência nessas áreas. Isso porque a escassez de professores no departamento obrigava os docentes a ministrar disciplinas fora de seu campo de formação. Talvez devido à grande oferta, muitos desempenhavam trabalho não ligado às suas bases formativas.

A segunda declaração menciona as disciplinas sob responsabilidade da docente nos seus três primeiros anos de atuação na universidade. Verifica-se que as informações existentes na segunda declaração são semelhantes às das primeiras declarações, pois apenas elenca as disciplinas ministradas pela docente em seu primeiro triênio na UFPI, especificando-as separadamente, por período letivo. Assim, o ano de 1975 teve o maior número de disciplinas lecionadas, totalizando cinco: duas no primeiro período e três no segundo.

É apropriado acrescentar fonte documental que aponta indícios da atuação de Conceição Carvalho como professora no Curso de Artes Práticas, na disciplina Introdução à Educação, que ocorreu por meio de parecer com o consentimento do então Reitor da UFPI, o professor José Camilo da Silveira Filho, que enviou documento ao CCE se manifestando sobre o fato.

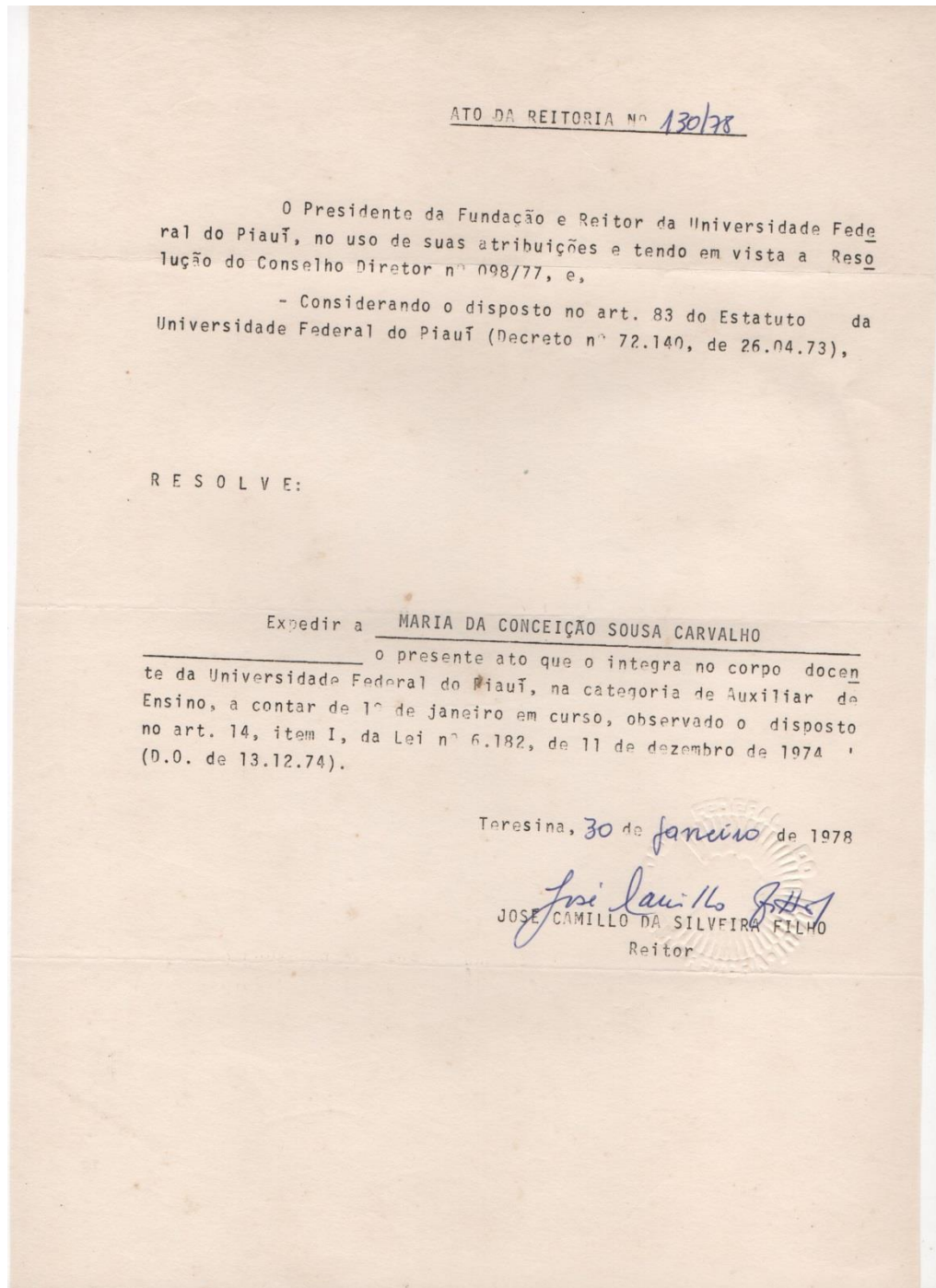
Além desse documento, que especifica a atuação docente de Conceição Carvalho na universidade, encontrou-se outra fonte sobre seu exercício como professora da disciplina Redação do Trabalho Científico, na turma regular de Especialização em Educação, no ano de 1981, cuja declaração foi assinada pela Coordenadora dos Cursos de Pós-graduação em Educação que eram oferecidos pelo CCE, a professora Nilza Maria Silva Resende Leite.

Torna-se necessário referendar a fonte que confirma a integração definitiva de Conceição Carvalho ao quadro docente da UFPI, pois após três anos como professora temporária, por meio de contrato de trabalho provisório, ela foi incorporada ao quadro permanente de professores da UFPI, conforme os parâmetros do Estatuto da Universidade, em consonância com a Lei nº 6.182, de 11 de dezembro de 1974.

De acordo com Conceição Carvalho, em entrevista, muitos professores que se encontravam em situação precária de contrato de trabalho na universidade foram integrados ao quadro permanente de professores, por meios legais e com a anuência da Reitoria, na mesma época. Evidências apontam para a formalização da permanência da docente em suas funções junto ao seu departamento de origem, sendo que daquele momento em diante, passava a ser parte integrante definitiva do corpo docente da UFPI.

Nesse sentido, demonstra-se, na Figura 10, o Ato da Reitoria nº 130/78, que valida a efetivação de Conceição na UFPI na categoria de auxiliar de ensino, a partir do dia 1º de janeiro de 1978.

Figura 10 – Ato da Reitoria que integra Conceição Carvalho no quadro docente permanente da universidade



Fonte: UFPI (1978).

Sobre o enquadramento como professora permanente da UFPI, Conceição ratifica que

depois, já mais para frente, houve um enquadramento e onde todo mundo que estava nessa mesma situação minha, há muito tempo, precariamente, porque a gente não era efetivo e não deixa de ser, se a gente fosse demitido, nem teríamos direito a nada. Então, todo mundo foi enquadrado. Aí, depois foi que regulamentaram os concursos aqui na universidade (CARVALHO, 2016).

Portanto, esse enquadramento foi determinante para que Conceição Carvalho tivesse mais segurança no cargo de professora, pois passaria, definitivamente, a ser efetiva do quadro da UFPI. Exatamente no ano seguinte à sua contratação permanente, ela reencontrou na universidade uma amiga com a qual já mantinha contato muitos anos antes de fazer parte da instituição, o que reforçou a amizade.

Em 1979, ela voltou a manter laços de amizade com a professora Amparo Ferro, que também foi uma das entrevistadas nesse estudo. Sobre o contato inicial das duas docentes, antes mesmo do encontro na UFPI, Amparo testemunhou que

eu conheci a Ceixa na época em que nós éramos do ensino médio ainda, eu era da Escola Normal, e ela era do Colégio das Irmãs, e nós fazíamos parte da JEC, movimento de ação católica, chamado Juventude Estudantil Católica, e nós ficamos algum tempo juntas, porque eram pessoas de vários colégios, de vários colégios de Teresina, e eu a conheci nessa época. Posteriormente, nós nos reencontramos enquanto contemporâneas na Faculdade de Filosofia, mas não na mesma turma, ela já estava um ano à minha frente e eu depois que formei, passei algum tempo fora. Quando voltei para Teresina e fui contratada pela Universidade, assim nós nos reencontramos aqui na UFPI, em 1979 (Informação verbal).⁴

Apesar de não manterem proximidade por algum tempo, essa amizade foi estabelecida à época dos movimentos estudantis, com envolvimento religioso, posto que as duas já se conheciam antes mesmo de se reencontrarem na UFPI. Isso ratifica o fato de que mesmo pertencendo ao DMTE, Conceição conservava contato com professores do Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE), a exemplo de Amparo Ferro, que pertencia a outro departamento e, mesmo assim, conseguia acompanhar a atuação da amiga no âmbito de suas funções.

Para Amparo Ferro,

a Conceição sempre foi uma pessoa muito competente, talentosa e assim, muito envolvida com o aspecto educacional. Eu acho que ela via isso assim de uma forma muito comprometida, no sentido de melhorar a educação, de melhorar a sociedade. De modo que eu sempre a considerei uma professora muito responsável e muito cuidadosa (Informação verbal).⁵

Por meio dessas assertivas, inferem-se algumas características atribuídas ao desempenho docente de Conceição Carvalho na UFPI: o envolvimento com os aspectos educacionais; o comprometimento com as melhorias na educação ofertada pela universidade

⁴Amparo Ferro. Entrevista. 2018.

⁵Amparo Ferro. Entrevista. 2018.

para com a sociedade, de forma geral. Além disso, todos consideravam a docente uma pessoa muito responsável e cuidadosa no exercício de suas funções.

As impressões construídas por Amparo Ferro foram resultantes de anos de convivência, tanto pessoal quanto profissional, resguardando lembranças peculiares sobre a forma como Conceição desenvolveu seu trabalho na universidade e confirmando que os laços de convivência profissional foram duradouros e fomentaram a permanência de memórias sobre essa atuação.

Sendo assim, de acordo com Reis (2010, p. 32), “como representação e cognição, a memória fenomenológica é ‘minha/ nossa lembrança’, que pode ser passiva, uma evocação, um aparecimento espontâneo no espírito, ou pode ser uma conquista através da anamnese, de um trabalho sobre a memória.”

Nessa lógica, é pertinente, ainda, trazer o registro fotográfico como ilustração de um momento marcante de Conceição Carvalho como professora homenageada por turma de licenciatura, em cerimônia de ancoragem de placa de formatura no CCE, no início dos anos 1990.

Figura 11 – Conceição Carvalho homenageada em placa de formatura no CCE



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1991).

Durante esse período, Conceição Carvalho passou por algumas categorias em função de sua atuação docente, sendo a primeira, a de professora colaboradora nível um, ainda como professora temporária; em seguida, passou para a categoria de auxiliar de ensino; depois, por meio do Ato da Reitoria nº 1078/79, mudou de categoria novamente, para professora assistente em tempo integral; em 1983, por meio do Ato da Reitoria nº 375/83, passou a fazer parte da categoria de professora adjunta; algum tempo depois, o Ato da Reitoria nº 542/89 autorizava a mudança de regime de trabalho de Conceição Carvalho, que passava de professora classe adjunta – nível 4 para Dedicção Exclusiva (DE), permanecendo até a sua aposentaria.


Digno de ênfase na atuação docente de Conceição Carvalho na universidade é o momento de sua aposentadoria, após vinte anos como professora da UFPI, passando por diversas atribuições profissionais e cargos de confiança na instituição, onde sua atuação docente alcançou tempo considerável para a solicitação de afastamento definitivo de suas funções enquanto professora universitária.

O ano de 1995 foi o marco desse episódio, que encerrou a carreira docente de Conceição na UFPI, fato sobre o qual foram encontradas algumas fontes documentais que ajudam a conjecturar como se procederam as questões relacionadas à sua aposentadoria e ao seu desligamento do corpo docente universitário.

De início, releva-se a existência da fonte documental que atribui as primeiras informações relacionadas à aposentadoria de Conceição Carvalho de suas atividades docentes na universidade. Convém acrescentar o Ato da Reitoria nº 451/95, que trata da concessão de aposentadoria à Maria da Conceição Sousa de Carvalho, ocupante do cargo de professora classe adjunto nível quatro e dedicação exclusiva, pertencente do quadro permanente de docente da UFPI.

É interessante ressaltar que no mesmo documento, há um emaranhado de informações legais a respeito de legislações trabalhistas fundamentais para a realização do processo de aposentadoria, as quais passavam por transformações, acelerando o pedido de aposentadoria por parte da docente. Essa fonte documental data do dia 20 de março de 1995, e foi assinada pelo Reitor da UFPI, Professor Charles Camilo da Silveira, conforme demonstrado na Figura 12.

Figura 12 – Ato da Reitoria que concede aposentadoria à Conceição Carvalho

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ INSTITUÍDA PELA LEI Nº 5.528 DE 11.11.68	NÚMERO
	ATO DA REITORIA	451/95

↑

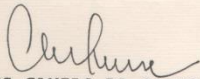
O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, no uso de suas atribuições legais e,

- considerando o Processo nº 1179/95-03;
- considerando liminar concedida pelo M.M. Juiz Federal da 1ª Vara da Seção Judiciária do Piauí, nos autos da Ação Cautelar nº 93.3022-I e em que é autor a ANDES-Sindicato;

R E S O L V E:

Conceder aposentadoria nos termos do Artigo 40, item III, letra "a", da Constituição Federal do Brasil, combinado com o Artigo 186, item III, letra "a", da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, a MARIA DA CONCEIÇÃO SOUSA DE CARVALHO, ocupante do cargo de Professor Classe Adjunto, Nível 4 - DE, do Quadro Permanente desta Universidade, devendo perceber proventos com as vantagens previstas no Artigo 192, item I e Artigo 62, da Lei nº 8.112/90, combinado com a Lei nº 8.911, de 11.07.94.

Teresina, 30 de março de 1990/5


 PROF. CHARLES CAMILO DA SILVEIRA
 Reitor

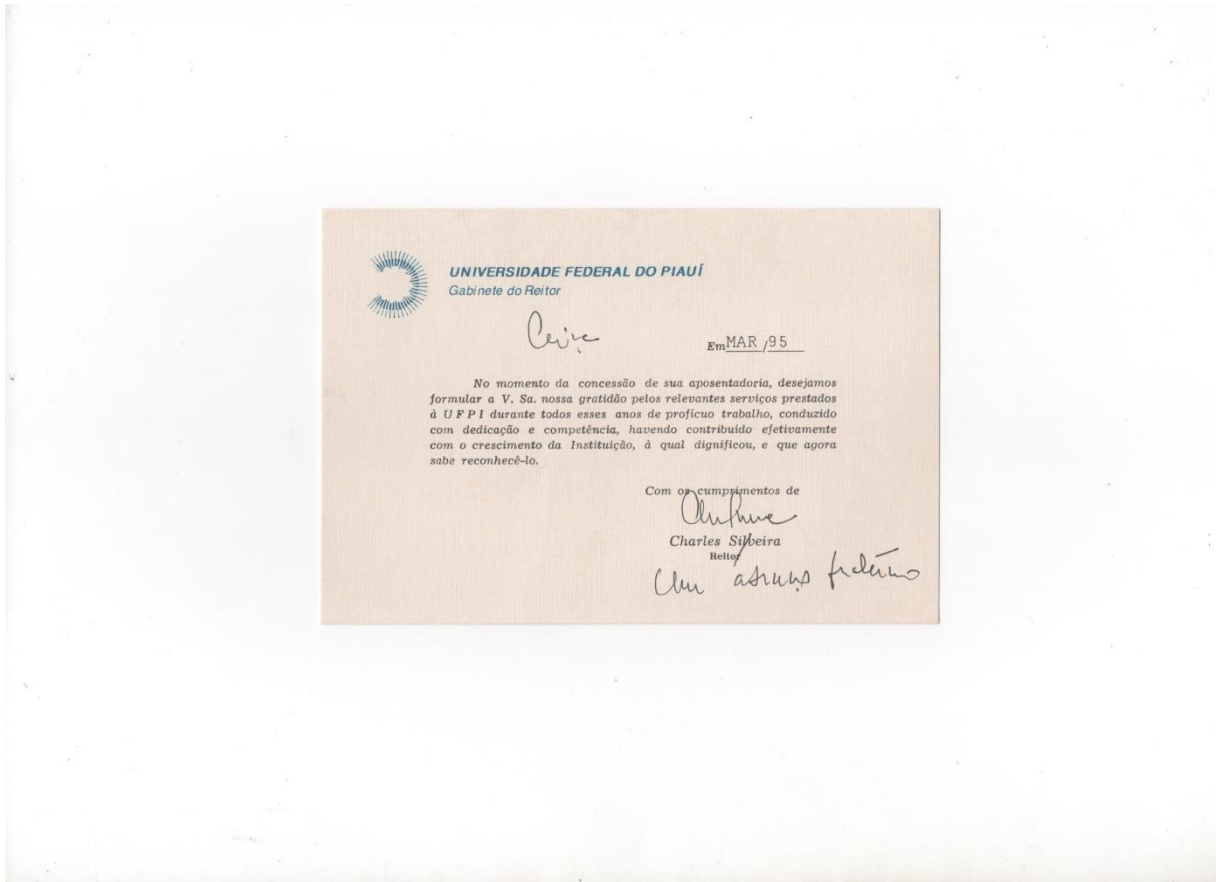
Imp. na Gráf. da UFPI

Fonte: UFPI (1995).

Aspecto digno de realce é a existência de um pequeno bilhete enviado pelo então Reitor, o professor Charles da Silveira, à Conceição Carvalho, proferindo agradecimentos pelos serviços prestados, reconhecendo a contribuição dela para o crescimento da instituição durante os vinte anos de trabalho docente realizado com profícua dedicação e competência, segundo palavras do Reitor.

A Figura 13, a seguir, ilustra essa fonte documental.

Figura 13 – Cartão do Reitor para Conceição Carvalho



Fonte: UFPI (1995).

Outrossim, deparou-se com fonte documental sobre a aposentadoria da docente no Diário Oficial da União nº 64, de 3 de abril de 1995, Seção 2, páginas 2361 e 2362, que cita as aposentadorias de alguns docentes da UFPI. Esse mesmo documento, na parte específica de Atos de 20 de março de 1995, atribuídos à UFPI, declara a aposentadoria de seis professores do quadro permanente da instituição de ensino, além de outras questões administrativas.

Vale acrescentar o trecho do Diário Oficial da União nº 64, na página que traz as especificações sobre a aposentadoria de Conceição Carvalho, onde se lê:

nº 451 – Conceder aposentadoria nos termos do Artigo 40, item III letra “a”, da lei nº 8. 112, de 11 de dezembro de 1990, a Maria da Conceição Sousa de Carvalho, ocupante do cargo de professor classe adjunto, nível 4 – DE, do quadro permanente desta universidade, devendo perceber proventos com as vantagens previstas no artigo 192, item I, e artigo 62 da Lei nº 8. 112/90, combinado com a lei nº 8. 911 de 11.07.1994 (BRASIL, 1995).

Depreende-se, com base nas informações concedidas pelos entrevistados, que as decisões tomadas em relação à aposentadoria de alguns professores da universidade

ocorreram em um momento conturbado da história política nacional, um período de inconstância governamental atrelado a novas questões legislativas, resultando na opção de solicitar afastamento definitivo das funções em razão de temerem a perda de benefícios salariais e serem prejudicados em relação aos seus direitos trabalhistas.

A aposentadoria de Conceição Carvalho da UFPI deu-se em um período em que ela fechava um ciclo de mais de vinte anos de prestação de serviços à comunidade acadêmica, onde sua contribuição na formação de novos profissionais da educação foi uma constante naquele período. A docente manteve-se atuante nos primeiros anos de funcionamento do DE da universidade e, por isso, exerceu papel indubitável como docente, gestora e intelectual.

Entretanto, sete anos após a sua aposentadoria, em dezembro de 2002, a docente foi aprovada em segundo lugar em concurso público de provas e títulos para o cargo de professora assistente, em regime de dedicação exclusiva, na área de prática de ensino em filosofia, para atuar novamente no DMTE do CCE da UFPI.

Assim, em 28 de julho de 2003, foi nomeada, por meio de concurso público, pelo Ato da Reitoria nº 925/03, para o cargo de professora classe assistente nível 1, para desempenhar pela segunda vez a carreira de magistério superior naquela instituição de ensino, onde já havia atuado por vinte anos.

Diante do fato de a segunda fase de Conceição Carvalho como docente da UFPI não estar contido no recorte temporal delimitado para esse estudo, que abrange o período de 1974 a 1995, os acontecimentos atribuídos a essa secundária fase no magistério na UFPI, de 2003 a 2017, não foram contemplados por essa pesquisa.

A título de conhecimento, achou-se conveniente apenas mencionar que a professora atuou por mais 14 anos na UFPI, no mesmo departamento e centro em que já havia trabalhado anteriormente. Além disso, investiu em sua formação continuada e fez Curso de Doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Portanto, a docente deixou suas marcas na instituição por duas vezes, e contribuiu para fomentar o ensino universitário piauiense ao longo de 34 anos de prestação de serviço público.

1.2 Índícios de atuação presentes nas falas dos professores do DMTE histórico

Com o propósito de apresentar informações relacionadas à atuação de Conceição Carvalho no DMTE, entre 1974 e 1995, foi necessário entrevistar individualmente alguns professores companheiros de trabalho do mesmo departamento, contemporâneos dela e que têm recordações da convivência em âmbito profissional com a professora.

Nesse ensejo, salienta Reis (2010, p. 33), baseado nas ideias de Ricouer (2007):

a memória, ao contrário, está voltada para a realidade anterior. A ‘anterioridade’ é a marca da memória, onde há ‘distância temporal’ determinável, ‘profundidade temporal’. A memória é do passado, é o fenômeno da presença de uma coisa ausente, mas que esteve anteriormente aí. A memória é do passado, não pode haver memória do presente ou do futuro, que são momentos da percepção/sensação e da expectativa. Há memória quando o tempo passa e nos lembramos das impressões deixadas durante a sua passagem. Na memória tem-se a experiência real do tempo: antes/depois, movimento/mudança, sucessão/distância temporal.

Assim, foram ouvidas três professoras e um professor, colegas de trabalho de mesmo departamento durante considerável período, sujeitos fundamentais para a busca de memórias e lembranças a respeito de Conceição Carvalho e sua atuação docente na universidade.

Uma delas foi a professora Leontina Lopes, que falou sobre a existência, desde o fim dos anos 1970 até os dias atuais, de algumas reuniões realizadas pelo grupo de professores que foram os pioneiros do departamento, o DMTE Histórico, nomenclatura criada pela própria Conceição Carvalho:

O DMTE Histórico por quê? Porque realmente nós fomos e somos da turma de docentes que fez história, como todos os outros fazem, cada um é sujeito da sua história e de uma história coletiva. Mas essa nossa história não é saudosismos de tempos áureos, realmente nós marcávamos presença como grupo e algumas atitudes que nós tínhamos de repente outros assim não tomaram como exemplo (Informação verbal).⁶

Analisando a fala da entrevistada, percebe-se que havia uma identidade efetiva desses professores mais antigos com o departamento que trabalhavam. Esse primeiro grupo de docentes do DMTE, os estabilizados, de acordo com as afirmações, marcaram presença em suas atitudes e na sua união. Logo, fizeram história na conjuntura de suas atuações como docentes do CCE e foram peças importantes para construção de legado dentro do departamento, mas que não serviu de exemplo para as novas gerações que sucederam esses pioneiros do DMTE.

Momento marcante, promovido DMTE Histórico, registrado por meio de fotografia, foi o jogo de futebol promovido no dia das mães, no clube AABB, nos anos 1980. Essa ocasião demonstra a força dessa união, descrita pela entrevistada, e que está ilustrada na Figura 14.

⁶Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

Figura 14 – Jogo de futebol do DMTE Histórico no dia das mães, no clube AABB, anos 1980



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1981).

Os entrevistados, professores do DMTE Histórico, conviviam dentro e fora do ambiente de trabalho e mantinham hábitos relacionados a questões comemorativas, ocasião em que organizavam reuniões para agrupar os colegas do grupo. Dessa forma, programavam comemorações festivas para datas especiais, quando se faziam presentes para compartilhar momentos de descontração e fazer celebrações religiosas.

Sobre isso, a professora Leontina Lopes deu o seu testemunho:

as comemorações era outra característica que nós tínhamos dentro do DMTE Histórico. As reuniões constantes, festejávamos os aniversários do mês, era um motivo que tinha sempre aquela reunião festiva e os natais. Os nossos natais eles eram festejados, sempre comemorávamos. Esse encontro era na casa de uma pessoa com a família toda, esposo, meninos e tinha a parte para as crianças, a parte religiosa e eu até brincava, que eu sempre fui muito brincalhona, dizia: primeiro a parte religiosa e depois a parte profana. Então, até hoje nós nos reunimos, muitas já partiram, mas nós continuamos todos os anos fazendo o natal do DMTE Histórico e esse nome DMTE Histórico foi Conceição quem deu (Informação verbal).⁷

⁷Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

A existência desse grupo de professores, o DMTE Histórico, perpassou várias décadas e essa convivência proporcionou a criação de laços de amizade que extrapolaram o ambiente de trabalho e foram evidenciados nos relatos, descrevendo, inclusive, aspectos sobre Conceição Carvalho na universidade.

Isso consubstancia a existência de redes de sociabilidades construídas no desempenho do trabalho docente e por meio da criação do grupo, ou seja, a maneira pela qual havia convivência e relações entre os indivíduos que faziam parte do departamento. Com base no pensamento de Elias (1994) sobre essas redes sociais, pode-se afirmar que os indivíduos que vivem em sociedade são uma rede que produz fenômenos reticulares situados nos interiores das relações de interdependências, de tensões, de autorregulações e de poderes.

De início, todos falaram sobre como conheceram Conceição Carvalho, levando ao entendimento acerca do contato com a docente na universidade e fora dos muros da instituição. Consoante a professora Cecília Mendes,

eu conheci a Ceíça quando menina, porque eu era muito amiga da irmã dela, a Rita Albuquerque, que era minha amiga de infância, fomos colegas de Liceu. Então, eu frequentava a casa da Ceíça e ela era ainda menina, era mais nova, e a Rita também foi professora no nosso Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, depois ela pediu transferência para a Universidade Federal do Ceará. Então, eu conhecia a Ceíça desde menina e depois, quando ela entrou na universidade como professora, continuamos a conviver mais proximamente porque nós fazíamos parte do mesmo departamento. A princípio, não havia salas de professores, de dois professores, era uma sala somente para os professores e nós convivíamos muito assiduamente (Informação verbal).⁸

A existência desse contato entre elas antes da universidade denota a longa duração dessa amizade, pois depois de muitos anos, tornaram-se companheiras de trabalho, e como frisou a professora Cecília Mendes, a convivência entre os professores no DMTE era intensa, já que compartilhavam a mesma sala de professores e desenvolviam esse contato fora de sala de aula com os outros professores do departamento, mantendo-se sempre muito próximos.

Portanto, com base em Elias (1994), as redes de sociabilidades estão em constante movimento, proporcionando as dinâmicas das relações humanas, onde a rede em movimento é um urdir e desurdir ininterruptos das ligações.

Ainda em referência aos primeiros contatos com Conceição Carvalho, sublinha-se a alocação da professora Leontina Lopes, que a conheceu em Curso de Especialização oferecido pela UFPI e, depois de algum tempo, tornaram-se companheiras de trabalho: “a

⁸Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

Conceição Carvalho eu a conheci, ela professora e eu ainda era aluna, ela inclusive foi minha professora em uma das especializações, porque eu fiz a especialização em supervisão na UFPI” (Informação verbal).⁹

Conceição Carvalho foi professora de alguém que futuramente seria sua amiga de trabalho, o que evidencia o fato de ser conhecida sob duas posições: como mestre e como companheira de trabalho no departamento, deixando transparecer suas atribuições profissionais de duas formas diferentes, ou seja, em visões alternadas sobre a mesma pessoa, com características mais formais, e de maneira talvez mais íntima e como referência.

Por cúmulo, as redes de sociabilidades configuram-se como processos interativos proporcionados pelos conjuntos de relações que acontecem em diversos momentos das vidas das pessoas (ELIAS, 1994). As visões desses encontros entre aluno e professora podem ser verificadas mais claramente nas impressões de Leontina Lopes:

Competência! Ela era uma professora excepcionalmente competente e além de competente, ela tinha uma facilidade, ela não foi minha professora assim, foi minha professora na pós-graduação, em uma disciplina. A facilidade que ela tinha de explicar, ajudar e fizesse com que o aluno construísse o conhecimento, eu acho isso uma característica formidável do professor, que tem essa facilidade de fazer com que o aluno chegue lá, e ela tinha, ela era uma professora que tinha realmente muito conhecimento, eu a admirava muito como professora e como pessoa, eu me dava muito bem (Informação verbal).¹⁰

Em certa ocasião, Conceição Carvalho discorreu sobre a experiência de ter sido professora de sua primeira alfabetizadora no momento em que já fazia parte do corpo docente da UFPI:

Muito interessante. Foi que a professora Antonieta foi minha aluna nessa época, quando eu comecei na Universidade Federal do Piauí. Nos primeiros tempos do CCE e eu recém-formada. E ela foi de um grupo que foi fazer superior depois, ela somente tinha o curso pedagógico. Então muita gente veio naquela época da reforma do ensino de 1971 e com a exigência de maior qualificação. Então, muita gente que já era professor há muito tempo veio fazer o curso superior, a maioria eram velhinhas (CARVALHO, 2016).

A lembrança atribuída à figura de sua primeira professora no período de alfabetização ficou atrelada ao fato de, posteriormente, Conceição ter sido mestre de sua alfabetizadora, já na academia, algo quase improvável de acontecer, pois depois de muito tempo, tornar-se

⁹ Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

¹⁰ Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

figura principal na formação superior de uma personagem ligada ao início de sua vida escolar não é tão comum e nem simples de encarar.

Como afirma Chartier (2014), o retorno inesperado do passado e o esforço de memória e lembranças são constantes nas vidas das pessoas. Com relação a isso, a passagem da entrevista em que fica patente esse fato merecer ser revelada: “ela foi minha aluna e eu fiquei morta de encabulada, que a professora que me alfabetizou foi minha aluna, foi fazer o curso de pedagogia aqui na UFPI” (CARVALHO, 2016).

Dito isso, depreende-se que

a memória (obra) não se constitui, geralmente, em um texto uniforme e acabado, tendo em vista que ela (a memória), quanto mais distante de seu referencial mais difícil é de ser captada e transmitida. A produção de certas imagens pode aparecer preferencialmente a outras mais importantes, de acordo com o momento vivido pelo memorialista (MAGALAHÃES JUNIOR; VASCONCELOS, 2001, p. 120).

Sobre o primeiro contato de Conceição Carvalho com o Professor Eudócio Soares, ele esclareceu que ela chegou primeiro para integrar o quadro docente da universidade, e que algum tempo depois, ele passou a fazer parte da instituição, daí porque ele não tinha certeza se havia sido aluno dela ou não na graduação em pedagogia, cursada na UFPI. Então, teceu o seguinte comentário:

A Conceição era uma das primeiras, eu acho que ela chegou e foi contratada antes de mim, eu não tenho a data. Mas acho que é de 1974, pois é então, eu cheguei em 1978 e ela em 1974, então sou mais novo. Eu não me lembro se até ela não foi minha professora, mas acho que não. Não foi minha professora (Informação verbal).¹¹

Passados quatro anos da entrada de Conceição Carvalho como docente da UFPI, no DE, ela já contava com certo prestígio na esfera universitária. No mesmo ano em que o Professor Eudócio Soares passou a fazer parte do DMTE, ela foi efetivada no quadro permanente da instituição.

No que se refere ao primeiro contato da professora Terezinha Nogueira com Conceição Carvalho, concebe-se o resgate de lembranças a partir da própria universidade, pois foi no ambiente do departamento onde elas se conheceram. Apesar de não terem convivido muito tempo, aquela aduziu que trabalhou com Conceição Carvalho e também participou ativamente de sua campanha no momento da eleição para a direção de centro:

¹¹Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

Eu conheci Conceição lá na universidade como professora, nós duas éramos professoras e minha convivência com a Conceição não foi muito grande, mas eu trabalhei com ela como professora, e quando ela foi candidata a diretora de centro, também eu estive na campanha dela e participei das reuniões. Apesar de a outra candidata ser muito minha amiga, mas a outra candidata era de outro departamento e ela era do meu. Então, eu fiquei com ela (Informação verbal).¹²

O corporativismo deve ter sido o grande pilar quando se trata da convivência entre os professores do DMTE, no caso, Conceição Carvalho e a professora Terezinha Nogueira, quanto ao momento delicado vivenciado em virtude de eleição de centro, com os ânimos voltados para o papel dos professores dos dois departamentos mais antigos do CCE.

À vista disso, mesmo existindo amizade entre a concorrente de Conceição e Nogueira, o ambiente de relações criadas e fortalecidas no espaço do departamento foi mais forte, concretizando o apoio àquela na campanha, independentemente de qualquer outro aspecto. A relação corporativista estabelecida entre as duas sobrepôs-se a outras formas de influências para apoiar a candidatura opositora, típicas desse momento eleitoral que se verificava no centro. Isso reforça que as redes sociais são estabelecidas e estruturadas sobre alguns elementos: amizade, relação dialética, clientelismo, reciprocidade e compadrio/comadrio (ELIAS, 1994).

Com efeito, focou-se a convivência com Conceição Carvalho na universidade e mesmo fora de lá, enfatizando a dicotomia entre o posicionamento da docente, com postura bem séria, e com muita descontração nos momentos mais informais, conforme comentários dos entrevistados. À vista disso, nota-se que as redes sociais possibilitam a construção de pontes que ligam os indivíduos às instituições sociais e estruturam suas biografias em inserções sociais que garantem suas identidades (ELIAS, 1994).

A propósito, a professora Cecília Mendes falou sobre o convívio com a docente:

A Ceíça, como profissional, às vezes parecia ser séria, mas na verdade, ela era moleca. Quando nós estávamos nos intervalos, quando nós saíamos, por que ela inventou no meio do grupo de professores, ela inventou um encontro que chamava “vai quem quer.” Então, ela inventou isso e de vez em quando, a turma saía no final de sexta feira, depois das aulas, para comer caranguejo, tomar cerveja e qualquer outro lugar, assim para lanchar e jogar conversa fora. Então, a Ceíça ela era bem-humorada e nas festas, nesses encontros, ela gostava de fazer brincadeiras e era uma pessoa assim (Informação verbal).¹³

¹²Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

¹³Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

No que diz respeito à postura de Conceição, ela possuía comportamento marcado pela irreverência, principalmente no convívio extra sala de aula com as amigas de trabalho, nas reuniões intituladas *Vai quem quer*, onde se prezava pela descontração depois do cotidiano de trabalho docente. Nesse sentido, “as pessoas estabelecem relações quando negociam, trabalham, rezam ou se divertem juntas, e essas relações podem ou não ser altamente especializadas e organizadas” (ELIAS, 2000, p. 165).

Essas reuniões foram mencionadas por todos os entrevistados, caracterizando um dos momentos de forte convivência fora da universidade, refletindo de forma positiva na relação construída no ambiente de trabalho entre os professores e a docente. Portanto, esses encontros estreitavam os laços de amizade e de boa convivência entre Conceição Carvalho e os demais integrantes do departamento com quem mantinha um ciclo de convívio mais intenso.

Conforme os pressupostos de Elias (2000), em *Os estabelecidos e os Outsiders*, as relações de sociabilidades e os mecanismos de poder são constantes nas tramas dos relacionamentos sociais construídos em comunidades, pois os posicionamentos sociais e os conjuntos de pessoas ou grupos que vivem próximos são partes de laços de interdependências dos grupos sociais, configurando figurações sociais de contatos, laços e posições de poderes.

Sobre as constantes reuniões existentes entre os participantes do DMTE Histórico, concebe-se que durante muito tempo mantiveram o *Vai quem quer*. Em consonância com Leontina Lopes, os encontros eram realizados após o expediente, sendo nomeadas dessa forma pela própria Conceição Carvalho, e proporcionavam a descontração dos professores do DMTE, com momentos agradáveis que se faziam notar não somente no departamento, mas também fora dele.

Isso foi igualmente declarado pela professora Terezinha Nogueira:

Nós nos reuníamos, depois do expediente. Reuníamos-nos nesses cafés para sair da rotina, que ainda hoje eu tenho essas coisas com as minhas amigas de lá. Reuníamos-nos e tínhamos esses famosos “vai quem quer.” Hoje vai ter em tal lugar, quem vai? Então, todos se deslocavam para lá. Quem que vai hoje? Vai fulano, vai fulano! Eu não tenho como ir de carro! Eu te levo! Eu te dou carona! E então, nós saíamos para esses “vai quem quer” e tínhamos umas músicas, elas faziam umas músicas. Eu não sei quem cantava com ela, não lembro se era a Leontina, e elas tinham umas músicas que elas cantavam. Eram músicas conhecidas, que nesses “vai quem quer” elas cantavam (Informação verbal).¹⁴

A própria nomenclatura da reunião promovida pelos professores do DMTE tem uma forma bem sugestiva de incentivo para a participação, ou seja, iria para a reunião apenas

¹⁴Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

aqueles que queriam e que pertenciam ao grupo e à rede de sociabilidades construída no departamento.

É notável a participação de Conceição Carvalho nessas ocasiões promovidas pelos docentes do departamento, onde ela cantava algumas músicas conhecidas da época, juntamente com outras professoras, patenteando a sua alegria, já referida anteriormente por outras entrevistadas, e ratificando que essa convivência era algo que extrapolava a relação profissional.

Retomando alguns aspectos atrelados às reuniões do DMTE Histórico, retoma-se o *Vai quem quer*, com o testemunho da professora Cecília Mendes, que fez a seguinte colocação:

A Ceíça inventou o “vai quem quer.” O “vai quem quer” era quando os professores que estavam disponíveis e queriam ir para tal lugar comer caranguejo, ou tomar um cafezinho e tal, então íamos. E passou a se chamar o DMTE Histórico, porque foram os primeiros que se aposentaram, esse primeiro grupo deu continuidade ao que já se fazia dentro do departamento. Nós comemorávamos Natal, nós saíamos para o “vai quem quer” dentro do departamento, e depois de aposentados, continuamos, e ainda hoje, tem bem uns quarenta anos que isso existe. Todo ano a gente programa, tem uma equipe que é eleita ou escolhida por brincadeira, três ou quatro para programarem o Natal do ano seguinte, que entra a parte religiosa, entra as brincadeiras, entra a música, entra o amigo oculto, sorteios de brindes que uns levam para sortear com os outros. Essa parte toda faz parte da nossa festa de Natal, a confraternização do final de ano, e ainda hoje, os aposentados, como eu, eu já tenho bem vinte anos de aposentada e eu participo. A Ceíça era uma pessoa que também, eu não posso dizer também que ela tenha administrado essa coisa todo ano, porque não foi. Todo ano se elege ou faz uma brincadeira daquelas, então resultam em três ou quatro que vão programar a festa, aí entram os convites, entra o texto da oração, entra a arrumação, a escolha do local, o contrato da música, o contrato do jantar ou o lanche. Então, isso tudo faz parte da nossa confraternização natalina que acontece, e toda vida a Ceíça fez parte e era muito inteligente, muito criativa, e ela sempre fazia muito bem quando ela estava no grupo, todos participavam, agora para ser como administração muda todo o ano (Informação verbal).¹⁵

Depreende-se, pois, que as comemorações festivas organizadas pelo DMTE Histórico continuaram, mesmo depois da aposentadoria dos primeiros professores que formaram o departamento, sempre com a participação de Conceição Carvalho. Essas festividades fortaleciam os laços de amizade construídos ao longo de anos de convivência assídua entre profissionais ligados ao departamento, e mesmo com o afastamento de suas funções, a essência desses encontros permaneceu, com o contato organizado anualmente para as comemorações de fim de ano.

¹⁵Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

Esses momentos organizados pelos docentes do departamento comprovam que apesar de não mais fazerem parte do corpo docente da instituição, os laços criados durante a convivência desde os primeiros anos de existência do departamento renderam frutos consubstanciados em amizades duradouras e que se fizeram sentir nas reminiscências dos entrevistados, quando se reportaram à docente.

Nessa perspectiva, de acordo com Reis (2010, p. 33-34),

a memória não se separa, mas se ‘distingue’ da imaginação. A memória é lembrança de uma experiência anterior, a imaginação não tem tempo anterior e nem lugar exterior. Ter ‘boa memória’ é ser capaz de se lembrar do passado com fidelidade e, apesar das suas deficiências, a memória tem a ambição de atingir a verdade. A memória é no singular; as lembranças são múltiplas, plurais. Os velhos têm mais lembranças e menos memória.

Ademais, as reuniões festivas realizadas pelos professores do DMTE Histórico, que tiveram início no passado, mesmo depois de anos, ainda se mantêm, como narrado pela Professora Terezinha Nogueira:

Ah, nós participávamos e ainda hoje nós nos reunimos de vez em quando. O Natal é sagrado, quando nós fazemos o Natal, nós já elegemos a comissão que vai fazer o outro, e a gente sempre se reuniu. Todo mundo se admira que ainda hoje nós continuamos nos reunindo, e às vezes, tem alguma coisa assim que é feito na casa de um, uma festa ou um sentimento triste, mas a gente se reúne sempre. Nós continuamos amigos. O pessoal do DMTE continua se reunindo. Agora mesmo, há poucos dias, eu fui na casa da Leontina. Um dia desses, nós fizemos um tipo “vai quem quer”, nós fizemos bem aqui nesse Restaurante Guarani. Sabe que dia foi? Na quarta-feira passada, nós nos reunimos no Restaurante Guarani e a gente de vez em quando se reúne lá na Fazendaria Café. Ah, vamos nos reunir hoje, no Restaurante Coco Bambu, vamos agora cinco da tarde. E a gente continuamos nos reunindo, continuamos amigas. Cecilia, Leontina, Teresa Virginia, Ceres, entendeu? Nós continuamos nos reunindo e continuamos amigas. O departamento foi assim histórico mesmo (Informação verbal).¹⁶

Nesse contexto, o professor Eudócio Soares teceu alguns comentários, reiterando o que foi comentado anteriormente pelas outras professoras. Sobrelevou a participação de Conceição Carvalho nas reuniões realizadas pelos docentes do departamento, que incentivava a convivência fora do ambiente de trabalho, revigorando os laços de amizade. Sobre os momentos de cantoria, estimulados pela interação da docente com suas amigas de trabalho, aspecto igualmente apontado pelas outras entrevistadas, complementou:

¹⁶Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

A Ceiça era uma das incentivadoras desse movimento DMTE Histórico e ela participava de um grupo de cantoras, no departamento ela tinha um grupo de cantoras, que eu não me lembro como era o nome. Cantavam no grupo ela e a professora Conceição Franco, a professora Leontina e outras colegas participavam desse grupo, era muito animado, que era aquela questão que eu volto, quer dizer, do bom relacionamento, da boa convivência e que a Ceiça era uma das incentivadoras disso (Informação verbal).¹⁷

Em relação ao DMTE Histórico, a Professora Leontina Lopes fez uma ponderação que resume basicamente toda a ideia a respeito do que seria realmente a proposta desse grupo de professores, em especial, a questão da mentalidade e da atenção que a professora Conceição Carvalho mantinha em relação às amigas de trabalho, o que marcou as suas lembranças sobre o grupo:

Essa história do DMTE Histórico é muito parecido com ela, porque ela acreditava que nós éramos um departamento, que nós tínhamos história mesmo, de fazer um trabalho bem feito e de professores competentes e de professores afetivos. Isso me orgulha muito como pessoa, já disse várias vezes nas reuniões, que o DMTE me deu muitas lições de vida, graças a Deus que eu convivi com aquele grupo, que foram meus professores e de repente, foram meus amigos. E eu tive muito orgulho de ter aprendido com eles essa questão da decisão coletiva, da força de grupo e a questão dos afetos, principalmente essa questão dos afetos, tanto ela como a professora Cecília, é no aniversário de alguém, aquele bilhetinho debaixo da porta, um cartãozinho, uma flor. Elas eram muito chegadas a isso, a Cecília ainda está viva e a Ceiça já se foi. Então, eu acho que isso prende muito as pessoas, sabe, essa questão do afeto. Então, elas primavam muito por isso, eu acho uma grande marca do nosso departamento, foi essa construção dessa afetividade de grupo (Informação verbal).¹⁸

Nessa lógica, “as lembranças se implantam no solo da memória, são como cachos de memória” (REIS, 2010, p. 34). Destarte, com base nas alocações auferidas nas entrevistas, contempla-se que Conceição Carvalho, enquanto professora do DMTE Histórico, deixou marcas positivas de sua atuação, conforme demonstrado por seu grupo, roboradas em impressões construídas a partir de uma convivência prazerosa, que deixaram resquícios pontuados pela grande maioria, sobre questões que denotavam características atinentes ao desempenho da docente, louvável em todos os sentidos possíveis.

Mas o que realmente era essa reunião? Para o Professor Eudócio Soares,

o ‘Vai quem quer’ acontecia quando saíamos da universidade e dizíamos assim: vamos para ali em um ‘Vai quem quer’! Era assim, uma reunião que

¹⁷Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

¹⁸Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

não era para discutir questões da universidade, não era para discutir essas questões de política da universidade, era mais uma questão social. O ‘Vai quem quer’ era para tomar uma cervejinha, uma biritinha (Informação verbal).¹⁹

Para mais, relativo à convivência desses professores com Conceição Carvalho, no departamento, a professora Leontina Lopes elencou alguns pontos em relação à docente, a saber:

A Conceição Carvalho ela era uma pessoa de fácil convivência, ela era uma pessoa muito de ouvir, uma das características dela de ouvir, de apaziguar, muito política e polida, muito inteligente, são as características mais marcantes dela, aquela polidez, aquela mansidão, aquele sorriso largo e muito perspicaz também. Então, a nossa convivência era uma convivência muito boa, muito mesmo e, aliás, com todo mundo lá ela se dava bem, era uma pessoa muito amável, muito acolhedora (Informação verbal).²⁰

A listagem de características relatadas demonstra a boa convivência e a capacidade de ouvir os outros, bem como outros traços, como o fato de ser apaziguadora, política e inteligente. Incluiu, ainda, detalhes muito peculiares da docente, como o comportamento manso, o sorriso largo e a sua perspicácia, talvez em virtude de ser rápida na solução de problemas ou algo do tipo. Além do mais, atestou a harmonia com todos os integrantes do departamento, pelo fato de ser uma pessoa amável e acolhedora.

As lembranças ligadas à Conceição Carvalho enquanto companheira de trabalho do departamento eram frequentemente apontadas pela professora Leontina Lopes, que atribuíam características peculiares de seu próprio comportamento de forma comparada, em relação ao comportamento no convívio, sobre essa relação sadia de Conceição Carvalho com os outros professores no DMTE, reforçando algumas qualidades que, na visão da entrevistada, foram determinantes para a formação de laços duradouros.

A sua alegria! Ela era uma muito alegre e muito de paz, ela não gostava de inimizade. Ela era muito tranquila. Eu já era mais irritada, eu me irritava com muito mais facilidade com as pessoas, assim. Mas, às vezes, até eu ficava recuada, que alguém chama de guardar rancor, hoje não, a idade vai ensinando a gente a ter outras atitudes, mas ela era uma pessoa muito apaziguadora, além da sua competência, ela era uma pessoa muito alegre e dinâmica (Informação verbal).²¹

¹⁹Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

²⁰Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

²¹Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

A competência profissional foi uma peculiaridade clara na fala da entrevistada, ratificando que Conceição Carvalho foi competente no que fazia, deixando marcas significativas de seu trabalho e de sua atuação nas memórias daqueles que com ela conviveram, e nas impressões construídas quanto ao seu desempenho docente, efetivamente em sala de aula.

Concomitante a isso, segundo Reis (2010, p. 34),

a memória é como a parede de uma galeria de arte, onde estão pendurados quadros-lembranças que emocionam, que causam mais ou menos sofrimento ou alegria. Nós nos lembramos de eventos, nomes, rostos, paisagens, textos, endereços, telefones, tabuada, conjugação dos verbos etc. A lembrança é um tipo de imagem, assim como a imaginação, mas, para Ricoeur, não há como confundi-las: a lembrança pertence ao mundo da experiência ante o mundo da fantasia, da irrealidade. O primeiro é um mundo comum, compartilhado; o segundo é livre, indeterminado.

O desempenho docente de Conceição Carvalho no DMTE foi lembrado pela professora Terezinha Nogueira, no que se refere ao trabalho desenvolvido no departamento, à participação externamente ativa e vivida plenamente. A atuação diante das deliberações construídas no cotidiano das atividades departamentais foi edificada em conjunto, nas reuniões e nas discussões coletivas.

Ela era muito participativa no DMTE, ela era participativa, quando falavam em DMTE, lembravam de Conceição Carvalho, e quando falavam em Conceição Carvalho, lembravam do DMTE. O departamento lembrava dela porque ela foi uma pessoa assim que vivenciou e viveu o DMTE, participava de tudo e coordenava muita coisa, era assim muito produtiva, que tinha iniciativa, que tomava as iniciativas (Informação verbal).²²

Essa associação do nome da docente ao departamento, atribuída na fala da entrevistada, ilustra que era ativa a participação de Conceição Carvalho nas questões discutidas e decididas no âmbito do DMTE, o que se comprova pelo grande número de participações dela na coordenação de trabalhos desenvolvidos pelos professores do departamento, patenteada pelas fontes documentais reunidas nesse estudo.

Para Nóvoa (1999, p. 17), “os professores são funcionários de uma forte intencionalidade política, devido aos projetos e às finalidades sociais de que são portadores”.

Pode-se inferir, então, que “os professores são os protagonistas no terreno da grande operação histórica da escolarização, assumindo a tarefa de promover o valor educação: ao

²²Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

fazê-lo, criam as condições para a valorização das suas funções e, portanto, para a melhoria do seu estatuto socioprofissional” (NÓVOA, 1999, p. 18).

Nessa lógica, sua figura esteve por muito tempo atrelada ao departamento, onde sua credibilidade foi construída por meio dessa participação ativa em circunstâncias criadas e desenvolvidas pelos docentes do DMTE, cujo envolvimento propiciou uma vivência e convivência produtiva estabelecida pela docente, marcada pela iniciativa e busca de resultados.

Diante dessa realidade, “as instituições de formação ocupam um lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum” (NÓVOA, 1999, p.18).

O tom enfático sobre a competência atribuída à atuação docente de Conceição Carvalho também foi verificada na fala da professora Cecília Mendes: “como docente, pelo que eu observei e o que eu sentia dos alunos, sempre foi uma professora respeitada, como professora competente, responsável que preparava as aulas. Então, as melhores referências possíveis” (Informação verbal).²³

No que tange às impressões da professora Terezinha Nogueira em relação à Conceição Carvalho, releva-se a competência atribuída ao seu desempenho docente e ao contato com os alunos: “olha, a Conceição era uma professora que era competente, tanto competente como ela era uma professora que não era uma dominadora, ela era uma professora que ela dava aula e os alunos gostavam dela e da aula.” (Informação verbal).²⁴

Todos acrescentaram lembranças sobre a atuação de Conceição Carvalho no DMTE, no sentido de como ela se portava diante das situações experienciadas com os outros professores companheiros de trabalho, o que leva a deduzir que possuía muitas ideias inovadoras, e iniciativa na busca por melhorias para o trabalho realizado no departamento, onde a liderança era uma marca de suas intervenções naquele ambiente.

Resumindo: ela dispunha de energia e era incansável na promoção do trabalho docente, ou seja, “colocava a mão na massa e pegava no pesado em nome dos resultados para o departamento” (Informação verbal, Eudócio Soares, Entrevista, 2018).

Ela era super dinâmica, com muitas ideias, com muitas mesmas, era uma pessoa de ter ideias, de discutir ideais, de ouvir ideias e de ouvir os outros, não era aquela pessoa de dizer faça isso, faça aquilo, ela estava dentro,

²³Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

²⁴Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

ajudava a fazer uma coisa para aquela pessoa, porque tem gente que só colhe ideias dos outros e manda os outros fazerem. Ela, não, era realmente de discutir ideias e fazer exercer essas atividades, são duas pessoas assim que me marcam nessa percepção democrática das coisas, ela e a professora Cecília, elas tinham essa visão democrática que todos possam se apropriar dos direitos, das vantagens e das ofertas de forma equitativa (Informação verbal).²⁵

A questão da discussão democrática ficou evidente na fala da entrevistada, ao declarar que as ideias eram criadas e discutidas coletivamente durante as reuniões departamentais, o que estimula a idealização dessa imagem de pessoa democrática por parte de seus companheiros de trabalho.

Contudo, isso não tira o mérito de sua postura como líder diante das situações discutidas, desenvolvidas e deliberadas nas reuniões departamentais ou em encontros ocasionais na sala dos professores, momento em que também contribuía com as discussões entre os que atuavam no departamento, o que foi amplamente comentado pelas entrevistadas.

A paixão pelo magistério é recorrente na fala da entrevistada, para quem as professoras de hoje em dia não são mais como as de antigamente, pois não há essa dedicação e vivência no trabalho. Isso retrata a tamanha dedicação que Conceição atribuía à função de ensinar, ou seja, de incitar o conhecimento em um ambiente tão propício para construir bases epistemológicas, como a universidade.

A relação de Conceição Carvalho com os alunos foi outro ponto reforçado pelos entrevistados. Para Leontina Lopes, a amiga mantinha uma boa relação com os alunos, sem conflitos.

Olha, eu sinceramente eu nunca vi nenhuma desavença, assim, porque às vezes acontece, né? Nós somos humanos, às vezes, o professor tem um temperamento muito forte e não sabe recuar, acha que se recuar está sendo submisso ao aluno ou com medo do aluno. Com relação a isso, eu nunca vi nenhuma história, porque ela era uma pessoa que tinha muita habilidade de interagir com os outros e com os alunos, então eu acho que ela era uma pessoa muito querida e muito admirada pela sua competência. Eu não me lembro de ter havido nenhum mal-entendido assim entre alunos. Até porque ela tinha competência para administrar esses conflitos, ela era uma pessoa, inclusive, competente nesse sentido, administradora de conflitos (Informação verbal).²⁶

O bom relacionamento é algo complicado de se construir em sala de aula, e para isso se concretizar, depende muito dos envolvidos. Pelo que falou a entrevistada, Conceição

²⁵Leontina Lopes. Entrevista. 2018.

²⁶Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

conseguia se sobressair nos momentos de interação com os discentes, mediando e administrando qualquer situação conflitante.

Ainda sobre a relação com os alunos, a professora Cecília Mendes aludiu que havia um bom relacionamento entre Conceição Carvalho e eles, e apesar de não estar em sala de aula, não relatou nada de negativo em relação à conduta desta, na opinião dos alunos, no sentido de possuir algum problema. E ratificou isso em sua fala: “Olha, a relação, a gente observa sempre em sala de aula e nós não estávamos em sala de aula junto com ela, mas eu nunca ouvi ninguém dizer nada de ruim da Ceixa, ao contrário, era professora elogiada pelos alunos e respeitada” (Informação verbal).²⁷

Mas será que em algum momento houve conflito entre Conceição Carvalho e os alunos? Essa relação professora-aluno teve altos e baixos? Ocorreram situações isoladas de conflitos, que tenham chegado ao conhecimento dos outros professores do DMTE? Houve alguma briga ou discussão entre ela e algum aluno mais exaltado? Será que essa paz mencionada por Cecília Mendes foi constante nas relações entre professores e alunos do departamento? Será que atritos entre docentes e discentes eram escondidos pela gestão do departamento? Será que os alunos eram mais submissos em relação a qualquer tipo de afrontamento sobre decisões, metodologias e conteúdos ministrados pelos docentes da universidade, e por terem medo das consequências de se fazerem impor em relação a um professor, evitavam posturas mais exacerbadas?

Essas e outras indagações merecem ser reflexionadas, pois se supõe que talvez algo ficou escondido nessas memórias, ou seja, os não ditos que foram ocultados, ou até mesmo apagados. Até podem ter sido suprimidos para não imprimir uma imagem negativa em relação à Conceição Carvalho, mas se trata apenas questionamentos, não afirmações.

Prosseguindo com a relação entre a docente e seus alunos, a professora Terezinha Nogueira indicou que a relação de aluno e professora existia além da sala de aula, por meio de conversas, sempre com contato fora do ambiente de aula: “a relação parece-me que era boa. Porque eles conviviam com ela além da sala de aula, assim participavam, conversavam, procuravam. Então, eu acho que era muito boa. Por isso, que eu digo que ela, além de professora, ela convivia com os alunos fora da sala de aula” (Informação verbal).²⁸

De fato, Conceição Carvalho deixou vestígios de sua atuação no grupo DMTE Histórico e a sua convivência assídua proporcionou laços de amizade edificados a partir de relação desenvolvida juntamente com os outros docentes do departamento e, por isso,

²⁷Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

²⁸Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

inúmeras lembranças foram trazidas à tona quanto às reuniões que eram marcadas muitas vezes para discutir questões de trabalho, assim como para promover momentos de descontração, certamente marcantes para os entrevistados.

1.3 Busca por qualificação profissional

A formação em serviço de Conceição Carvalho foi constante em seu período de atuação na universidade, especificamente no DMTE. Tendo em vista a necessidade de adentrar na questão da formação continuada, teve-se o cuidado de especificar dois momentos para que se compreenda como se desenvolveu essa preocupação para ela.

O primeiro foi a realização do Curso de Aperfeiçoamento em Educação, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio do qual concretizou sua entrada no Curso de Mestrado em Educação, também na UFRGS.

Entende-se, juntamente com Nóvoa (1999, p. 26), que

a formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no sector educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão. Ao longo da sua história, a formação de professores tem oscilado entre *modelos académicos*, centrados nas instituições e em conhecimentos ‘fundamentais’, e *modelos práticos*, centrados nas escolas e em métodos ‘aplicados’. É preciso ultrapassar esta dicotomia, que não tem hoje qualquer pertinência, adoptando modelos profissionais, baseados em soluções de parceria entre instituições de ensino superior e as escolas, com um reforço dos espaços de tutoria e de alternância.

Nessa perspectiva, Cecília Mendes falou sobre como era Conceição Carvalho e sua preocupação com a formação intelectual, dando ênfase à qualificação, desde os primeiros momentos em que passou a integrar o departamento:

A Ceíça era interessada em progredir, ela fez questão de sair para fazer mestrado. Depois que se aposentou por tempo de serviço, ela fez questão de voltar e fez doutorado, e fez novo concurso. Então, uma pessoa que mesmo que mostra paixão pelo magistério e pelo serviço de repassar informações, de construir conhecimentos com os alunos (Informação verbal).²⁹

O primeiro indício relacionado ao afastamento da docente para a realização de Curso de Aperfeiçoamento em Educação na UFRGS é o Ato da Reitoria nº 28/77, que a dispensou das atividades junto ao DMTE pelo período de quase dois meses, a fim de realizar o curso.

²⁹Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

Para Ginzburg (1989), “as pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas, indícios, signos pictóricos.” Logo, as pistas relacionadas aos períodos de realizações de cursos qualificativos foram condensadas no emaranhado de informações sobre essas passagens formativas na vida da professora.

A fim de concretizar esse afastamento provisório, a docente assinou um Termo de Compromisso celebrado entre a universidade e ela, resguardando alguns direitos em relação ao afastamento de suas funções profissionais e atribuindo deveres ligados à sua volta às funções de ensino. O documento tem duas páginas que apontam muitas obrigações e um dever, em especial: de que findado o curso, em seu retorno à UFPI, ela deveria entregar um relatório sobre as atividades desenvolvidas durante o curso.

Segundo informações concedidas pelos entrevistados, essa prática de sair para outras instituições em regiões diferentes do país era algo relativamente comum, e a maiorias dos professores se submetiam a essa “aventura” de procurar qualificação longe de seus familiares e de sua terra natal.

Assim, Conceição Carvalho buscou no Sul do Brasil formação continuada visando à qualificação profissional e ascensão na carreira. Dentre as fontes documentais comprobatórias desse fato, indica-se o certificado de conclusão do Curso de Aperfeiçoamento em Educação, exibido na Figura 15.

Figura 15 – Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Educação



ALUNO: MARIA DA CONCEIÇÃO SOUZA DE CARVALHO						
DOCENTE	TITULAÇÃO	DISCIPLINA	CRÉDITO	FREQUÊNCIA %	NP/SENAULA	CONCEITO
Anna Maria Rangel Monteiro Lucile Maria Costi Santary et	Licenciada Mestre	Introdução Métodos Quantit. em Pesquisa Educacional	3	100	45	B
Maria Helena Degani Veit Paulo Schütz	Mestre FAP Educ.	Introdução ao Método Científ. fica	3	100	45	A
Ana Carolina Regner Sosa Maria Martini de Matem	Bacharel Licenciada	Teoria da Ciência	3	100	45	A
Humberto Elias Rafaelino Antonio Andreola	Pós-Grad. Licenciado	Introdução à Análise de Sig. Temas Educacionais	3	100	45	B
Lêa da Cruz Fagundes	Licenciada	Desenvolvimento da Educação	3	100	45	A

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SECRETARIA FEDERAL DE EDUCAÇÃO
M E T O D I A
CERTIFICADO registrado sob nº. 54
Fls. 1234 de Livro 2009
Em 22 de Setembro de 1977
Ass. Educação do Grêmio

REC-UFRS
Curso de Pós-Graduação em Educação
REGISTRO nº. 003
Fls. 1234 de Livro 2009
Paria Alegre, em 06 de Setembro de 1977

VISTO
Coordenador
JURACY C. T. SILVA
Coordenador do Curso de
Pós-Graduação em Educação-UFRS

Porto Alegre, 20 de setembro de 1977.

Fonte: UFRS (1977).

Esse curso consistiu em uma forma de promoção de novos saberes no campo da educação, pois devido à falta de oportunidades formativas no Piauí, buscava-se qualificação em outras regiões do país, submetendo-se ao dilema de afastamento do convívio familiar, com o propósito maior de avançar sobre questões epistemológicas e fecundar a formação continuada.

Depois do Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Conceição Carvalho entrou para o Curso de Mestrado em Educação da UFRGS. A relação entre esse primeiro curso e a entrada no mestrado pode ser identificada por meio de fonte documental – uma declaração emitida pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, segundo a qual o desempenho da docente no curso de aperfeiçoamento foi determinante para a sua aceitação no mestrado. Há indícios, inclusive, de atestado emitido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, mencionando a realização do curso e que ele era pré-requisito para o Mestrado em Educação.

Talvez algumas das disciplinas cursadas no mestrado fossem equivalentes àquelas vistas no aperfeiçoamento e, por isso, o atestado indicava que elas não precisariam ser realizadas novamente, pois já haviam sido cursadas, sendo necessário apenas cumprir as disciplinas complementares.

Dentre as fontes localizadas sobre o Curso de Mestrado em Educação de Conceição Carvalho, encontraram-se: três requerimentos de solicitação de afastamento das funções docentes na UFPI; dois Atos da Reitoria sobre os pedidos de afastamento; dois termos de compromisso celebrados entre a docente e a instituição; documento de procedimentos para julgamento da dissertação; comunicado de homologação do título de mestre em educação; e os pareceres de aprovação da dissertação, enviados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

A docente enviou requerimento ao Magnífico Reitor da UFPI informando de sua aprovação na seleção para ingresso no Curso de Mestrado em Educação na UFRGS, daí porque necessitava de afastamento de suas atividades na universidade pelo prazo de dois anos, a partir de março de 1977, a fim de realizar o curso.

Todavia, no Ato da Reitoria nº 90/77, o Reitor autorizou o afastamento de Conceição Carvalho de suas funções junto ao DMTE, no CCE, pelo período de apenas um ano, para que ela realizasse o Curso de Mestrado em Educação na UFRGS. Além desse Ato da Reitoria, detectou-se um contrato ou termo de compromisso celebrado entre a docente e a instituição, por meio do qual se delegavam deveres e resguardavam direitos em relação ao afastamento temporário de suas funções com vistas à realização de curso formativo para qualificação profissional continuada.

O contrato ou termo de compromisso celebrado entre a docente e a instituição contém sete cláusulas que elencam muitos deveres a serem cumpridos por Conceição Carvalho e poucas garantias, além de exigência de apresentação de relatório sobre o afastamento, e em caso de descumprimento, estaria impossibilitada de requerê-lo novamente junto à instituição.

Sobre as formações em serviço realizadas externamente à universidade, o professor Eudócio Soares guarda algumas recordações ligadas ao momento em que muitos docentes da instituição saíam para realizar cursos formativos fora do Estado, a exemplo de Conceição Carvalho.

Externamente, como aqui não existia mestrado e nem doutorado, o centro ele mandava, facilitava e contribuía para formação em outros Estados, em outros Estados da federação. Então, nós, não somente, foi inicialmente a formação de mestre, eu sou um exemplo, tanto para mestrado como para doutorado, ainda era forte essa saída, existiu um grande número de professores, na época, até no início se admitia até graduados. Então, quando eu entrei, eu somente tinha a graduação e muitos outros, até a própria professora Conceição. Daí, nós nos qualificamos e fizemos especialização, antes mesmo do centro possuir essas especializações, através de convênios. Eu fiz e outros professores fomos fazer especialização em Parnaíba, daí é que começamos a sair para fazer a qualificação fora, vários professores na Universidade Federal de São Carlos, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Santa Maria, em Porto Alegre, no Rio de Janeiro, e depois, também, nas Universidades Católicas, por exemplo, na do Rio de Janeiro e na PUC de São Paulo, na formação de mestrado. Posteriormente, é que começamos a sair para fazer os convênios de doutorado, é tanto que nós fizemos esses convênios com a Universidade Federal do Ceará e com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, qualificando todos. E a coisa hoje está diferente, somente admite com mestrado e somente admite com o doutorado (Informação verbal).³⁰

³⁰Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

A busca por formações e qualificações profissionais era complicada de se materializar naquele período. Em conformidade com o entrevistado, os convênios firmados entre a UFPI e outras instituições de várias regiões do país eram iniciativas para fomentar a pós-graduação de muitos docentes pertencentes ao quadro de professores, com especial atenção aos que compunham o DMTE. Nesse enquadramento, Conceição Carvalho presenciou esse momento e foi umas das primeiras a corporificar a formação continuada em uma instituição fora do Estado.

Mas será que todos os professores do departamento, como afirmou Eudóximo Soares, foram para outros Estados para realizar cursos de mestrado e doutorado? Será que alguém não teve essa oportunidade? Os outros departamentos do CCE adotavam essa prática de qualificar os seus professores fora do Estado? Essa era uma preocupação da UFPI? São apenas questões para reflexão.

Acerca do período de afastamento de Conceição Carvalho de suas atividades docentes e do convívio com os outros professores do DMTE, inclusive os que faziam parte de seu ciclo de amizade mais íntimo, remete-se ao lembrete da professora Leontina Lopes sobre aquele tempo longe de sua amiga de trabalho:

nós ficamos com muita saudade. Quando ela se afastou, sentimos muitas saudades, e de vez em quando, ela mandava algum cartão, para dizer como era que estava, para ver como estava o departamento, ela nunca se ausentou, assim, não se desligou do departamento. Nós sentimos muitas saudades dela (Informação verbal).³¹

No ano seguinte ao primeiro afastamento da docente para cursar o Mestrado em Educação, foi concedida a prorrogação desse desligamento das atividades profissionais na universidade, novamente pelo prazo de um ano, conforme fonte documental expressa em Ato da Reitoria nº 750/78, que trata da prorrogação do afastamento da docente.

A dissertação de mestrado de Conceição Carvalho, intitulada *Eficácia do ensino universitário: um estudo da opinião de alunos*, foi aprovada com algumas ressalvas nos pareceres, sob a justificativa de que a base teórica utilizada no texto não condizia com a realidade do Brasil, pois empregou muitas fontes bibliográficas dos Estados Unidos da América. Entende-se que essa crítica possivelmente aconteceu por influência da orientação

³¹Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

recebida por ela, com base de conhecimentos vinculados às instituições pertencentes aos EUA.

Apreende-se, pois, que ela foi instigada pela linha de pensamento de sua orientação e não fez muitas conexões com autores nacionais e com as linhas de conhecimentos existentes no Piauí. Não obstante, conseguiu tamanho feito para a época, com a tão sonhada titulação de mestra em educação. Isso porque conquistar essa titulação aqui no Piauí seria impossível, pelo fato de não haver qualquer curso de mestrado no Estado, naquele momento.

A Figura 16 ilustra o diploma de mestrado da docente.

Figura 16 – Diploma do Curso de Mestrado em Educação



Fonte: UFRS (1983).

Quanto à formação em serviço da docente, além desses dois cursos, teve experiências em cursos de formação oferecidos pela UFPI, assim como por outras instituições fora de sua terra natal.

Ademais, constatou-se a participação de Conceição Carvalho em situações que envolviam a inserção de novos saberes, por meio de envolvimento em cursos de qualificação

profissional, tendo em vista a sua atuação docente na universidade. Sobre essas formações em serviço, foi possível a garimpagem de algumas fontes documentais que comprovaram a participação dela em cursos, seminários, encontros, eventos, treinamentos, conferências, minicursos, reuniões, entre outros.

Nessa via, destaca-se a existência de documentos relacionados com os processos formativos da docente durante a sua permanência na universidade em quantidade bem elevada, e para verificar quais os tipos e quantos foram, foi necessário construir um quadro com as devidas especificações acerca dessas informações.

Reputou-se mais prudente esse quadro, intitulado *As formações em serviço de Conceição Carvalho*, ser incorporado aos apêndices dessa dissertação. Assim, somaram-se trinta e seis participações de Conceição Carvalho em eventos formativos, muitos relacionados à sua atuação como docente universitária, provando a sua constante procura por capacitação, visando a aprimorar a prática docente na universidade.

No quadro, especifica-se o curso formativo, a instituição oferecedora, o período e local em que foi realizado. A maioria deles foi desenvolvido na própria UFPI, mas não se restringia a essa instituição, ampliando-se para muitos Estados do Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-oeste e Distrito Federal, algo relevante, pois a circularidade de saberes foi frequente em virtude de suas atribuições formativas docentes.

Portanto, a circularidade de saberes, conhecimentos e métodos oportunizados pelos momentos formativos em outros Estados possibilitaram novos olhares em relação à sua postura como profissional. Essas viagens pedagógicas foram propulsoras de ampliação de bases epistemológicas e isso pode ter sido reflexo de sua procura por mais qualificação continuada.

Nessa seção, abordou-se o ser e fazer de Conceição Carvalho como docente no DMTE, por meio de interpretações emanadas das fontes documentais reunidas nesse estudo, assim como por intermédio das memórias dos entrevistados que conviveram assiduamente com ela durante vinte anos, na primeira fase dela como professora da UFPI, entre 1974 e 1995.

Naquele período, prestou contribuições alusivas ao desenvolvimento do ensino no âmbito do departamento, do centro e da universidade, deixando rastros de sua atuação na história da instituição. Mas Conceição Carvalho, além de desempenhar a função de professora, transitou por cargos de gestão na UFPI? Como se deu essas participações em cargos gestores na UFPI?

2 ENTRE GABINETES E JARDINS

Finalmente, quero deixar registrada a minha convicção de que ninguém mais, em sã consciência, pode hoje chamar o CCE de “florzinha”, embora algumas flores tenham sido plantadas nas áreas verdes deste Centro. Elas fazem bem a vista e ao espírito, que pode ser sensível sem deixar de ser lógico. Enquanto Centro de Ciências da Educação não pode ser outra a nossa postura se não a do cientista (CARVALHO, 1993).

O trecho em epígrafe faz parte do discurso de despedida da gestão da direção do centro, onde Conceição Carvalho, de forma metafórica, destaca a preocupação, em seu mandato como diretora, de retirar o estereótipo pejorativo “florzinha”, atribuído ao centro, em decorrência de este possuir, em sua grande maioria, mulheres à frente do magistério superior, reforçando a ideia de valorização docente feminina, mesmo tendo sido plantados novos jardins como forma de melhorar a estética do ambiente, não deixando de cultivar o espírito científico no âmbito da educação.

Nessa seção, apresentam-se reflexões e informações relacionadas às participações da professora Conceição Carvalho na UFPI, destacando sua atuação como Chefe do DMTE e Diretora do CCE.

Para tanto, perscrutaram-se fontes documentais e entrevistas que trazem informações sobre o trânsito da susodita professora em múltiplas instâncias acadêmicas da UFPI. Por meio desses dados, pretende-se compreender sua atuação enquanto gestora nos cargos ocupados na instituição.

As informações alcançadas a partir das fontes pesquisadas suscitaram algumas indagações, a saber: quais as principais contribuições deixadas pela professora em suas passagens pelos cargos de gestão, na UFPI? Que ações marcaram essas atuações como gestora? Como se articulou com suas redes de sociabilidades no DMTE e no CCE?

Conceição Carvalho transitou por esses cargos de gestão durante um tempo considerável na história da UFPI – erca de 16 anos. Nessa perspectiva, questiona-se como uma mulher atuou em cargos no funcionalismo público piauiense, considerando que nas décadas de 1970, 1980 e 1990, a figura feminina atravessava dificuldades para construir uma carreira no serviço público federal, porquanto o preconceito e a falta de aceitabilidade ocasionada pela predominância de homens nos melhores cargos – principalmente nos mais expressivos – era recorrente na sociedade, constituindo entraves constantes para que a feminilidade conseguisse se estabelecer nas melhores posições trabalhistas.

Diante das barreiras vinculadas à figura da mulher no serviço público, corrobora-se o enunciado de Souza e Sardenberg (2013), para quem o histórico limitador das mulheres nos espaços públicos está atrelado e ancorado na cultura hegemônica androcêntrica e nas desigualdades de gênero, restringindo-as sempre aos espaços privados, à sua “natureza”, ao cuidar e procriar.

Na produção científico-acadêmica, essas limitações vinculam-se, igualmente, a valores e ao modelo de racionalidade das ciências ocidentais modernas hegemônicas, em um saber-poder que tem, historicamente, subjugado as mulheres.

Nesse contexto, nomeadamente no que se refere às questões pertinentes às ciências e à produção do conhecimento em espaços universitários, tais práticas foram sendo alteradas, pois como aduziram Rago (1998 apud SOUZA) e Sardenberg (2013), a partir dos anos 1960, as mulheres, como um grupo mais organizado, passaram a criticar essa forma de fazer ciência – positivista, androcêntrica –, imprimindo contribuições patentes para a mudança de paradigmas no esteio do advento de teorias pós-modernas e propostas desconstrutivistas.

À vista disso, as mulheres propuseram um projeto de ciência alternativo e democrático, pautado na concepção de dar voz e vez a múltiplas falas, atores e sujeitos, com perspectivas de análises sociais concretas, opondo-se ao modelo cartesiano de verdades universais. Nesse ensejo, uma das principais críticas propostas diz respeito a essa forma de pensar o conceito universal de homem – que remete ao branco-heterossexual civilizado do Primeiro Mundo, deixando de lado todos aqueles que escapam dessa referência.

Isso posto, patenteia-se a necessidade de compreender como a professora em epígrafe conseguiu atuar em suas funções docentes granjeando cargos de gestão na mais importante instituição de ensino superior do Estado – funções predominantemente masculinas.

Destarte, valida-se o posicionamento de Sardenberg; Souza (2013), no sentido de que tratar da visibilidade das mulheres nos espaços públicos implica questionar as práticas e concepções do contingente feminino que, historicamente, instalaram-se nos espaços privados, mas transitaram para o público.

Pontua-se, pois, que o sexo feminino tem capacidades suficientes para gerir satisfatoriamente qualquer setor de trabalho público. Contudo, questiona-se: Conceição Carvalho esteve cercada de fatores que dificultavam sua ação em cargos de gestão na UFPI?

Essas e outras interrogações estiveram presentes durante o processo de pesquisa nos documentos, que tiveram de ser cruzados com as memórias dos contemporâneos da professora, os quais conviveram com ela no período em que atuou como gestora de alguns setores na UFPI.

Então, o *corpus* documental aqui reunido, composto por Atos da Reitoria, portarias, declarações e outros documentos foram entrelaçados com os relatos coletados nas entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro ex-professoras(es) do DMTE e um ex-funcionário técnico administrativo do centro.

Dentre os documentos encontrados, elencam-se: o Ato da Reitoria nº 322/79, que a designou para ocupar a cadeira de Chefe do DMTE; o Ato da Reitoria nº 262/89, que a indicou para a Diretoria do CCE. Tais comprovantes apontam informações relevantes, pois ajudam na compreensão dos acontecimentos vividos por ela durante o período em que ocupou esses cargos na UFPI. Esses documentos precisam ser analisados segundo as ideias e conceitos de Le Goff (1984, p. 103): “o documento é monumento, resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro determinada imagem de si própria.”

Dito isso, considera-se oportuno discutir algumas questões relacionadas a documentos como fontes, pois com as buscas de dados para realizar essa pesquisa, deparou-se com muitas referências contidas em fontes documentais pertencentes ao arquivo pessoal da docente, as quais oportunizaram apreender algumas circunstâncias vivenciadas por ela ao longo dessa experiência como gestora na UFPI.

Nessa lógica, com base nas orientações de Cellard (2012), o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é relevante em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas.

De acordo com Cellard (2012), o documento permite acrescentar a dimensão do tempo ao entendimento do social. Para Tremblay (1968 apud CELLARD, 2012), graças ao documento, passou-se a operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos mentalidades, práticas etc., bem como o de sua gênese até os nossos dias.

Por esse motivo, buscou-se entender o significado do documento para a pesquisa histórica, uma vez que as fontes documentais apoiam o esclarecimento de diversas questões ocorridas na vida acadêmica da supracitada professora, precipuamente no que tange às fases em que se encarregou de gerir o CCE.

Os documentos exercem papel indubitável na promoção da pesquisa em história, pois coadjuvam na assimilação de circunstâncias ocorridas no passado e que, de alguma forma, deixaram rastros. Essas informações são de grande valia para a compreensão e apreciação de

contextos vividos pela docente Conceição Carvalho, posto que mantêm relação com dados presentes nas linhas e entrelinhas das fontes documentais examinadas em seu arquivo pessoal.

Logo, os documentos trazem não apenas mensagens explícitas, mas também suscitam memórias de fatos vivenciados no passado. Esses acontecimentos fazem parte da vida dos indivíduos que estão ligados ao social. Assim, por meio da memória individual, pode-se encontrar vestígios de uma memória.

Na história, o documento, os monumentos e as memórias proporcionam a busca de argumentos para a apreensão de fatos passados, bem como de respostas em decorrência de indagações emergidas como consequência de intensões relacionadas à história de um indivíduo ou dos fatos que ele vivenciou, fazendo parte de sua história pessoal e compondo seus vestígios na conjuntura histórica universal.

Assim sendo, no próximo item, procura-se mostrar como se deu a passagem da professora Conceição Carvalho como gestora em algumas instâncias da UFPI.

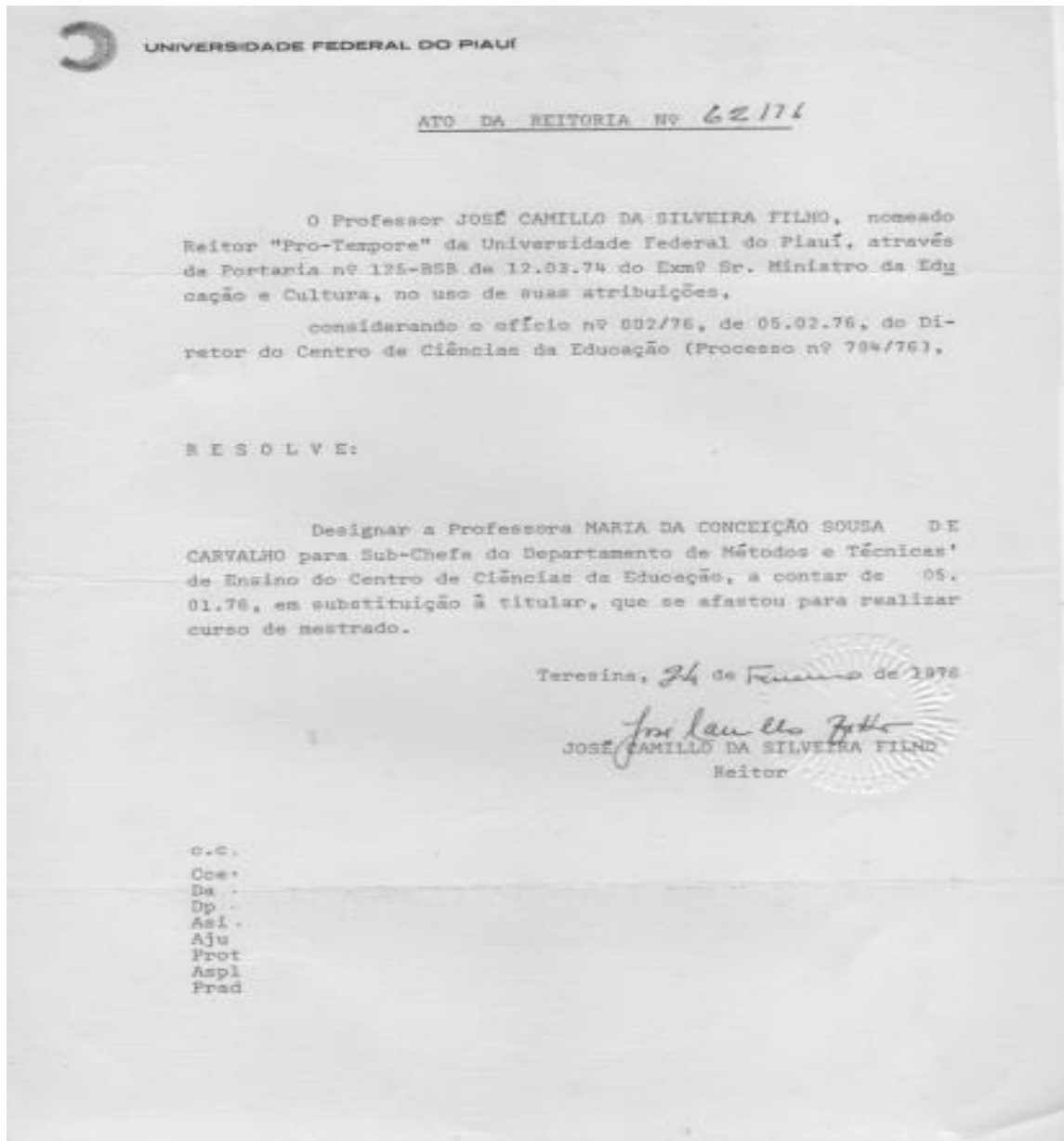
2.1 Funções de gestão e suas atribuições profissionais

Gestão é uma palavra permeada de significados. Provém do verbo latino *gero, gessi, gestum, gerere* e significa *levar sobre si, carregar, chamar a si, executar, gerar*. Trata-se de algo que implica o sujeito. Isso pode ser visto em um dos substantivos derivados desse verbo, qual seja *gestatio*, ou *gestação*, isto é, o ato pelo qual se traz em si e dentro de si algo novo, diferente, um novo ente. Ora, o termo *gestão* tem sua raiz etimológica em *ger*, que significa *fazer brotar, germinar, fazer nascer*. Da mesma raiz provêm os termos *genitora, genitor, gérmen* (CURY, 2005).

Na concepção de Cury (2005), a gestão pressupõe um ou mais interlocutores com os quais se dialoga pela arte de interrogar e pela paciência em buscar respostas que possam auxiliar no governo da educação, segundo a justiça. Nessa perspectiva, a gestão envolve o diálogo como forma superior de encontro entre as pessoas e a solução de conflitos.

Nesse viés, avulta-se que a primeira função ocupada pela professora Conceição Carvalho no meio acadêmico foi o cargo de subchefe de departamento. No ano de 1976, ela foi designada pelo então Reitor da UFPI, Professor José Camilo da Silveira Filho, por meio de Ato da Reitoria nº 62/76, a ocupar o posto de subchefe do DMTE, vinculado ao CCE, conforme indica a Figura 17.

Figura 17 – Ato da Reitoria nº 62/76



Fonte: Carvalho (1976).

O referido documento, emitido em Teresina, no dia 24 de fevereiro de 1976, nomeava a professora para ocupar o cargo de subchefe do DMTE a partir do dia 5 de janeiro de 1976, em substituição à titular, que havia se afastado para realizar curso de mestrado.

Esse documento é um tipo de material que transmite inúmeras questões relacionadas a um acontecimento. Os materiais propiciaram a construção de argumentos para o entendimento de circunstâncias passadas, onde a memória é parte integrante, pois mantém relações com as informações existentes neles. Para Le Goff (2003, p. 525), “a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os *documentos* e os *monumentos*.”

Os materiais que possuem memórias são importantes para o desenvolvimento de argumentos sobre as questões existentes, sobretudo nos documentos, pois o passado, de alguma forma, é remetido por meio dele. Sendo assim, com base em Le Goff (2003, p. 526), “estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador.”

Por isso, é necessário cruzar as informações e desmontar o monumento referente aos documentos da instituição universitária, com o auxílio de fontes documentais e memórias dos entrevistados, associando as informações com vistas ao levantamento do que foi evidenciado no estudo sobre a atuação gestora da docente.

Mas o que realmente fazia um chefe e subchefe de departamento? O regimento interno do CCE elencou de forma objetiva as atribuições pertinentes à função de Subchefe de Departamento. De acordo com a seção II, Arts. 57 e 58, consta que o Departamento de ensino era a menor parte da estrutura universitária, para todos os efeitos de organização administrativa e didático-científica. Ademais, aponta que o departamento tem um Chefe e um Subchefe designado pelo Reitor, escolhidos por meio de eleição direta, uninominal e paritária, da qual participam alunos matriculados no curso, professores e servidores técnico-administrativos a ele vinculados.

Além disso,

Art.63 existem as competências designadas ao Chefe e conseqüentemente ao subchefe do Departamento de Ensino: I – superintender, coordenar e fiscalizar as atividades do Departamento e suas dependências; II – exercer o poder disciplinar nos limites de sua competência e na forma do Regimento Geral da Universidade (UFPI, 1980, p. 21-23).

Por meio de contato com a família da docente, foi possível apurar que ela, ainda em vida, conservava relações com amigas de trabalho do departamento, as quais presenciaram as fases em que ela foi gestora daquele setor. Essas pessoas, mesmo aposentadas da UFPI, mantinham elos fortíssimos de convivência fora daquele ambiente, a exemplo das professoras Leontina Lopes, Terezinha Nogueira, Cecília Mendes, Amparo Ferro, e do professor Eudoxio Soares.

Dentre os nomes citados, há uma professora que trabalhava em uma faculdade particular da cidade de Teresina e mantinha comunicação ativa com a docente, a professora Leontina Lopes, com quem se buscou de imediato contato, que foi prontamente atendido. A docente foi informada de que se tratava de pesquisa sobre Conceição Carvalho, momento em que afirmou categoricamente que seria um imenso prazer falar sobre sua inesquecível mestra

e grande amiga de trabalho. Assim, aceitou conceder uma entrevista e fez questão de ser identificada, pois acredita que dessa forma, estaria valorizando a memória de sua amiga de trabalho, com quem conviveu tanto tempo na UFPI. Por meio desse contato, foi possível localizar outras professoras, que também aceitaram participar do estudo.

Sobre a passagem de Conceição Carvalho no cargo de Subchefe de Departamento, algumas informações foram auferidas por meio de uma entrevista com a Professora Leontina Lopes. Com relação à época em que Conceição Carvalho foi Chefe do DMTE, lembranças foram igualmente evidenciadas: “na época em que ela foi Subchefe, sempre mostrou essas características, de manter as reuniões, as discussões que nós fazíamos” (Informação verbal).³²

Pela asserção da entrevistada, deduz-se que no período em que foi Subchefe do DMTE, Conceição Carvalho manteve discussões envidadas nas reuniões departamentais, objetivando tratar de questões alusivas às situações cotidianas vivenciadas no âmbito desse setor de ensino.

A postura de um gestor é algo salutar nessas reuniões, pois uma pessoa centrada consegue administrar os ânimos em um debate, visando ao bem comum de um grupo de pessoas. Sobre isso, Leontina aduz que Conceição Carvalho, quando estava à frente de seu primeiro período em cargo de gestão no departamento, como Subchefe, “era uma pessoa alegre, acolhedora, mas que se fazia respeitar” (Informação verbal)³³.

Acrescenta-se a atribuição do Subchefe em substituir, em determinadas situações, o Chefe do Departamento: “o subchefe em geral apenas substituíria o chefe nos seus impedimentos. Então, em geral, era assim” (Informação verbal).³⁴

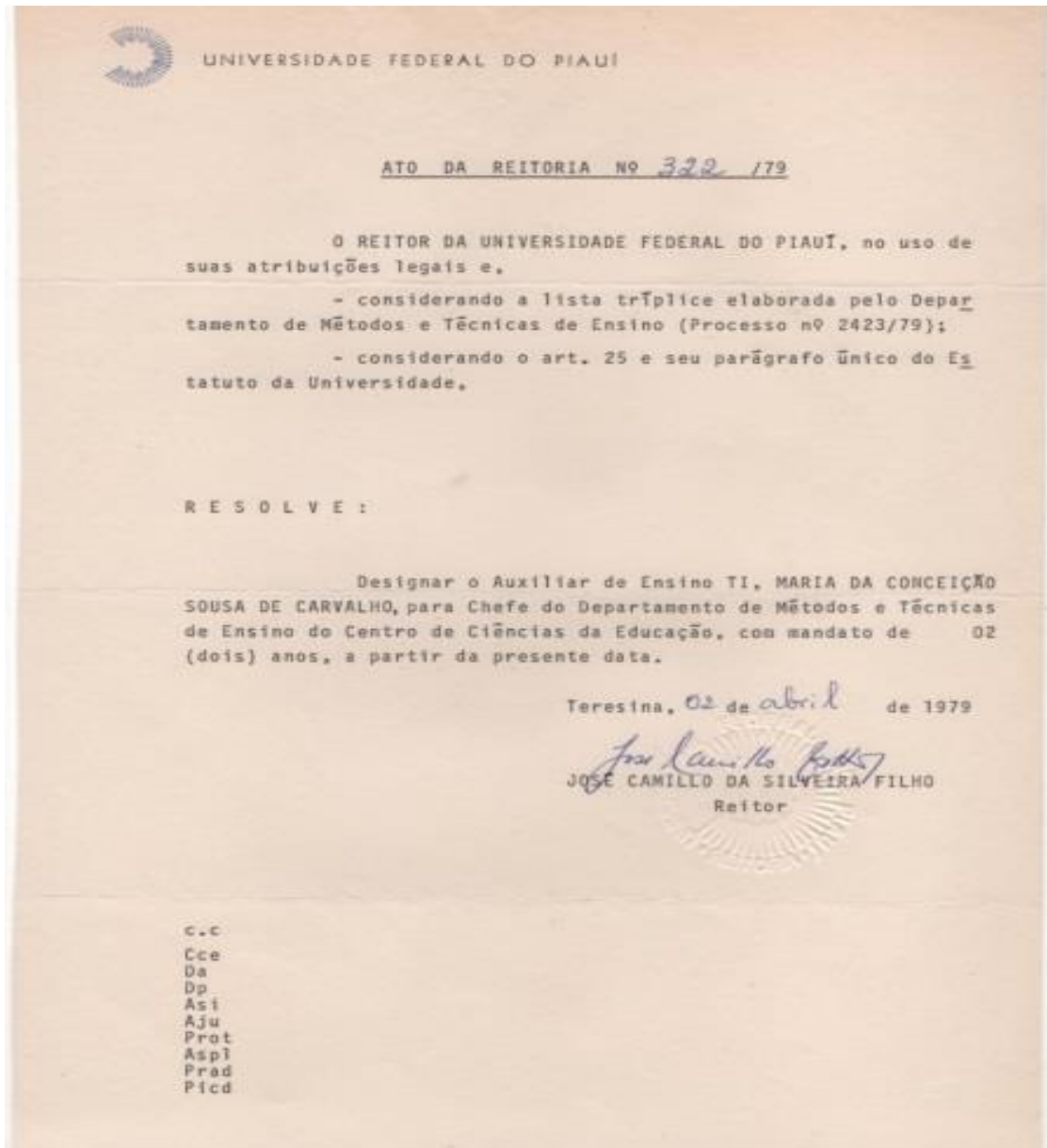
A professora Conceição Carvalho, ao retornar à UFPI após o término do período de afastamento para a realização de curso de mestrado em educação, foi nomeada para ocupar o mandato de Chefe do DMTE, por meio mediante Ato da Reitoria nº 322/79, como é possível verificar na Figura 18.

³²Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

³³Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

³⁴Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

Figura 18 – Ato da Reitoria nº 322/79



Fonte: UFPI (1979).

Para Cecília Mendes, nessa função, “ela foi uma chefe muito organizada e que sabia liderar o grupo de professores e estimulando a que todos crescessem e realizassem seu trabalho. Era uma boa chefe, uma boa Chefe de Departamento” (Informação verbal).³⁵

Na alocução do Professor Eudócio Soares, distingue-se sua recordação sobre a competência da docente, remetendo aos momentos de escolha, por parte dos outros professores, em relação à chefia gestão do departamento, pois devido à sua habilidade,

³⁵Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

Conceição foi indicada para participar de eleições e ser a representante maior do departamento.

Ah sim, ela era uma ótima profissional, competente. É tanto que nos cargos que eu assumi, quando ela assumiu, tudo era de eleição, nós éramos um grupo. Você tem que ir porque você nos representa! Então, era assim que nós escolhíamos o Chefe de Departamento e o Diretor de Centro. Então, era aquele grupo, então, se o grupo escolhia, é porque ela era uma pessoa competente. Nós achávamos que ela até deveria ter pleiteado ser Reitora, mas ela não quis, talvez pensando melhor não aceitava, mas que ela era uma profissional competente, não somente como professora, mas como administradora (Informação verbal).³⁶

Atina-se que as pessoas que compunham o DMTE se sentiam representadas por Conceição Carvalho como administradora. A representatividade à frente da direção do departamento foi uma constante nas afirmações dos entrevistados, pois a decisão do grupo reverberava nas escolhas realizadas em relação a quem deveria ser a porta voz e defensora dos interesses do departamento. Essa característica era tão patente que os docentes pleiteavam até mesmo a candidatura dela para a reitoria da universidade, por acharem nela características necessárias para a investidura no cargo.

Diante disso, o professor Eudóxio Soares reportou à época em que Conceição Carvalho foi gestora, especialmente quanto à tomada de decisões coletivas, que sempre foi o alvo das ações da docente sobre situações apresentadas nas discussões desenvolvidas no contato cotidiano no próprio departamento, principalmente nas deliberações.

A Conceição, ela dava muita liberdade, ela cobrava, mas dava muita liberdade, não era aquela chefe que ficava no pé, mas cobrava, ela queria sempre tomar as decisões com base em discussões dos grupos, nunca queria fazer só, não tomava a iniciativa. Então, ela ouvia e ela não mantinha somente esse contato com professores do DMTE, mas também com os professores dos outros departamentos, porque nessa época, já tinham o DEFE e a educação artística. Posteriormente, logo após, a comunicação. Então, ela sempre ouvia, mesmo como Chefe de Departamento, Diretora do Centro, ouvia os professores (Informação verbal).³⁷

Sobre essa representação e o diálogo com os outros docentes do departamento, mencionados pelos entrevistados, pode ser conferido no registro fotográfico em que a docente, na função de Chefe do Departamento e Conselheira, participa de reunião acadêmica solene no CCE, conforme se apresenta na Figura 19.

³⁶Eudóxio Soares. Entrevista. 2018.

³⁷Eudóxio Soares. Entrevista. 2018.

Figura 19 – Conceição Carvalho como Chefe do DMTE e representante em reunião acadêmica solene no CCE



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1979).

Entretanto, pouco tempo depois, ela teve de se afastar da chefia do DMTE para finalizar sua dissertação de mestrado. Para isso, redigiu um documento oficial ao Diretor do CCE solicitando dispensa de suas atividades como educadora e chefe.

A fonte ratificou que a docente, na ocasião em que ocupava o cargo de Professora Auxiliar lotada no DMTE, ministrando, naquele período letivo, as disciplinas Didática I e Métodos e Técnicas da Pesquisa Pedagógica, devido à necessidade de concluir sua dissertação de mestrado, que estava em fase de redação do relatório final, requereu ao diretor do centro: dispensa de suas atividades, por um período de sessenta dias, a partir de 1º de setembro de 1979, sem ausentar-se de suas atividades estritamente docentes, ou seja, as aulas; afastamento, também por sessenta dias, da função de Chefe do DMTE e, por consequência, sua substituição pela Subchefe, Arlene Rosa Pereira Ramos.

Pouco tempo depois, como resultado de sua solicitação à direção do CCE, encontrou-se vestígio sobre esse acontecimento, no caso, o pedido provisório de afastamento de algumas funções exercidas por ela na UFPI, com a emissão do Ato da Reitoria nº 816/79, atendendo às suas demandas, que foram, portanto, concedidas.

Consoante os entrevistados, o quadro de professores da universidade era muito restrito quando Conceição Carvalho foi fazer o curso de mestrado em educação. Com efeito, muitos desses docentes, mesmo realizando o curso de pós-graduação, contavam apenas com afastamentos temporários e tinham de permanecer em outras posições comissionadas, como cargos de gestão, por exemplo, sobrecarregando ainda mais a carga horária de trabalho.

No período em que a docente ocupou cargos de gestão, ela idealizou e realizou, com o auxílio de outros professores do departamento, algumas iniciativas de cunho extensivo social. Essa vertente de Conceição Carvalho foi evidenciada por intermédio dos entrevistados. Portanto, posteriormente ao conhecimento desse fato, surgiram novas indagações. Quais foram os projetos de extensão social realizados a partir da liderança da docente, quando no cargo de Chefe do DMTE? Como se deu a conjuntura dessas iniciativas extensivas desenvolvidas pelos professores do DMTE, na gestão da docente? Quantos e quais foram esses projetos de extensão social idealizados por Conceição Carvalho? Quais as memórias dos entrevistados em relação à participação da docente nesses projetos desenvolvidos na época em que ela ocupava a cargo de Chefe do DMTE?

2.1.1 Trabalhos sociais na gestão do departamento

Na época em que foi Chefe do DMTE, Conceição Carvalho primou pelas questões sociais, por meio de projetos de extensão, visando a interferir em localidades com vulnerabilidades sociais. Soube-se, por intermédio das entrevistas com os professores do DMTE, de dois desses projetos sociais de extensão que o departamento realizou sob a liderança da docente e participação de outras professoras.

O primeiro foi o projeto *Periferia vizinhança*, onde Conceição Carvalho, em parceria com outras professoras do departamento, foram realizar trabalhos de cunho educativo e social em uma comunidade muito humilde, localizada em um terreno ao lado da UFPI. Sobre esse projeto, Leontina Lopes assim se manifestou:

Nós tínhamos também na época um projeto chamado “Periferia Vizinhança”, formado por mim, Conceição, Cecília e Bethe Nogueira. Tinha uma favela

ali perto. Meu Deus para onde era? Eu não lembro mais se era ali para o lado onde fizeram o CCHL novo? Era assim em frente, onde tem as casas, era por ali. Nós fomos fazer o levantamento dessas famílias e ver como elas viviam. Eu não consegui, eu fui somente o primeiro dia e depois disse que não iria mais, por que via a pobreza, eu não sei se é por que eu já passei fome e achei aquilo terrível, as pessoas com aquele fogo apagado, assim uma coisa fria e eu disse: Nossa eu não vou aguentar vir aqui outras vezes não! E elas continuaram, com isso e trabalhando no projeto, mas eu fiquei meio assim de fora. Eu sei que nós fizemos algumas campanhas de coletar alimentos para levar para essas pessoas (Informação verbal).³⁸

O segundo projeto de intervenção e extensão realizado pelo departamento, na gestão de Conceição Carvalho, foi o *Escola Periferia*, concebido na Escola Noé Fortes, situada nas proximidades da universidade. No projeto, eram propostas atividades lúdicas, didáticas e pedagógicas, tendo como foco professores e alunos da referida instituição educativa pública. Em consonância com Leontina Lopes,

Tínhamos outro projeto também, que era trabalhar com a Escola Noé Fortes, que era ali próximo, onde era tudo mato, até por que, eu não sei se você sabe, que por aqui era tudo vacaria e campos, essas coisas. E o Noé Fortes servia mais aos filhos dos moradores dessas vacarias. Um tanto que essa escola se tornava obsoleta, não sei se você já viu, os alunos eles moravam em outros lugares, tinha um transporte que trazia essas crianças até a escola. Essa escola tem uma estrutura física muito boa e seria assim até um problema, não seria nada agradável, dispensar aquela estrutura. Então nós fizemos alguns projetos também lá na escola com professores e com alunos, dentro dessa área didática pedagógica. Depois de algum tempo, nós deixamos de fazer esses projetos (Informação verbal).³⁹

Referindo-se ao mesmo projeto, Terezinha Nogueira deu seu testemunho sobre a realização desses cursos na periferia, especificamente na escola localizada em uma comunidade carente, com diversos problemas sociais, e asseverou que foram experiências muito enriquecedoras para todos.

Eu sei que tinham umas coisas que nós fazíamos financiado pelo CNPq se eu não me engano foi por um órgão desses públicos, que nós fizemos uma vez uns cursos na periferia, nós fomos fazer uns cursos na periferia, nós dávamos os cursos muito bons e muito produtivos para eles da comunidade e para a gente, foram muito bons (Informação verbal).⁴⁰

³⁸Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

³⁹Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

⁴⁰Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

Quando estava comentando sobre um dos projetos de intervenção realizados por Conceição Carvalho, no momento em que estava na chefia do departamento, Leontina Lopes retratou um fato muito curioso sobre como elas realizavam essas atividades na escola onde foi implantado o projeto. Ei-lo:

Tínhamos até outro projeto que eu não me lembro o nome. Se a Bethe estivesse aqui, talvez lembraria! Ainda hoje ela rir de mim, que ela é moleca que só! Era um projeto que nós fomos fazer, uma encenação lá para os professores, mostrando como era que se fazia uma dramatização e eu era o padeiro, e eu muito moleca, eu fiz um bigode e botei aqui, [...] com as mãos levadas a sua face e com os dedos sobre a boca a professora Leontina fez o formato do bigode em seu próprio rosto, lembrando como era o seu adereço da encenação que fez juntamente com as outras professoras do DMTE [...], preguei o bigode com um durex e botei um chapéu, meu Deus mais esse povo ria, e eu falando lá na cena e quando eu comecei a falar o bigode começou a cair do lado, mais esta Conceição ria, toda vez que ela lembrava. Então ela era assim uma pessoa, muito aberta e muito alegre, muito aberta até para a vida mesmo sabe uma pessoa muito contemporânea (Informação verbal).⁴¹

Ainda sobre o projeto *Escola Periferia*, Cecília Mendes (2018) fez a seguinte colocação: “eu lembro porque eu participei de projetos de extensão conforme a disciplina Prática de Ensino. Então, por exemplo, nós fizemos um projeto de extensão na Escola Noé Fortes junto os meus alunos de arte e educação” (Informação verbal).⁴²

Posteriormente, descreveu a existência de outro projeto de literatura, desenvolvido pelo DMTE em uma escola da rede estadual de ensino. Sobre isso, Cecília Mendes afirmou que

a comunidade mais próxima da universidade foi essa, nós tínhamos também um projeto de extensão juntamente a duas escolas, que na época eram escolas estaduais lá junto a Universidade Estadual, era dirigido por duas professoras de sobre nome Castelo Branco, parece que uma se chamava Miriam, eram escolas que depois uma delas passou a integrar a Universidade Estadual como escola modelo, como escola de aplicação, mas esse projeto era na área de literatura na área de leitura que eu participei (Informação verbal).⁴³

Ao proceder um balanço analítico dessas atividades de extensão, que em sua grande maioria tinha objetivo educativo e social, robora-se que foram relevantes para interferências nos contextos de comunidades carentes financeiramente, consubstanciando a integração

⁴¹Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

⁴²Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

⁴³Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

extensiva dos docentes pertencentes à UFPI com as questões de vulnerabilidade existentes em escolas periféricas da cidade de Teresina.

Foram projetos organizados com o propósito de interceder positivamente em escolas e localidades pobres, mediante a ação de professoras de classes sociais mais abastadas e que desfrutavam de contextos totalmente diferentes, causando estranhamento nos momentos efetivos de contato com a verdadeira realidade cruel dessas comunidades e dessas escolas.

Essas preocupações em promover projetos de extensão em escolas públicas de bairros periféricos demonstram a inquietação que Conceição Carvalho teve enquanto gestora, no sentido de integrar a questão extensiva da universidade com as necessidades existentes em circunstâncias escolares muitas vezes esquecidas pelas instâncias governamentais. Isso, na verdade, fomentou a união da educação como forma de amparar os mais necessitados e promover melhorias em suas vidas.

Apesar de serem intervenções isoladas, o simples fato de existir a promoção e incursão de projetos de caráter social demonstram a preocupação de aliar o conhecimento científico com as melhorias das comunidades existentes próximo ao cenário universitário.

Acredita-se que os projetos *Periferia vizinhança*, *Escola periferia*, projetos literários e projetos de assistência social, sob iniciativa das professoras pertencentes ao DMTE, foram significativos para a época em que foram realizados, pois o Piauí foi e continua sendo um dos Estados mais pobres da Federação e, por esse motivo, as propostas de intervenção foram louváveis e meritórias, porquanto atuaram em questões educativas e sociais que também constituem deveres da universidade.

Isso porque a verdadeira função do conhecimento científico é amparar e promover melhorias na humanidade e, por intermédio dessas bases epistêmicas, realizar a emancipação crítica, financeira, social, intelectual e existencial dos cidadãos. Essa inquietação de fecundar a promoção de projetos para interferir na situação da periferia atesta que a gestão de Conceição Carvalho estava além das questões burocráticas do DMTE, denotando a ansiedade e vontade de interagir em ambientes educacionais que necessitavam de amparo didático, social, financeiro, metodológico e até sentimental, configurando uma visão extensiva, social e prática do DMTE.

Essa discussão acerca das gestões departamentais incita outro momento inescusável na carreira gestora de Conceição Carvalho, no âmbito da universidade, levando ao seguinte questionamento: como se deu a sua gestão na direção do CCE? Esse é o assunto da próxima sessão.

2.2 Direção do CCE

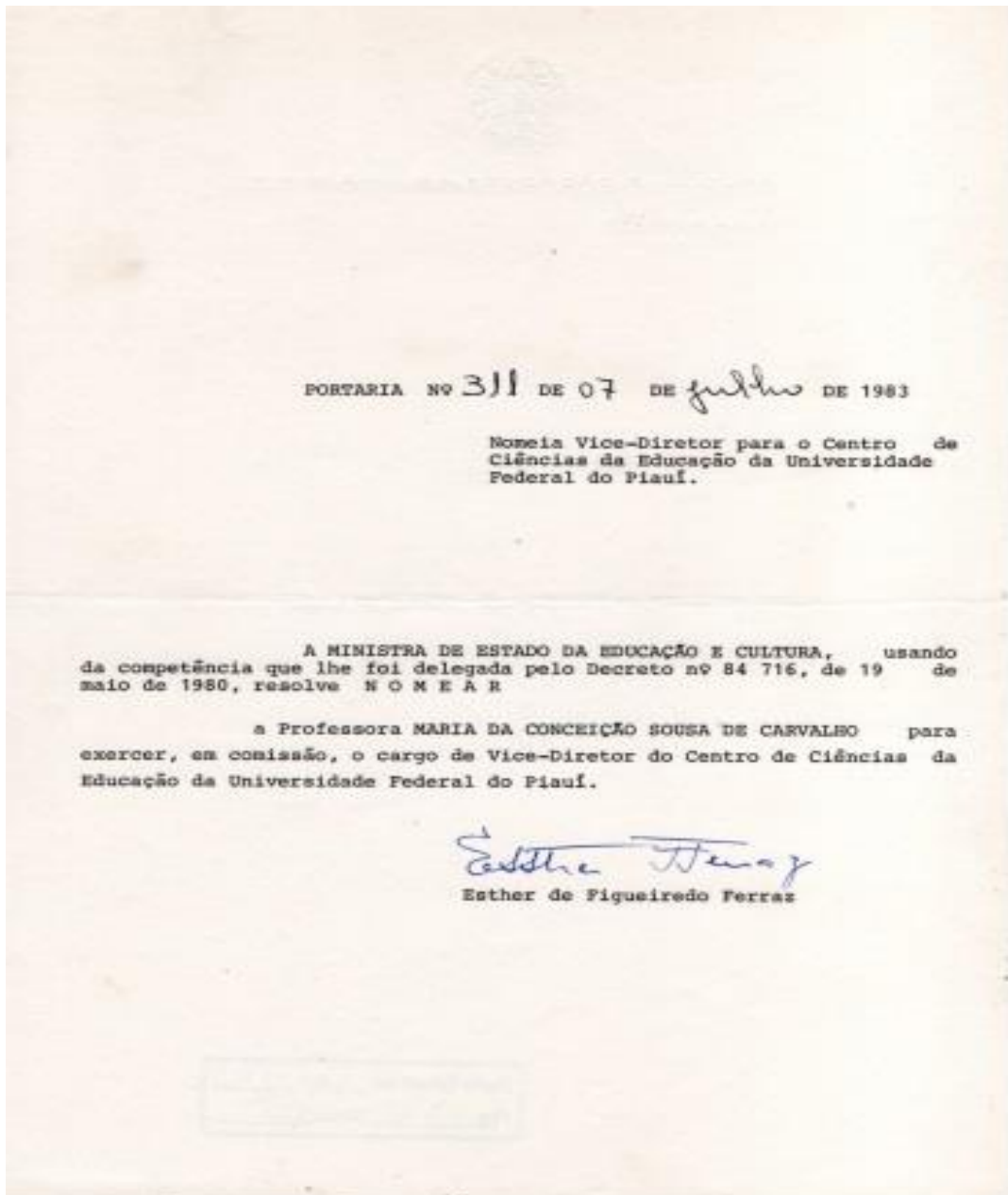
O CCE foi criado por meio da Resolução nº 10/75, que dispunha sobre a implantação do centro e indicava algumas outras providências, dentre as quais a extinção do DE, criado por meio da Resolução nº 16/71 e, conseqüentemente, fundar na UFPI a unidade universitária denominada CCE, além de criar os Departamentos de Fundamentos da Educação, de Métodos e Técnicas de Ensino, e de Artes Práticas, que passaram a integrar o CCE.

A administração do CCE passou a ser exercida, nas diferentes esferas de ação, pelos seguintes órgãos: Conselho Departamental, Diretoria e Departamentos. A diretoria do CCE passou a ser o órgão executivo encarregado de superintender, coordenar e fiscalizar as atividades exercidas no CCE pelos três novos departamentos de ensino.

A docente Conceição Carvalho participou de forma ativa nas questões que envolviam a gestão do CCE, em seguida às suas passagens nos cargos de Subchefe e Chefe de Departamento. Além de ensinar em licenciaturas junto ao DMTE, ela chegou a ocupar o cargo de gestora do supracitado centro, ao qual prestou contribuições durante alguns anos na UFPI.

Aliás, reputa-se conveniente abordar os períodos em que a professora esteve à frente da diretoria do CCE. Em 1983, por intermédio de seu departamento de origem, foi indicada à função de Vice-Diretora do CCE. Com relação a isso, encontraram-se alguns documentos sobre essa passagem. Nessa esfera, no dia 21 de agosto de 1983, foi encaminhada à Conceição Carvalho uma portaria vinculada ao serviço público federal, advinda diretamente do Chefe de Seção de Apoio do Gabinete do Ministro da Educação. O documento encaminhava o original da Portaria nº 311, de 7 de julho de 1983, publicada no Diário Oficial do dia 8 de julho de 1983, nomeando-a Vice-Diretora do CCE, conforme ilustrado na Figura 20.

Figura 20 – Portaria nº 311 no Diário Oficial da União (DOU)



Fonte: DOU (1983).

Outro documento trata de notícias do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, referindo-se a matérias publicadas no Diário Oficial nº 130, em Brasília, no dia 8 de julho de 1983. Nele, dentre outras tantas nomeações delegadas pela ação da Portaria e por intermédio do Gabinete do Ministro da Educação, visualiza-se informação relacionada à nomeação da professora Conceição Carvalho para o cargo de Vice-Diretora do CCE.

Tudo leva a crer, com bases nos indícios encontrados nas fontes documentais e nas informações aqui reunidas, analisadas e interpretadas a partir da fala dos entrevistados, que

Conceição Carvalho foi a primeira mulher a ocupar o cargo de direção do CCE, no Campus Ministro Petrônio Portela.

Sobre essa passagem no cargo de direção do centro, tem-se registro fotográfico da cerimônia de posse da docente, conforme ilustrado na Figura 21.


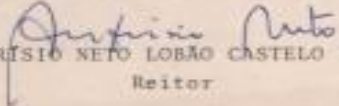
Figura 21 – Posse de Conceição Carvalho no cargo de direção do CCE, em 1989



Fonte: arquivo de Conceição Carvalho (1989).

A propósito dessa questão, o Ato da Reitoria nº 262, de 1989, a nomeou para essa função, durante o período de 1989 a 1993, conforme disposto na Figura 22.

Figura 22 – Ato da Reitoria 262/89

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ INSTITUÍDA PELA LEI Nº 5328 DE 11.11.58</p> <hr/> <p style="text-align: center;">ATO DA REITORIA</p>	<p>NÚMERO</p> <p style="text-align: center;">262/89</p>
<p>O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, no uso de suas atribuições legais e,</p> <ul style="list-style-type: none"> - considerando o disposto no artigo 16 da Lei nº5.540, de 28 de novembro de 1968, na redação dada pelo artigo 1º da Lei nº 6.420, de 03 de junho de 1977, revigorado pelo artigo 1º da Lei nº 7.177, de 19 de dezembro de 1983; - considerando o disposto na Portaria nº 341, de 21 de maio de 1987, do Ministro de Estado da Educação; - considerando o disposto no Processo nº 23111.001604/89-11, <p>R E S O L V E:</p>		
<p>NOMEAR MARIA DA CONCEIÇÃO SOUSA DE CARVALHO, ocupante do cargo de Professor Adjunto MS-C-4, lotado no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, do Centro de Ciências da Educação, para exercer o cargo de Diretor do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Piauí, expirando-se o seu mandato 04 (quatro) meses após o término do mandato do atual Reitor, conforme o disposto nos parágrafos 1º e 3º do artigo 2º da Lei nº 6.420, de 03 de junho de 1977.</p>		
<p style="text-align: right;">Teresina, 21 de março de 1989</p> <p style="text-align: center;">  PROF. ANFRÍSIO NETO LOBÃO CASTELO BRANCO Reitor </p>		

Fonte: UFPI (1989).

Em relação à posse da direção do CCE, foi publicada notícia no Jornal O Dia, divulgado no dia 22 de março de 1989, na cidade de Teresina – PI. Na segunda página do Caderno Geral, havia uma nota, intitulada *Roda Viva*, com menções relacionadas ao fato de a docente ter assumido a direção do CCE no dia anterior: “A professora Maria Conceição Carvalho assumiu ontem o cargo de diretora do Centro de Ciências da Educação (CCE) da

Universidade Federal do Piauí. Ela, por quatro anos, vai dirigir o Centro. Foi eleita pelo voto direto em novembro do ano passado” (O DIA, 1989). É o que se pode visualizar na Figura 23.

Figura 23 – Posse de Conceição Carvalho na direção do CCE



Fonte: O Dia (1989).

Sobre essa circunstância, Leontina Lopes mencionou que

Quando ela foi diretora do Centro, para mim ela marcou presença, marcou história, além da questão das discussões democráticas e de ouvir os outros departamentos, que na época eu acho que eram os mesmos, o de Educação Artística, o de Fundamentos da Educação e o de Métodos e Técnicas de Ensino, são os três, que faziam parte do CCE. Então ela sempre foi uma pessoa de fortalecer laços de amizade, eu não notava assim que ela não fosse aceita entre os departamentos, tanto que ela foi eleita e isso significa que tinha uma maioria nesses departamentos. Então ela era uma pessoa muito democrática e ela sabia ouvir as reivindicações, os representantes estudantis, ela também deu muita força nesse sentido de que tivesse os representantes em cada sala, que era outra coisa assim que ela fazia (Informação verbal).⁴⁴

⁴⁴Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

Acerca desse cenário de disputa para a direção do centro, surgiu a curiosidade de saber quem havia sido o oponente da chapa de Conceição. Então, depois de investigar junto aos entrevistados – cuja maioria não recordava desse detalhe –, a professora Terezinha Nogueira informou que guardava lembranças atreladas a esse fato: “Lembro que a eleição do diretor de centro, eu acho que foi isso que eu até falei. Eu acho que nessa eleição era ela e a Arlene Elvas as duas candidatas” (Informação verbal).⁴⁵

Ademais, localizou-se matéria jornalística publicada no *Jornal da Manhã*, divulgado em 16 de setembro de 1988, no caderno *Cidade*, mais precisamente na página dezesseis, com ampla reportagem mencionando alguns aspectos ligados ao momento das eleições para a direção do CCE, com a seguinte manchete: *Dois mulheres disputam a direção do CCE*.

O texto ostentava a fala das duas candidatas, enfatizando suas opiniões a respeito do contexto de eleições no centro, onde divulgavam suas propostas de campanha. Ainda acrescentava a posição do Diretor que estava saindo do cargo, o Professor Ferreira. Assim, é oportuno sobrelevar essa reportagem, que apresenta as duas candidatas à sociedade piauiense e mostra o espaço midiático que as eleições para a direção do centro possuíam na cidade de Teresina.

Figura 24 - As eleições do CCE (1988)



Fonte: Jornal da Manhã (1988).

⁴⁵Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

O texto da reportagem expõe as propostas defendidas pelas candidatas, onde Conceição Carvalho revelou sua “vontade política de realizar, e de solucionar os problemas dentro da UFPI” (CARVALHO, 1988), enfatizando seu posicionamento questionador em relação à distribuição de recursos financeiros no âmbito da administração do centro, defendendo a priorização das questões de ensino e realização de projetos. Igualmente, patenteava o total apoio do Diretor que estava em exercício à época de sua candidatura para a direção do CCE.

Voltando ao esquecimento dos outros professores em relação ao momento da eleição e dos candidatos oponentes, mostra-se o testemunho de Eudócio Soares sobre isso.

Rapaz, nem me lembro quem eram os candidatos contra. Eu só sei que as eleições para direção de centro sempre foram movimentadas, até por que coincidem todos os centros ao mesmo tempo, sempre tem candidatura, a oposição, a situação, a oposição própria interna, a oposição ao reitor, a reitoria, então funciona assim mais ou menos, os grupos se reúnem e eu não me lembro na época quem era, quem foi candidato contra, eu não me lembro (Informação verbal).⁴⁶

Novamente, deparou-se com a questão do esquecimento – dessa vez na fala de Leontina Lopes sobre a eleição para a direção do centro para o qual Conceição Carvalho foi eleita. Aquela não tinha muitas informações por sobre esse fato, devido à falta de lembranças marcantes a respeito desse fato. Mesmo assim, com base em suas poucas recordações, relatou o seguinte: “Olha eu não me lembro quem era o opositor da Ceíça, sinceramente, eu gostaria de lembrar, por que a gente fazia campanha era pra valer, não me lembro com quem ela concorreu, sabia” (Informação verbal).⁴⁷

De acordo com Ricouer (2007, p.422) “a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como a luta contra o esquecimento.” Completando essa asserção, seja coincidência ou não, a professora Cecília Mendes disparou que não se lembrava de quase nada em relação àquela eleição do centro: “não lembro nada, sou péssima para guardar memórias. Eu creio que da parte nossa do departamento ela teve consenso, foi candidata de consenso, eu creio que todo departamento votou nela. Mas eu não lembro de muita coisa dos dados disso” (Informação verbal).⁴⁸

⁴⁶Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

⁴⁷Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

⁴⁸Cecília Mendes. Entrevista. 2017.

Tais lapsos de memória talvez escondam alguma situação política delicada vivenciada ao logo daquela eleição ou mesmo algo conflitante relacionado a ela, que não fosse conveniente de ser lembrado, enfim, são inúmeras possibilidades em relação às lembranças decorrentes daquela situação.

Consoante Ricouer (2007, p. 423),

O que o esquecimento desperta nessa encruzilhada é a própria aporia que está na fonte do caráter problemático da representação do passado, a saber, a falta de confiabilidade da memória; o esquecimento é o desejo por excelência oposto à ambição de confiabilidade da memória.

Das poucas fontes documentais relacionadas a esse momento tão importante para a carreira da docente enquanto gestora, encontrou-se o mapa geral com as informações a respeito da apuração da eleição. Nele, há dados sobre a quantidade de votos recebidos pelos candidatos e a sua *performance* em percentuais, como mostram os Quadros 1 e 2.

Quadro 1 - Mapa geral da apuração de eleição para Diretor do CCE (1988)

Distribuição dos votos	Categoria dos eleitores		Totais	<i>Performance</i> dos candidatos
	Docente e servidores	Discentes		
Conceição Carvalho	081	357	438	0,6274
Arlene Elvas	038	208	246	0,3161
Diogo José	002	048	050	0,0366
Votos em branco	001	004	005	0,0075
Votos nulos	002	003	005	0,0124
TOTAL	124	620	744	1,0000
Nº de eleitores aptos a votar	127	925	1052	1,0000
Abstenções	003	305	308	1,0000
Percentuais de votantes	97,6378	67,0270	70,7224	1,0000

Fonte: Carvalho (1988).

Quadro 2 – *Performance* em percentual dos candidatos a Diretor - eleições do CCE (1988)

<i>Performance</i> dos candidatos para diretor	Percentual da apuração
1º colocado: Conceição Carvalho	62,74%
2º colocado: Arlene Elvas	31,61%
3º colocado: Diogo José	3,66%
Branco e nulos	1,99%

Fonte: Carvalho (1988).

Perscrutando esses dados, percebe-se que a docente Conceição Carvalho alcançou um número expressivo de votos, cerca de 438, incluindo docentes, servidores e discentes, ou seja,

mais da metade de votos válidos (62,74%) foram atribuídos à docente, que alcançou percentual consideravelmente superior em relação à segunda colocada.

Isso como consequência de sua grande influência entre o corpo docente, discentes e servidores pertencentes ao CCE, pois como desenvolvia seu trabalho no DMTE desde os seus primeiros anos de funcionamento, detinha consistência e apoio em relação à sua candidatura, e por isso logrou êxito, ratificando a capacidade participativa das mulheres em cargos de gestão na UFPI.

Mas como se dava a organização desse centro na UFPI? Quais as funções do Diretor do Centro? De acordo com o Regimento Interno do CCE, em seu Art. 55, a diretoria do centro é o órgão executivo que tem a incumbência de superintender, fiscalizar e coordenar as atividades do centro e suas dependências, sendo exercida pelo Diretor e, em suas faltas ou impedimentos, pelo Vice-diretor, ambos eleitos em conformidade com a legislação vigente. “No Art. 56, são atribuídas as funções do diretor do centro: I – integrar, na qualidade de membro nato, a representação do Centro junto ao conselho de administração e ao conselho universitário” (UFPI, 1980, p. 20-21).

Quanto ao mandato de Conceição Carvalho como Diretora do Centro, os entrevistados, com base em suas memórias pessoais, foram determinantes para configurar informações relacionadas ao legado deixado pela docente na gestão do CCE. De início, é interessante ressaltar a fala de Leontina Lopes:

As iniciativas dela foram, que eu acho que ela fez, foi construir um espaço democrático onde os departamentos eles tinham ampla liberdade de se manifestar. Isso é importante por que quando o diretor somente dá abertura para um, ou outro, ou só para o departamento de origem, a gestão não flui, mas eu não observei isso nela. Ela era diretora do centro e de todos os departamentos. Eles eram acolhidos com os mesmos direitos, o mesmo senso de justiça, isso eu achei muito importante na gestão dela, que ela se sentia diretora do centro e não apenas do departamento de origem e a outra foi a preocupação com o nosso bem estar, no sentido de termos um ambiente limpo e higiênico e arborizado, acolhedor, isso ela fez no CCE (Informação verbal).⁴⁹

Para Terezinha Nogueira, um das realizações da Diretora teria sido a reorganização do próprio centro:

Eu somente sei que quando ela entrou o CCE estava assim um pouco confuso. E ela tentou ir botando as coisas no lugar. Certo, por que, às vezes tem gente que assume a direção e somente tem o nome de diretor e os

⁴⁹Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

funcionários vão fazendo e ele vai somente assinando. E ela tentou dar uma certa organização estrutural ao setor que ela estava dirigindo (Informação verbal).⁵⁰

Outra iniciativa da direção do CCE no mandato de Conceição Carvalho, segundo informação do professor Eudócio Soares, foi organizar toda a logística de mudança do antigo prédio, que abrigava o centro, para as novas instalações, em uma inovadora construção arquitetônica, maior e mais confortável, condizente com as necessidades do centro. O primeiro ano de mandato coincidiu com o momento de transição das antigas instalações para as novas. Sobre essa mudança, o docente assentiu que

Primeiro a gente funcionou em um galpão lá no SG quatro, perto da antiga biblioteca e mudamos para onde é o atual prédio e ela era a diretora e ela foi quem conduziu toda a parte de equipar o centro, mas claro que isso tem toda uma administração superior envolvida, mas o diretor também influência. Se ele não tiver uma boa visão, uma boa administração termina não dando certo, para encaminhar os pedidos, para encaminhar os pleitos. Foi ela que fez essa mudança, ela que fez essa instalação, agora de detalhes assim nesse momento não dar para lembrar (Informação verbal).⁵¹

A propósito dessa transição, identificou-se, por meio da placa ancorada pela inauguração do novo prédio do CCE, datada de 21 de novembro de 1988, que foi disponibilizada a primeira etapa da construção. Então, como Conceição Carvalho tornou-se diretora somente no ano seguinte, vivenciou toda a transição do antigo para o novo prédio.

Logo, toda a tarefa de equiparar as novas instalações e organizar as novas estruturas ficou a cargo de sua direção, como visto na figura da placa de inauguração (Figura 25).

Figura 25 – Placa de inauguração das novas instalações do CCE



Fonte: arquivo pessoal do autor (2018).

⁵⁰Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

⁵¹Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

A diretora mantinha algumas prioridades relacionadas à composição de determinadas questões desenvolvidas no centro. Sobre isso, os entrevistados abordaram lembranças na administração de Conceição Carvalho. Para Terezinha Nogueira,

As prioridades eram as que o setor exigia, por exemplo, as ofertas de disciplinas coerentes com as necessidades, eram os professores das disciplinas, aqueles competentes para aquelas disciplinas, por que tinha diretor, tinha coordenador, para qualquer um dava qualquer disciplina, mas ela tinha essa preocupação de dividir. Se você não tem essa competência para dar essa disciplina você vai dar aquela e assim era feito (Informação verbal).⁵²

No que concerne às prioridades do mandato da docente, havia certa preocupação sobre a ampliação do quadro docente e técnico administrativo do centro, confirmado por Eudócio Soares (2018):

Tinha prioridades sim, quer dizer, a ampliação do quadro docente, era e sempre foi uma demanda muito forte, a questão da melhoria do curso e a implantação dos núcleos de pesquisas, dos núcleos de trabalhos, era uma questão que sempre se prevalecia. Por exemplo, a questão de aumentar também o corpo técnico administrativo, que era muito reduzido, não somente o docente, mas foram uma demanda. A questão da infraestrutura, a gente tinha problemas das salas de aulas, até por conta do atendimento dessas todas licenciaturas, era uma questão muito difícil para ser resolvida, isso é claro por que não dependia de questões internas, inclusive dependia de questões externas a própria universidade. Então isso era uma prioridade sim, não somente a questão docente, mas a questão de técnicos administrativos (Informação verbal).⁵³

As primazias, consoante os entrevistados, estavam sempre atreladas ao bom funcionamento do centro e à ampliação de infraestruturas, do quadro docente dos departamentos e do número de funcionários técnicos administrativos. Mas como se davam as redes de sociabilidades construídas na época em que Conceição Carvalho foi diretora do CCE? Como se dava a convivência e o relacionamento da diretora com os professores, alunos e funcionários pertencentes ao centro?

2.2.1 Iniciativas democráticas, estéticas e editoriais

⁵²Terezinha Nogueira Entrevista. 2018.

⁵³Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

Nas afirmações dos entrevistados, pairou a questão das contribuições democráticas da gestão de Conceição Carvalho, quando esteve à frente da Direção do Centro. Para Leontina Lopes, “essa característica dela era muito marcante de ser democrática, de ser muito aberta, de gostar de ouvir debates, de ouvir a comunidade acadêmica, tanto que quando ela foi eleita diretora do Centro, ela deu uma outra visão ao CCE” (Informação verbal).⁵⁴

Analisa-se uma pequena crítica indireta na fala da entrevistada em relação às gestões anteriores, sobretudo na questão democrática, na vez e voz de todos que faziam parte do centro, partindo do pressuposto de que a gestão democrática é uma forma de gerir uma instituição de maneira que possibilite a participação, transparência e democracia (BRASIL, 2008).

Verifica-se nas falas das entrevistadas que o período em que Conceição Carvalho foi Diretora, ela primou por decisões coletivas em virtude das questões democráticas ligadas à gestão participativa e democratizada. Vale frisar que os princípios que norteiam a gestão democrática são: a descentralização, a participação e a transparência.

Sobre a descentralização, a administração, as decisões, as ações devem ser elaboradas e executadas de forma não hierarquizada. Quanto à participação, todos os envolvidos no cotidiano de uma instituição pública educativa devem participar da gestão: professores, estudantes, funcionários e toda a comunidade ao redor dessa mesma instituição de ensino. Sobre a transparência, qualquer decisão e ação tomada ou implantada em uma instituição pública educativa tem de ser de conhecimento de todos (BRASIL, 2008).

Logo, o período em que Conceição Carvalho esteve na direção do CCE coincidiu com o momento da redemocratização do país. Assim, depois de muitos anos experienciando as questões de falta de liberdade resultantes do governo militar, daquele momento em diante notavam-se transformações, principalmente alusivas à nova liberdade democrática.

A própria docente vivenciou o momento mais forte da ditadura e, na época, estava nos estudos na FAFI. Sobre a fase da ditadura militar, de acordo com Conceição Carvalho (2016), “a FAFI foi uma experiência muito rica, eu tinha que passar o resto do dia somente falando da FAFI, por que ela foi naquele momento o centro da resistência na época da ditadura brava.”

Essa instituição formativa desempenhou papel importante na história educativa, política, cultural e social do Piauí. Por esse motivo, teve muito significado para as gerações que testemunharam o período da ditadura militar no Estado e participaram ativamente da

⁵⁴Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

militância estudantil na luta pela democracia no país e pela ruptura de paradigmas sociais relacionados às mulheres.

Com relação a esses sentidos atribuídos à FAFI, é conveniente trazer a seguinte afirmação, de Bonfim (2000, p. 10), no livro *Presente do passado: a Faculdade Católica de Filosofia na História da Educação do Piauí*.

A significação político-cultural e pedagógica da FAFI, no contexto piauiense, possibilitava um debate aberto e solidário de ideais diferentes, considerado ponto alto da formação de educadores, além desses elementos, dá-se, fundamentalmente por ter sido um espaço de rupturas político-culturais: manifestações de resistência à ditadura militar implantada no Brasil em 1964, sobretudo do Movimento Estudantil; acesso amplo da mulher em cursos superiores e em ‘atividades não muito ortodoxas’ noturnas; e preparação para a transição de faculdades isoladas para a Universidade Federal do Piauí.

Então, a FAFI representa um ambiente de resistência às questões da ditadura, e a docente experienciou isso tudo quando de sua formação superior em filosofia. Para ela, “então era onde se fazia resistência à ditadura era ali, não eram todos os alunos, mas um grupo mais chegado para esquerda e o pessoal de direita eram os acomodados, eram os chamados coxinhas da época.” (CARVALHO, 2016). Com essa mesma mentalidade de resistência à falta de democracia, a docente levou suas convicções, construídas nessa época de ditadura, para a sua atuação como gestora do CCE.

A respeito do posicionamento político democrático de Conceição Carvalho na época da ditadura militar, os professores entrevistados fizeram alguns comentários ligados a esse momento em que a democracia não era algo tão acessível, inclusive no ambiente da própria universidade. Em meados da década de 1970, quando a ditadura ainda estava em plena efervescência, a docente tinha participação ativa nos movimentos contrários à ditadura militar.

De acordo com Eudócio Soares,

Eu vivi esse período, eu vivi e a Ceíça era muito ativa e inclusive participava dos movimentos, eu tenho lembranças é tanto que a gente achava que ela deveria ser contra, ela era contra as iniciativas e contra o movimento que apoiava a reitoria, exatamente por conta da ligação dela com os movimentos contrários a ditadura militar. A Ceíça era muito ativa (Informação verbal).⁵⁵

⁵⁵Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

Outrossim, comentou-se sobre o posicionamento de Conceição Carvalho, juntamente com os professores do DMTE, em relação às questões políticas e educacionais que envolviam a ditadura militar na universidade:

Sim a gente participava dos movimentos, especificamente que movimentos, que situações eu não me lembro assim, eu somente sei que a visão que eu tenho, é que as lembranças que tenho, é que ela não se conformava com determinadas posições do momento político, ela não era passiva e não aceitava tranquilamente. Apesar de a gente ter censura, apesar de a gente viver um momento de censura, apesar de a gente viver um momento de repressão, mas ela não demonstrava e não aceitava aquilo. E demonstrava isso publicamente, ela viveu esse momento mais de forma não passiva com certeza. Apesar de a gente participar juntamente de movimentos que eram contrários a isso de não aceitação, especificamente dizer que movimento vocês participaram, que movimento ela participava, eu não me lembro desse momento, mas com certeza, ela não era passiva, ela não era e não aceitava e não era conivente (Informação verbal).⁵⁶

Por sua vez, a professora Cecília Mendes mencionou a questão do envolvimento político democrático de Conceição Carvalho com os professores do DMTE, no âmbito da universidade. Quando a ditadura interferia nas políticas educacionais desenvolvidas naquele ambiente, também houve participação da docente em movimentos contrário à ditadura militar:

Nós fizemos parte nesse período de um grupo que fazia oposição à posição, oposição à alguns reitores, mas nunca ela foi agressiva, ela era uma pessoa que fazia oposição e mantinha inclusive com o marido, por que o professor Ubiraci, que era também meu amigo e foi meu aluno, ele era uma pessoa muito defensor da legalidade, defensor das inovações, defensor dos interesses dos professores e da democratização da universidade e a Ceíça acompanhava, Ceíça era do mesmo jeito (Informação verbal).⁵⁷

Nesse viés, a resistência dos professores do departamento, inclusive da docente, foi tida como recorrente na época da ditadura militar, quando Conceição Carvalho se mostrava muito resistente à falta de democracia e não escondia isso de ninguém. De acordo com Terezinha Nogueira, “eu me lembro também que os professores eles eram muito resistentes e a Conceição era marca disso, ela era muito resistente e era dessa que assumia a postura não ficava pensando calada, ela assumia, ela era muito resistente e assumidamente resistente” (Informação verbal).⁵⁸

⁵⁶Eudóxio Soares. Entrevista. 2018.

⁵⁷Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

⁵⁸Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

A transparência de Conceição Carvalho e o seu posicionamento político democrático, contrário às imposições e sanções da ditadura militar, ficaram evidentes na fala de Teresinha Nogueira:

Ela não fazia motim, eu não vou dizer que ela fazia motim não, ela se evidenciava e quem gostava e queria se agrupava, mas ela era assim muito real, muito aberta, não era escondida ela era sabe evidente, ela era evidente, ela era ativa e ela era mesmo e pronto. Ela era realmente muito resistente com esses atos políticos e ela ia de encontro mesmo e não tinha isso de desistir não (Informação verbal).⁵⁹

Em relação a algum tipo de penalidade sofrida devido à sua disposição política, com base nas informações da professora Cecília Mendes, a docente afirma que ela não sofreu qualquer forma de punição ou perseguição: “olha eu não sei de nada, nenhum evento que possa marcar essa atuação não, assim Ceiça não foi presa, Ceiça não foi chamada atenção, que eu saiba, Ceiça não foi chamada a prestar esclarecimentos no exercito, por que isso aconteceu com alguns professores, mas eu nunca observei isso com Ceiça” (Informação verbal).⁶⁰

Segundo Terezinha Nogueira, à frente do cargo de gestora do centro, a docente não se deixava dobrar, não desistia facilmente de suas convicções, não se deixava levar pela maioria, mantinha sempre sua postura e seu posicionamento diante de qualquer um. Isso fica patente na seguinte passagem:

Sim a postura dela era assim, apesar dela estar em uma função, mas ela não se dobrava é isso que eu estava dizendo. Ela assumia, por exemplo, uma direção, mas ela não se dobrava por que ela estava naquele cargo. Ela assumia, mas demonstrava qual era a posição real dela, às vezes eu ficava até constrangida assim, por que eu ficava até com medo de acontecer alguma coisa, por que ela ia e batia de frente (Informação verbal).⁶¹

A Professora Cecília Mendes também falou sobre o reitor da época em que Conceição Carvalho estava na direção e, apesar de sua posição forte sobre questões democráticas, mantinham relações cordiais: “como gestora ela foi numa época em que o reitor era muito humano, ele era uma pessoa que ouvia que atendia e era o professor Camilo, Camilo Filho, e eu não me lembro que a Ceiça fizesse assim uma força agressiva nada disso não” (Informação verbal).⁶²

⁵⁹Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

⁶⁰Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

⁶¹Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

⁶²Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

Consoante Terezinha Nogueira,

Ela não se dobrava, ela era ela do mesmo jeito e isso que eu estou dizendo, é muito raro a pessoa assumir direção e não fica submisso a tudo o que esta acima dela e ela não ficava, ela era ativa, ela era do mesmo jeito, essa grande qualidade que ela tinha era essa, ela era ela, não tinha essa historia de tapar o sol com a peneira como a gente diz vulgar mente não. Ela era ela e pronto que quisesse queria e quem não quisesse pronto (Informação verbal).⁶³

A postura defensora da gestão democrática e a relação diplomática, sem excesso, foi reafirmada por Cecília Mendes:

Eu não lembro que a Ceiça fosse radical, ela era uma pessoa cordial e se ela fazia oposição nunca teve atrito de grandes manifestações, assim eu nunca vi. Mas que em termo de votar em quem ela acreditava em termo de lutar pelas mudanças, isso a gente via no nosso departamento e no centro de modo geral” (Informação verbal).⁶⁴

Além disso, verificaram-se alguns aspectos recorrentes na relação de Conceição Carvalho com a reitoria da UFPI, na época em que foi diretora do CCE. Nesse sentido, notaram-se alguns contrapontos, onde alguns indicaram um bom relacionamento entre a diretora e a reitoria, enquanto outros informaram que as relações eram estreitas e a diretora fazia oposição ao reitor, e não escondia isso de ninguém.

Leontina Lopes atinou que havia uma boa convivência:

Era uma relação muito boa porque como ela já era uma professora antiga na instituição conhecia todos aqueles professores, eles eram conhecidos seus ou pelo lado dela ou pelo lado do esposo dela o Ubiraci Carvalho, que também era professor e ele junto comigo e outros professores fomos os fundadores da ADUFPI, da Associação dos Docentes. Então, ou por um lado, ou por outro, eles conheciam os professores, ou reitor, ou pró-reitor, todos eles eram conhecidos dela, ou pela vivencia com ela, ou pela convivência pelo lado do Ubiraci e, além disso, ela era uma pessoa muito estratégica, ela tinha muito jogo de cintura, e muito perspicaz. Então, eu acho que isso facilitou muito a convivência dela, era uma pessoa muito positiva, muito proativa e que sabia dar sugestões, encaminhar situações, resolver problemas e conflitos, ela sabia fazer isso muito bem. Ela tinha toda essa presença de espírito, essa energia e essa perspicácia, então eu acho que a relação dela foi uma relação muito proativa e de defesa do CCE (Informação verbal).⁶⁵

⁶³Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

⁶⁴Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

⁶⁵Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

Por outro lado, Cecília Mendes inferiu que as relações entre a Diretora e a reitoria, apesar de serem até certo ponto boas e amigáveis, eram mantidas sob um viéspositor ao que era defendido pela reitoria, ou seja, segundo a entrevistada, havia oposição ao reitor. De acordo com essa professora, “o posicionamento não digo bem favorável a eles, por que como eu disse a você que nós fazíamos parte de um grupo de oposição, mas de respeito e conseguia coisas necessárias para o centro, solicitava e conseguia” (Informação verbal).⁶⁶

Mantendo essa visão de certa resistência por parte de Conceição em relação à reitoria, Eudócio Soares posicionou-se:

Olha ela mantinha uma relação profissional com a administração superior, mas não era uma relação digamos assim amigável, a relação era profissional, mas não teve uma relação pessoal, acho que não mantinha, não era do mesmo grupo político na época que ela era diretora, ela era um pouco oposição nas questões da reitoria (Informação verbal).⁶⁷

Ainda acrescentou que com relação às eleições para reitor, os professores e o centro mantinham oposição quando não queriam determinados candidatos no poder. Sobre isso, Cecília Mendes certificou:

Nós tínhamos posicionamentos em termo de eleição quando nós não queríamos o candidato nós fazíamos oposição, mas de votar e defender o nosso e de votar contra aquele, mas nunca ninguém faltou o respeito, nem ela e nem nenhum de nós faltou o respeito com as autoridades (Informação verbal).⁶⁸

Acerca da aceitação de Conceição como diretora pela comunidade acadêmica do CCE, e da conviência de todos em relação ao seu posicionamento político democrático, Terezinha Nogueira fez a seguinte declaração: “era bem aceita pela grande maioria, eram poucos os que ficavam na retaguarda. Na realidade a maioria estava junta e alguns ficavam, eu não sei se por convicção ou por medo, mas alguns ficavam retraídos” (Informação verbal).⁶⁹

Sobre o período da redemocratização do país, as preocupações da direção tinham como foco a reorganização democrática das questões vivenciadas cotidianamente nos departamentos e nas tomadas de decisões realizadas pelos departamentos, com o intermédio da direção do centro, pois Conceição Carvalho conviveu de perto com o período mais

⁶⁶Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

⁶⁷Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

⁶⁸Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

⁶⁹Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

conturbado da ditadura e isso foi fomentador das posições democráticas refletidas em suas decisões e em sua postura na direção do CCE.

Some-se a isso o fato de que a gestão democrática é formada por alguns componentes básicos, recorrentes para a sua efetivação, destacando-se: a constituição dos conselhos; a elaboração de projetos políticos pedagógicos de maneira coletiva e participativa; definição e fiscalização do uso das verbas; divulgação e transparência na prestação de contas; avaliação constitucional da instituição por parte dos professores, dirigentes, estudantes, funcionários, equipe técnica; e a ocorrência de eleições diretas para os cargos gestores (BRASIL, 1998).

No transcorrer das entrevistas sobre as ações de Conceição Carvalho em relação à gestão democrática, quando de sua atuação como Diretora do CCE, Leontina Lopes deixou bem clara a questão da existência de uma visão coletiva e agregadora de todos os departamentos existentes no centro, e isso era bastante rotineiro na administração da docente.

Ela deixou a herança do fortalecimento do Centro como espaço de discussão coletiva, ela fortaleceu muito isso, como espaço que podia ser agregador. Então essa questão de juntar as pessoas pelo afeto, pela religião, pelo conhecimento, era muito característico dela e ela gostava muito assim de conversar. Então para mim foi uma herança muito grande essa visão democrática que ela tinha, o fortalecimento do grupo através das discussões e participação, essa ideia de se trabalhar em um ambiente acolhedor, não somente na questão da estrutura física, mas também no relacionamento entre as pessoas, ela primava por isso, então tudo isso são legados, são heranças deixadas pela Ceixa e que me deixam muito orgulhosa (Informação verbal).⁷⁰

Diante dessas declarações, convém sublinhar que a gestão democrática participativa, em todos os campos da atuação da UFPI, concorre para o aperfeiçoamento da *práxis* educacional, tendo em vista que cria canais de envolvimento cada vez maiores dos sujeitos sociais nas diversas etapas de discussão das prioridades da universidade e da melhoria do ensino-aprendizagem, na eleição dos instrumentos para concretizar as escolhas realizadas democraticamente, na reivindicação de condições de realização de trabalho de professores, que correspondam, minimamente, às suas necessidades vitais (CALDAS, 2007).

Para Caldas (2007), é um erro entender que a discussão democrática e participativa na gestão de uma instituição educativa dificulta a tomada de decisões e a execução de tarefas imediatas da instituição universitária, tendo em vista a diversidade de opiniões e de posições quanto à organização da mesma instituição de ensino e às medidas necessárias à sua efetivação.

⁷⁰Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

Logo, a gestão democrática, arregimentando o esforço coletivo dos professores, alunos e gestores, tenta superar os obstáculos da burocratização administrativa da instituição educativa, incrementando os canais de intervenção coletiva da comunidade na instituição educacional (CALDAS, 2007).

Portanto, a gestão democrática participativa reúne a decisão coletiva em que a opinião de todos é respeitada e, conseqüentemente, levada em consideração na construção de rumos pertinentes aos desenvolvimentos e incrementos positivos das questões relacionadas à produção de conhecimento educacional sistematizado em âmbito universitário. Para isso, uma gestão democrática garante, pelo menos em princípio, o aperfeiçoamento do debate e da prática educativa, além de proporcionar um caminho para a incorporação à dinâmica organizacional da instituição educativa dos sujeitos sociais, procurando potencializar o processo educativo (CALDAS, 2007).

Mas quais foram as ações de Conceição Carvalho como Diretora do CCE? No tocante às informações sobre o legado deixado por ela, enquanto Diretora do CCE, é oportuno evidenciar, segundo as informações dos entrevistados, a sua visão de estética e limpeza necessárias para uma harmonização dos ambientes pertencentes ao referido setor, tornando os lugares de convivência coletiva confortáveis e prazerosos de se fazer presente e desfrutar.

Talvez por ser uma figura feminina, a sua preocupação com a estética do centro foi algo visível durante o seu mandato como gestora. A respeito disso, Leontina Lopes foi enfática em ressaltar a preocupação de Conceição Carvalho com os ambientes existentes no prédio que compreende o CCE:

A questão não somente de ser feminina, mas qualquer outro gestor poderia ter tido essa ideia, a limpeza, os banheiros tiveram outra cara, os jardins foram refeitos, foram plantadas plantas, algumas bonitas que tem lá ainda foi dessa época e eu me lembro que eu ouvi uns alunos do CCHL dizer assim: essa diretora daqui é pra valer olha como o CCE é todo limpo! Os banheiros, muitos dos alunos saiam do CCHL só para irem para os banheiros de lá do CCE, só porque eram mais agradáveis. Então tinha toda essa visão de administração, essa visão coletiva. Ela poderia fazer como os outros que tem o seu banheiro privativo, que tem sua sala sempre bem cuidada sem faltar nada e ela não foi, ela estendeu isso para que todos tivessem direito e esse acesso e essa convivência em um espaço universitário limpo acolhedor e foi defensora dessa ideia também. Quando ela foi diretora do Centro isso me marcou muito, essa percepção que ela tinha, que a universidade deve ser acolhedora e ela fez com que o CCE ficasse assim, todo limpo e bem tratado, arborizado com plantas ornamentais, banheiros limpos e eu acho que isso foi formidável (Informação verbal).⁷¹

⁷¹Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

A estética e a estrutura do centro foram comentados também pela professora Terezinha Nogueira, que confirmou essa preocupação da docente na direção:

cuidava da estrutura sim. Eu acho que sim e tinha muita coisa que a gente dependia muito de outras coisas, quando começava dependia do centro, dependia lá da Pró-Reitoria, e da Pró-Reitoria a gente tinha que buscar, mas eu acho que ela conseguia e se preocupava e conseguia fazer as coisas (Informação verbal).⁷²

A susodita professora afirmou que uma das ações da gestão de Conceição Carvalho foi colocar em ordem a estrutura do centro, ou seja, ela reorganizou muitas coisas burocráticas no ambiente, que estavam fora de ordem, o que era perceptível. De acordo com ela,

O centro estava meio desarrumado e que ela entrou e ela reestruturou e deixou organizado. Nós até comentávamos como era que o centro estava desorganizado, está desorganizado, todo mundo nota, nós sabemos quando estava desorganizado e nós sabíamos que as coisas voltavam ao normal, voltam ao que deveria ser e eu acho que ela tomou essa decisão de fazer essa organização e ela conseguiu. Quando ela saiu na realidade o centro estava de outro jeito (Informação verbal).⁷³

Quanto às ações de Conceição Carvalho durante sua gestão na direção do CCE, Eudócio Soares explanou a questão da estrutura física, da criação de cursos de especialização em educação e da criação do curso de mestrado em educação: “a questão da estrutura física, que foi na época que ela era diretora, que nos mudamos e ela ajudou com a questão da infraestrutura, ajudou a montar a questão da iniciativa da criação do mestrado e dos cursos de especialização” (Informação verbal).⁷⁴

Dentre as ações da gestão da docente na direção do CCE, observa-se a concepção da Revista Científica do CCE, assim como a publicação de quatro volumes desse periódico, coincidindo o fato de o primeiro volume ser editado no início do mandato de Conceição no centro.

Assim, por meio da ação desses docentes, juntamente com a direção do centro, foi criada a Revista Educação e Compromisso que, durante algum tempo, cerca de oito anos, foi a revista científica do CCE, com a publicação de oito volumes, visando a fomentar as

⁷²Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

⁷³Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

⁷⁴Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

produções de pesquisas no centro. Avulta-se o fato de que a grande maioria dessas publicações foram iniciativas de professores e alunos do próprio centro.

A revista publicou muitos artigos de professores e alunos do CCE, promovendo a circularidade de saberes pedagógicos, sendo que no início do mandato da docente, foi publicado o primeiro volume do periódico, demonstrando a concretização das ideias pensadas anteriormente por outras iniciativas semelhantes, mas que não foram adiante.

Nesse volume da revista, a Diretora do CCE assinou o editorial de abertura do periódico com um texto que trazia um pequeno retrospecto de outras publicações atreladas ao centro e que contribuíram para a construção da proposta do supracitado periódico científico. Logo, a Revista Educação e Compromisso também faz parte do legado da gestão da docente junto ao CCE.

O periódico fecundou a produção científica, a circularidade de saberes e a publicação de diversos trabalhos em áreas como educação e temáticas relacionadas aos processos educativos e pedagógicos, contando ativamente com a participação dos professores que pertenciam aos três departamentos que formavam o centro, assim como do corpo discente.

Localizaram-se no arquivo da direção do CCE, os quatro volumes publicados durante a gestão de Conceição Carvalho, ilustrados na Figura 26.

Figura 26 – Revista Educação e Compromisso (Volume 1)



Fonte: CCE (2018).

Figura 27 – Revista Educação e Compromisso (Volumes 2, 3, 4)



Fonte: CCE (2018).

Nitidamente, verifica-se que foi criado todo um padrão gráfico em relação à estrutura da revista, pois as três publicações posteriores à primeira edição do periódico apresentaram traços idênticos, como: características ligadas ao *design* das capas; organização dos textos, em editoriais; artigos; temas em debate; relatos; resumos de dissertações, teses e resenhas; tamanhos das produções publicadas, com editoriais tendo uma página, os artigos entre 15 e 20 páginas, os temas em debates entre 5 e 8 páginas, as resenhas entre 3 e 6 páginas, os resumos de dissertações e teses entre 1 e 2 páginas, os relatos com 2 páginas; diversificação das temáticas abordadas pelos autores dos textos publicados, com discussões sobre filosofia da educação, psicologia da educação, sociologia da educação, história da educação, metodologias de ensino, práticas de ensino, relação professor-aluno, estágio curricular, formação docente, ensino, pesquisa, extensão, música, artes, educação no campo, leitura, escrita, ludicidade, metalinguagens e relatos de pesquisas; diagramação com traços peculiares e parecidos nos três volumes.

Logo, a proposta da revista foi ganhando respaldo e força no CCE, fato que se justifica, em parte, pela atuação da gestão de Conceição Carvalho, pois na época, as pessoas que estavam à frente da comissão editorial do periódico eram liderados pela direção, que fazia parte de todo o processo criativo: seleção dos textos, redação, edição, impressão até a distribuição das concepções escritas dos volumes publicados.

Ao longo das entrevistas, foi discutida a participação de Conceição Carvalho na Revista Educação e Compromisso. Alguns dos professores entrevistados haviam participado da revista por meio de publicações de textos nos volumes que foram editados durante o tempo

em que a docente coordenou o conselho editorial da revista, pois faziam parte da direção do CCE.

Quanto às lembranças sobre a proposta do periódico, Eudóxio Soares teceu alguns comentários:

A proposta era publicação não somente de trabalhos do corpo docente, mas ela tinha um compromisso, por exemplo, ter um conselho editorial externo para que pudesse ter um crédito mais qualificado, mas principalmente publicava os trabalhos provindos dos cursos de mestrado e dos cursos de especialização, era uma preocupação, mas com esse cuidado da questão da qualidade, por isso ela tinha um conselho editorial externo composto não somente por professores doutores do centro, mas de outros centros e até de outras instituições (Informação verbal).⁷⁵

Nota-se, pois, que a revista do centro tinha compromisso sobre a qualidade de suas publicações e a qualificação do conselho editorial existente no suporte para as edições dos volumes do periódico. Além disso, promovia oportunidades de publicação para as pesquisas produzidas pelos cursos de especialização existentes no CCE e, precipuamente, incentivava a publicação de estudos desenvolvidos nos primeiros anos de funcionamento do Curso de Mestrado em Educação do CCE.

Outrossim, promovia o intercâmbio de conhecimentos e de relações de pesquisas entre os outros centros pertencentes à UFPI, e todos esses processos estimulavam a participação de diversos setores da universidade na construção das edições da Revista Educação e Compromisso.

Eudóxio Soares também teceu comentários sobre sua participação na revista, juntamente com grupo de pesquisa para o qual Conceição Carvalho também deu sua contribuição:

Eu me lembro, que a gente tinha um grupo e participamos de um trabalho de pesquisa, que o tinha o professor Botelho como coordenador. Era uma pesquisa do semiárido piauiense e a Ceixa participava como pesquisadora também e a gente chegou a ter trabalhos publicados na revista como resultado dessa pesquisa, uma pesquisa financiada pelo CNPq. Então que a gente fez um diagnóstico da situação educacional do semiárido piauiense e alguns trabalhos foram publicados na revista (Informação verbal).⁷⁶

Tendo isso em vista, vislumbra-se que existia grande envolvimento dos professores do CCE nas produções de estudos científicos e no resultado desses trabalhos de pesquisa

⁷⁵Eudóxio Soares. Entrevista. 2018.

⁷⁶Eudóxio Soares. Entrevista. 2018.

realizadas por grupos de professores e alunos, publicados na Revista Educação e Compromisso. Eudócio Soares apontou, inclusive, o envolvimento e a cobrança realizados pelos discentes do centro e, em especial, pelos mestrados:

Os alunos participavam assim com a publicação de trabalhos, de trabalhos científicos, eles participavam e sempre cobravam também essa procura de alunos da pós-graduação. Hoje está diferente até se cobra que o aluno publique, mas tinha sim cobrança dos alunos, cobrança. E a gente tinha não somente a revista nesse período, a gente tinha também os boletins, por exemplo, o departamento tinha um boletim chamado ‘Marcas’, que publicava trabalhos de professores, trabalhos de alunos, o DMTE tinha esse boletim, mas a revista ela publicava trabalhos de alunos também juntamente com um professor, os trabalhos vistos e provenientes de dissertações de mestrado (Informação verbal).⁷⁷

Então, concebe-se a preocupação por parte da revista no sentido de incentivar as publicações realizadas em parceria entre discentes e docentes, principalmente de estudos produzidos pelos alunos do mestrado em educação, oferecido pelo CCE. Aliás, nota-se que o DMTE e os outros departamentos do centro também denotavam apreensão sobre a disseminação de publicações de pesquisas promovidas no próprio CCE – muito por intermédio do boletim Marcas, que foi citado pelo professor entrevistado.

Portanto, os próprios alunos tinham a visão de cobrar da revista o incentivo às publicações de estudos produzidos pelos estudantes oriundos dos cursos de especializações oferecidos pelo CCE, assim como do mestrado em educação da UFPI.

Destarte, foram rememorados alguns fatos sobre a criação da Revista Educação e Compromisso, pela professora Terezinha Nogueira, que contribuiu com algumas lembranças sobre a época da criação do periódico e da participação da Diretora Conceição Carvalho nesse processo, como uma das principais idealizadoras da revista científica.

Ela era diretora, eu me lembro assim da revista das seleções dos trabalhos para serem publicados. Eu me lembro de quando se estava selecionando os artigos e as coisas para serem publicadas e também da animação da gente por que iríamos ter uma revista e isso é importante também. Sentíamos-nos felizes de ver, que estávamos evoluindo, não estávamos estagnados (Informação verbal).⁷⁸

Corroborar-se, por meio dessas declarações, que havia toda uma expectativa em relação à criação e, mormente, à consolidação da revista, pois a empolgação demonstrada nessas

⁷⁷Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

⁷⁸Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

colocações da participante permite deduzir que todo o contexto envolvido pela criação da revista do CCE foi vivenciado pelos docentes do centro de forma ativa e participava.

Com efeito, a opinião da entrevistada em relação à evolução natural da revista e das questões que envolviam a produção e disseminação de novos estudos por aqueles que compunham os departamentos do centro comprova que a Revista Educação e Compromisso foi marca para potencializar as discussões, a circularidade de saberes educacionais, pedagógicos e múltiplos estudos estabelecidos no interior da universidade, impulsionando pesquisas na área da educação e estimulando os docentes da instituição, no sentido de cada vez mais produzir para a revista novas publicações oriundas de outros estudos.

A felicidade daqueles que pertenciam ao CCE no que tange à concretização da ideia da revista, assim como da publicação do primeiro volume do periódico foi festejado por todos os que lutaram para que isso tudo se efetivasse. Tal fato foi mencionado por Terezinha Nogueira:

As coisas mais marcantes, que eu lembro sobre a revista, a maior coisa que eu me lembro, mais assim que foi emocionante no dia em que a gente soube que a revista iria existir, que a revista existiria, foi um momento muito bom e depois quando saiu o primeiro número, foi muito importante. Então, nós nos sentimos muito felizes com isso (Informação verbal).⁷⁹

A criação da revista foi vista como vitória alcançada por intermédio do trabalho coletivo da direção do centro, na figura da professora Conceição Carvalho, em parceria com todos os outros docentes do centro, que estavam igualmente envolvidos nesse audacioso projeto do periódico científico do CCE.

Portanto, o legado deixado por Conceição Carvalho como Diretora do CCE, de 1989 a 1993, com base nos dados aqui reunidos, podem ser sintetizados na questão da democracia na tomada decisões e nas posturas em relação aos departamentos do centro, assim como também na estética do CCE, porquanto primou pela manutenção de ambientes limpos e bem cuidados, destacando-se o cuidado com a arborização de praças e jardins, que foram organizados nas novas dependências do prédio do CCE, posteriormente à mudança das instalações físicas, ou seja, a gestão coincidiu com o momento de transição do prédio velho para as novas dependências do CCE, em 1989.

Como revelado pelo professor Eudóximo Soares, pode ser considerado como um dos legados deixados por Conceição Carvalho no período em que foi diretora do CCE a criação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI, o primeiro curso de pós-graduação na categoria de mestrado oferecido na instituição e no Estado.

⁷⁹Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

Com base nisso, emergiram os seguintes questionamentos a respeito da criação do mestrado no CCE: como se deu a criação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI? Como Conceição Carvalho, então Diretora do centro, participou da criação desse curso? Quais os indícios referentes à participação da docente e Diretora no momento da primeira solenidade realizada na efetivação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI? Conceição Carvalho ministrou aulas no curso de mestrado da UFPI?

2.3 Criação do Curso de Mestrado em Educação

O Centro de Ciências da Educação foi o primeiro a oferecer os Cursos de Especialização em Educação na universidade. Então foi no período em que Ceíça Carvalho era diretora (SOARES, 2018).

Acerca das ações de Conceição Carvalho na direção do CCE, é fundamental sobressair as primeiras iniciativas para a criação do Curso de Mestrado em Educação, atualmente Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI. Era um sonho da comunidade acadêmica científica da universidade contar com um curso dessa natureza, no contexto do Piauí.

Por isso, Conceição Carvalho e vários outros professores do centro, durante cinco anos, mantiveram-se dedicados à elaboração do projeto de implantação do mestrado. À vista disso, permaneceram realizando estudos e foram responsáveis pela iniciativa do plano, que ganhou força e culminou com a concretização do primeiro mestrado do Piauí.

De acordo com Silva (2011), reportando as afirmações de Conceição Carvalho em relação às tentativas da criação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES):

Após parecer técnico do assessor da CAPES no ano de 1986, desaconselhando a implantação do Mestrado pretendido, em face de a UFPI não dispor das condições mínimas para fazê-lo funcionar, de acordo com as exigências desse órgão, a questão somente foi retomada em 1988, com a criação, no âmbito do CCE, da Comissão para Implantação do Mestrado em Educação da UFPI. A partir de sua instalação, esta comissão articulou a realização de estudos e tomou providências, visando dotar a instituição das condições mínimas exigidas como requisito para este tipo de curso. Dentre as providências tomadas, tem-se a aprovação e criação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI pela Resolução CONSUN/UFPI 005/88, de 22.11.88, com área de concentração em Educação Brasileira (CARVALHO, 2001, p. 100).

Como destaca Silva (2011), com o objetivo de viabilizar a implantação do referido curso, a então Diretora do CCE, Maria da Conceição Sousa de Carvalho, por meio da Portaria nº 09/90/CCE/UFPI, de 3 de setembro de 1990, constitui uma nova comissão sob a presidência de Luiz Pires de Freitas, Coordenador dos Cursos de Pós-Graduação da UFPI, com o propósito de elaborar a minuta do Projeto do Curso de Mestrado em Educação, que deveria ser entregue no dia 25 de setembro de 1990 para discussão.

Os membros da comissão eram: Luiz Pires de Freitas (Presidente da Comissão), Isa Maria dos Santos, Luiz Botelho de Albuquerque, Francisco da Costa e Silva Sobrinho, Terezinha de Jesus Rios Nogueira, Luiz Gonzaga Pires, Waldília Neiva de Moura Santos Cordeiro, Francisca Cardoso da Silva Pires, Maria do Rosário de Fátima Carvalho e Ana Maria Pádua Oliveira.

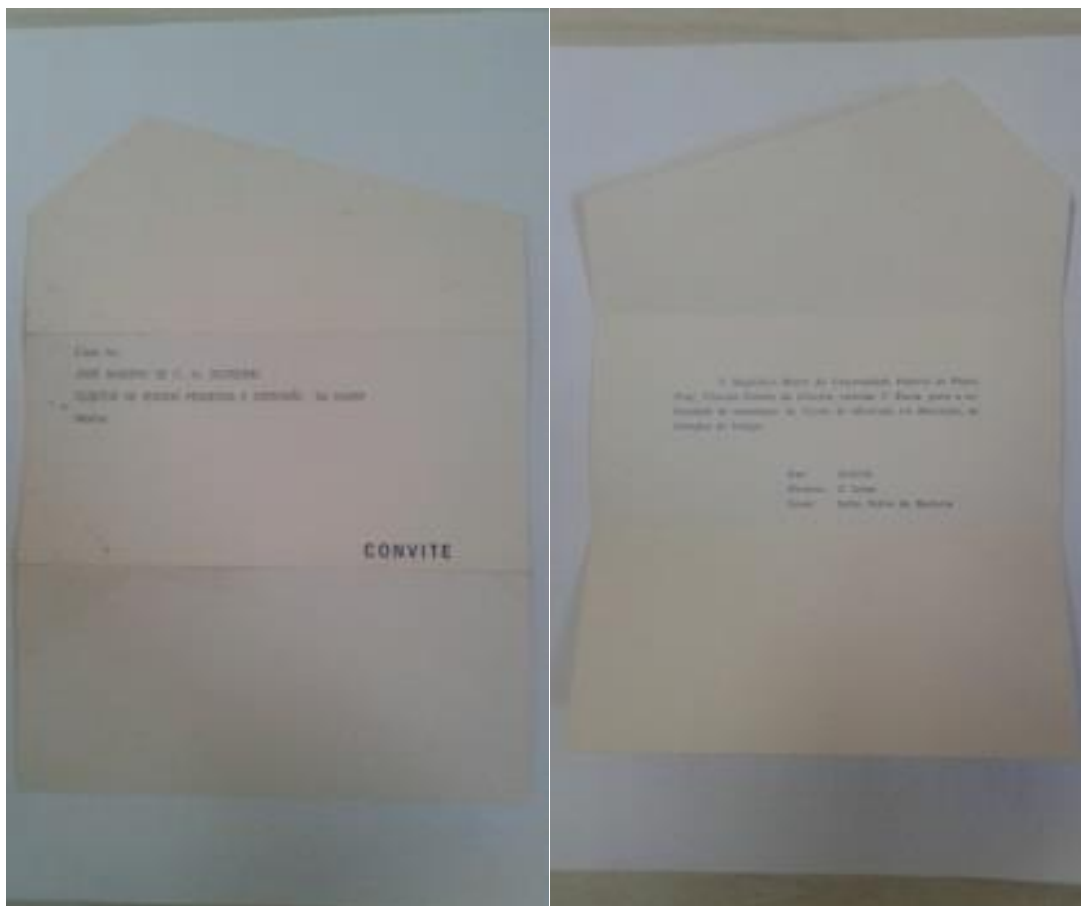
Destaca-se, nesse momento, a atuação de três comissões formadas por professores do CCE para a implantação do curso: a primeira, de 1986, não obteve êxito na aprovação; a segunda, de 1988, mobilizou toda a comunidade acadêmica da universidade na reformulação e construção do projeto do curso, e na tomada de providências por parte da instituição no sentido de oferecer as condições mínimas necessárias para concretizar o curso; e a terceira, de 1990, viabilizou a efetivação do curso junto à CAPES.

Conforme Silva (2011 p. 100),

Destarte, a partir de esforços empreendidos pela Coordenação dos Cursos de Pós- Graduação em Educação, pelo professor Charles Carvalho Camilo da Silveira, reitor à época, pela Comissão de Implantação do Mestrado em Educação, professores e membros da administração da UFPI, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, assessores e consultores do Conselho Técnico e Científico da CAPES e professores de programas de Pós-Graduação de outras Instituições de Ensino Superior ficou aprovado o projeto de criação do curso de Mestrado em Educação da UFPI, com área de Concentração em Educação Brasileira, através da Resolução CONSUN/UFPI 002/91, de 01.03.91, revogando assim a Resolução CONSUN/UFPI 005/88, de 22.11.88 e autorizando o seu funcionamento.

No dia 30 de outubro de 1991, foi realizada a solenidade de instalação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI, conforme demonstrado na Figura 28.

Figura 28 – Convite da solenidade de instalação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI



Fonte: Sobrinho (1991).

Sobre a solenidade de instalação do curso de mestrado, o atual Diretor do CCE, o professor Dr. Luís Carlos Sales, disponibilizou uma fita em VHS contendo imagens gravadas nessa festividade solene. Dentre os muitos presentes que discursaram, a então Diretora do CCE, Professora Conceição Carvalho, discursou na cerimônia:

Cumprimento o Magnífico Reitor da Universidade Federal do Piauí, o professor Charles Camilo da Silveira, o magnífico reitor da Universidade Estadual do Piauí, o professor Almir Bitencourt, o professor Anfrísio Neto, ainda nosso reitor também, que nos dá hoje a alegria de estar aqui também, ele que tem um papel também na construção desse mestrado. Os senhores pró-reitores, os senhores diretores de centro, os senhores colegas professores e prezados mestrandos. Evidentemente esse é um momento de especial importância na vida do Centro de Ciências da Educação, ele significa naturalmente o coroamento de uma luta que vem a mais de cinco anos e tem sido objetivo perseguido ao longo desse tempo, pelo grupo de professores e pelo consenso do Centro de Ciências da Educação no sentido de que é preciso avançar a produção teórica sobre educação no fórum próprio dessa discussão e desse avanço do conhecimento científico. É na verdade a pós-graduação *strictus sensus* nos procuraram e trouxeram um projeto de excelente qualidade. É preciso que se dê apoio a excussão desse projeto não

apenas o apoio acadêmico, mas é preciso que a universidade como instituição busque as formas concretas de efetivação desses trabalhos, por que com certeza eles são contribuições concretas a superação dos problemas nacionais. Mais uma vez eu quero deixar o agradecimento do Centro de Ciências da Educação, a administração superior da universidade, as estudantes e professores por terem acreditado e entrado conosco nessa jornada, nessa luta que hoje começa e que certamente será fruto e continuará sendo fruto do esforço e do trabalho coletivo de todos nós. Muito obrigado! (CARVALHO, 1991).⁸⁰

A alocução de Conceição Carvalho remete ao tom de euforia daquele momento em que se concretizava a luta pela implantação do Mestrado em Educação na UFPI. A solenidade de abertura do curso simbolizou o coroamento da empreitada dos docentes do CCE, que durante cinco anos, estiveram organizados na tentativa de elaborar e pôr em prática o projeto do primeiro Curso de Mestrado do Piauí.

A professora, sem citar nomes, agradeceu a todos os que contribuíram para que o curso fosse consolidado e elogiou a atitude dos professores dos cursos de especialização do CCE por terem sido os incentivadores da edificação do projeto de implantação do mestrado. Também fez crítica velada à gestão superior da UFPI, quando ratificou que somente o apoio acadêmico não era suficiente para que a criação do mestrado fosse adiante, mas era preciso adesão concreta por parte da instituição para promover projetos tão ambiciosos quanto o do mestrado em educação. Inferiu-se que talvez a reitoria não tenha oferecido o devido apoio e as bases financeiras para materializar propostas de criação de novos cursos de pós-graduação na UFPI, em nível de mestrado.

Aliás, vale destacar o fato de que a docente, em sua fala na cerimônia de instalação do mestrado, também mencionou o nome de dois reitores, ou seja, o que estava à época no comando da reitoria e o anterior a ele. Isso possibilita interpretar, que em relação à luta pela concretização do curso de mestrado do CCE, talvez a postura administrativa superior da universidade não tivesse dado o respaldo necessário para os processos de criação do curso, em virtude de questões políticas.

Deduz-se, pois, com base na fala da Diretora, que o Reitor anterior teve uma atitude mais plausível em relação ao intento de concretizar o curso de pós-graduação na instituição. Isso também leva a depreender que os ânimos políticos existentes nas relações entre a Diretora do CCE e o Reitor da época eram antagônicos, pois não possuíam pensamentos políticos convergentes. Essa falta de alinhamento entre a reitoria e a direção do centro foi algo

⁸⁰Disponível em: <<https://youtu.be/ccpinVL4hrw>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

muito ratificado nas falas dos entrevistados, mormente quanto ao fato de a diretora do centro ter um posicionamento político contrário ao da gestão superior da instituição, ou seja, ser oposição à reitoria do início dos anos 1990.

Com a perspectiva de construir uma produção de trabalhos em equidade com outros centros estabelecidos Brasil afora, Conceição Carvalho envolveu-se na instituição do Curso de Mestrado em Educação, que se transformou, posteriormente, no Programa de Pós-Graduação em Educação do CCE. Consta na ficha técnica do projeto de implantação do referido curso que foi publicado, em março de 1991, o nome de Conceição Carvalho como membro da organização desse projeto e Diretora do CCE. Ilustra-se na Figura 29 a capa do projeto do curso na UFPI.

Figura 29 – Capa do projeto de implantação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI



Fonte: Carvalho (1991).

Isso posto, infere-se que a professora Ceíça Carvalho contribuiu e participou da idealização, organização, construção e concretização do projeto de implantação do primeiro mestrado do Piauí, oportunizando a promoção de estudos e pesquisas na área da educação, e avanços consideráveis nas produções científicas elaboradas no Estado.

Com relação ao momento de criação do Curso de Mestrado em Educação, e à contribuição de Conceição Carvalho nesse evento, Leontina Lopes, em meio às suas lembranças, ajudou a entender um pouco as circunstâncias daquele momento:

Era uma pessoa que estava sempre lutando pelas boas causas, lembro que ficou assim na linha de frente na criação do mestrado e ela defendia muito isso, participou de várias comissões e eu acho que foi até onde ela pode ir, lutou bravamente e competentemente, por que ela achava que era importante a criação do mestrado em educação (Informação verbal).⁸¹

É válido expor algumas informações sobre a criação do Curso de Mestrado em Educação e a participação do Professor Eudócio Soares na comissão que elaborou e coordenou a construção desse curso na UFPI. Depois do período de criação e não mais na gestão de Conceição Carvalho junto ao CCE, o curso teve momentos de muitas dificuldades e chegou a ser descredenciado, mas a docente, em parceria com outros professores do centro, lutaram para revalidar o curso e conseguiram.

Eu fui da comissão para a criação do mestrado. Aliás eu fui coordenador adjunto do programa no início, ainda não tínhamos o mestrado, eu me afastei exatamente, até por que eu somente sou mestre. Então eu já achava que o mestre não deveria atuar, a gente já tinha pessoas com doutorado já chegando apesar de ser em número muito pequeno, eu me afastei, mas mesmo assim o mestrado foi criado e foi implantado sobre a coordenação de um mestre, não era doutor até por conta da quantidade pequena de doutores que a gente tinha no centro. Posteriormente, como diretor do centro, a gente enfrentou dificuldades, já existia o mestrado criado oficialmente, a gente já na minha gestão já pensava em criar o doutorado, mas o mestrado passou por um problema difícil, que foi até descredenciado pelo MEC, na minha gestão como diretor. Por que? Por conta da aposentadoria de vários doutores, assim nós convidamos professores doutores de outros centros, mas eles eram de áreas diferentes, por exemplo, eram de letras, eram de história, não tinha uma formação na área de educação especificamente, e o mestrado foi descredenciado, mas no meu período ainda a gente recuperou, a gente foi atrás de convênios com outras instituições de outros estados para formar professores doutores, no caso foi a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Federal do Ceará, a gente começou a investir nessa qualificação de professores e fizemos esses dois convênios. Aliás nós fomos atrás no Brasil inteiro para fazer esses convênios, por conta da carência de doutores no centro e recuperamos novamente o mestrado, ele foi reavaliado. Por sinal nesse período que ele foi descredenciado, nós fizemos uma turma interna com professores e funcionários, daí esse mestrado descredenciado, mesmo assim a CAPES aceitou, revalidou esse diploma dessa turma de mestrado e daí recomeçou. Mas a Ceixa sempre teve participação nessas decisões (Informação verbal).⁸²

O entrevistado não detalha quais foram as participações de Conceição Carvalho no processo de credenciamento do curso de mestrado em educação, ocorrido no final da década

⁸¹Leontina Lopes. Entrevista. 2017.

⁸²Eudócio Soares. Entrevista. 2018.

de 1990. Ressalta-se o fato de que a docente já não estava mais oficialmente no quadro de professores da instituição, pois já estava aposentada desde o ano de 1995.

Segundo fontes documentais, no caso, três declarações da coordenação do curso de mestrado, na mesma época, ou seja, no primeiro e segundo semestre do ano de 1995, ela ainda estava lecionando disciplinas e seminários no curso de mestrado. Isso leva a interpretar, com base nas informações dessas fontes e dos entrevistados, que a aposentadoria de Conceição ocorreu no período em que muitos outros docentes pertencentes aos departamentos do CCE, principalmente do DEFE e do DMTE, também faziam parte do quadro de professores do curso de mestrado.

Esses docentes iniciaram em massa o mesmo processo de aposentadoria, em virtude de questões políticas e trabalhistas que estavam sendo reformuladas naquele contexto da década de 1990, limitando drasticamente a quantidade de professores doutores e mestres do curso de mestrado, prejudicando a sua avaliação junto à CAPES, gerando o descredenciamento do curso no final daquela década.

Na tentativa de reverter esse processo de descredenciamento do curso, foi demandada nova mobilização dos professores do CCE com vistas a credenciar outra novamente o Curso de Mestrado em Educação da UFPI, com o comando e empenho do Diretor do CCE daquela época, o professor Eudócio Soares, que é um dos participantes entrevistados nesse estudo.

Compartilhando da opinião dos outros entrevistados, a professora Terezinha Nogueira pontuou a criação do Curso de Mestrado em Educação como um importante feito realizado na época, proporcionando o acesso a pós-graduação em seu Estado de origem.

Eu me lembro da pós-graduação, quando foi criada foi assim uma coisa muito boa para o centro e para os departamentos, especialmente por que apesar dela ser a diretora a gente sentia ela como líder, por que ela era mesmo do centro. E foi um grande feito, por que naquela época para se fazer pós-graduação e mestrado era uma novela a gente tinha que ir para fora, eu mesma fui para o Rio Grande do Sul, eu fiz mestrado em Santa Maria no Rio Grande do Sul. A gente saía todo mundo e íamos para São Paulo e deixávamos a família e tinha gente que deixava marido e filhos e chegar mestrado aqui foi um grande feito, foi um grande feito e muito ovacionado por que foi uma grande coisa que se conseguiu na época (Informação verbal).⁸³

Havia opiniões contrárias à dos entrevistados que eram categoricamente favoráveis à criação do curso em tela. Era o caso da professora Cecília Mendes, que afirmou que era uma das pessoas que não concordavam com a criação do curso, pois a universidade e o centro não

⁸³Terezinha Nogueira. Entrevista. 2018.

ofereciam condições mínimas necessárias para que isso fosse concretizado, enfatizando a questão de não existirem bibliotecas com acervo suficiente para o desenvolvimento de estudos na área da educação, e de o quadro de professores da instituição ainda contar com poucos profissionais com titulação de doutorado.

Eu sei que eu não era a favor da criação do mestrado por que achava que nós não tínhamos uma biblioteca decente para a graduação e eu achava que não estávamos ainda em condição de criar o mestrado naquelas condições. Mas nunca fiz nada, só que eu não concordava, por que eu achava que nós tínhamos uma biblioteca muito fraca e o mestrado além de ter e precisar ter todos os professores com doutorado, que não era o caso, nós não tínhamos. E nós não tínhamos uma biblioteca descente e específica. Ainda era a biblioteca geral e era pobre na área de educação e isso eu me lembro, que eu pensava assim, mas eu nunca fiz nada contra (Informação verbal).⁸⁴

A fala de Cecília Mendes atesta a sua opinião contrária à criação do mestrado, devido à falta de estrutura mínima para o seu funcionamento, já que a universidade não possuía biblioteca com acervo preparado para fornecer materiais teóricos para a realização de estudos no curso. Destarte, o CCE não dispunha de corpo docente com muitos doutores naquela época – uma das exigências para que o curso funcionasse.

Tendo isso em vista, deduz-se que Conceição Carvalho talvez não seria unânime entre os professores entrevistados, pois existe um contraponto na fala de Cecília Mendes, em relação à criação do curso. Sua alocação indica que havia pessoas antagônicas a esse projeto, em virtude das questões de estrutura da UFPI.

Nessa perspectiva, distingue-se uma contradição sobre a criação do mestrado, pois parte dos professores entrevistados asseguraram a existência de unanimidade em relação à concretização do curso, ao passo que uma das professoras reconheceu que havia posicionamento contrário à ideia. Depreende-se desse achado a possibilidade de haver dualidade de opiniões no CCE em relação à constituição do mestrado, posto que alguns eram favoráveis e outros não concordavam com a sua implantação.

Mas como se deu a participação de Conceição Carvalho no Curso de Mestrado em Educação da UFPI? Sobre isso, três declarações foram emitidas pela coordenação do curso, onde a primeira indica a participação da professora na comissão de elaboração do projeto de implantação do curso de mestrado em educação; a segunda menciona a sua participação na composição do quadro de professores participantes do curso por um prazo determinado, ou seja, de março de 1991 a abril de 1995; por fim, a terceira indica a sua participação como

⁸⁴Cecília Mendes. Entrevista. 2018.

ministrante do Seminário *Tópicos Avançados em Educação: a educação em perspectiva interdisciplinar*, conforme Figuras 30 e 31.

Figura 30 – Declaração da Coordenação do Mestrado sobre a Elaboração do Projeto de Implantação do Mestrado em Educação



Fonte: Carvalho (1995).

A Figura 30 mostra a participação da professora Maria da Conceição Sousa de Carvalho como integrante da comissão de elaboração do projeto de implantação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI, sinalizando que a sua conclusão ocorreu em março de 1991. A declaração foi assinada pela Coordenadora do Curso, Tanya Maria Pires Brandão, em 7 de novembro de 1995.

Figura 31 – Declaração de participação no seminário



Fonte: Carvalho (1995).

A Figura 31, por sua vez, revela a atuação de Conceição Carvalho como ministrante do Seminário *Tópicos avançados em educação: a educação em perspectiva interdisciplinar*, desenvolvido no segundo período letivo do ano de 1995.

Localizou-se, ainda, uma espécie de plano de curso desse seminário, que transmite alguns dados referentes à proposta dessa atividade científica realizada no curso em apreço. Além disso, a programação do seminário, com questões pertinentes às suas atividades. O

documento realça a preocupação do Curso de Mestrado em Educação na realização de atividades interdisciplinares que envolvessem mestrandos e professores.

O curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí tem como princípios básicos a interdisciplinaridade, a flexibilidade e a autonomia no desenvolvimento de estudos e na produção acadêmica. O entendimento da interdisciplinaridade em sua dimensão teórica e a prática interdisciplinar na produção do conhecimento tornam-se, assim, objeto de interesse do Curso. A realização do Seminário: A educação em perspectivas interdisciplinar vem traduzir essa preocupação em aprofundar estudos que possibilitem a visão e o tratamento interdisciplinar das questões objeto de estudo dos mestrandos e professores (PLANO DE CURSO, 1995).

Adiante, reforçam-se os objetivos pretendidos pelo seminário, roborando que o desígnio dessa atividade era focalizar a educação sob uma perspectiva interdisciplinar, criando condições para a realização de estudos interdisciplinares, conforme proposta do mestrado em educação. Essa atividade foi desenvolvida e realizada no segundo período do ano de 1995, com a participação de pós-graduandos e docentes pertencentes ao programa.

Na programação das atividades que foram desenvolvidas nesse seminário, vale acentuar que a professora Conceição Carvalho participou como ministrante, com apresentações evoluindo duas temáticas diferentes: interdisciplinaridade e construção do saber; e discutindo a interdisciplinaridade. As duas atuações ocorreram em datas diferentes: 15 de setembro de 1995, e 1 de dezembro de 1995, respectivamente.

Diante do exposto, deduz-se que Conceição Carvalho coadjuvou diversas ações na criação e consolidação do Mestrado em Educação da UFPI, estimulando preocupações ainda não existentes sobre a pós-graduação no Piauí. Por essa razão, a professora, quando Diretora do CCE, buscou desenvolver a proposta do curso como objetivo de grande parte dos docentes que sonhavam com essa possibilidade, e não poupou esforços no sentido de envolver todas as partes do centro para criar o primeiro mestrado do Estado.

Mas como se deu o intento de Conceição Carvalho em fomentar a sua produção intelectual no período em que foi docente na UFPI? Quais foram os seus objetos de estudos?

3 ENTRE PESQUISAS, REVISTAS E DISSERTAÇÃO

Por outro lado, é pertinente observar que para buscar a formação de profissionais competentes – e para tal devem ser críticos e criativos -, consolidar a produção e a disseminação do saber e da arte, e respaldar todas estas ações num compromisso responsável com a sociedade, há que se efetivar a articulação tão complexa, mas tão indispensável, entre o ensino, a pesquisa e a extensão (CARVALHO, 1993).

O trecho em epígrafe, que é um pequeno fragmento do discurso de despedida de Conceição Carvalho da direção do CCE, fornece indícios de preocupação da docente em fomentar a consolidação da produção e disseminação do saber e da arte por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. Essa foi uma das constantes aflições evidenciadas em seus trabalhos acadêmicos, os quais respaldam sua atuação no campo da pesquisa e na publicação científica, com o olhar voltado para o próprio ambiente de trabalho, qual seja a universidade.

Mas antes de adentrar nas discussões desencadeadas por essas fontes e dados aqui reunidos, retoma-se o pensamento de Ginzburg (1989), que em seu paradigma indiciário denota o fato de o historiador, por meio dos vestígios, poder buscar informações para interpretar fatos passados.

Dentre as fontes iconográficas aqui reunidas, uma em especial chama atenção, pelo fato de a personagem central dessa fotografia ser a Professora Conceição Carvalho trajando uma vestimenta peculiar das cerimônias de formatura dos cursos de graduação: uma beca imponente de professora homenageada. Quando se observou essa foto, remeteu-se para o fato de que somente pessoas intelectuais têm essa oportunidade, ou seja, docentes atuantes em níveis universitários e que por esse motivo, podem participar desses rituais e usar essa roupa tão impregnada de significados, tanto para quem veste como para quem vê a pessoa fazendo uso dela.

Convém rememorar que a professora Conceição Carvalho atuou por muitos anos no DMTE e por isso, provavelmente foi homenageada em muitas cerimônias de formatura de seus alunos, todos oriundos dos cursos de graduação atendidos pelo CCE. É o que se verifica no registro fotográfico da Figura 32, que mostra uma dessas cerimônias de formatura, em que a docente participou, provavelmente, como homenageada e trajou aquela roupa repleta de significados.

Figura 32 – Conceição Carvalho como professora homenageada em cerimônia de formatura da UFPI



Fonte: arquivo pessoal de Conceição Carvalho (1993).

Muitos dos professores que foram homenageados marcam, de alguma forma, o cotidiano dos alunos que estiveram no convívio das disciplinas nos cursos de graduação. Os mestres que se destacam, muitas vezes em virtude de sua postura intelectual e de seu relacionamento com os alunos, são escolhidos para participarem desse ritual, que é tão significativo para os graduados, assim como para os mestres que, de alguma forma, estão sendo reconhecidos pelo trabalho e dedicação atribuídos aos que conseguiram a vitória da formação em nível superior.

Presume-se, então, que Conceição Carvalho, por ser uma intelectual, destacava-se entre os alunos e por isso foi homenageada nessa cerimônia de formatura, retratada na ilustração anterior. Isso proporciona articulações de interpretações em decorrência de essa característica da docente de ser consentida, segundo os entrevistados desse estudo, como uma intelectual ativa, com promoção de estudos e pesquisas no âmbito da universidade.

Convém destacar mais um trecho da obra de Mignot (2002, p. 23), em seu livro *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado de pioneiro de Armanda Alvaro Alberto*, em que evidencia o momento do encontro de um livro de autoria de Armanda:

Na exploração inicial encontrei o livro escrito por Armanda – Escola Regional de Meriti (documentário) 1921-1964 – reunindo alguns depoimentos, dedicados à biblioteca do Instituto de Educação Roberto Silveira. Nele, verifiquei que o seu trabalho era admirado por Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Edgar Süsserkind de Mendonça Delgado de Carvalho e Paschoal Lemme, renovadores e que, como eles, havia sido signatária do Manifesto dos Pioneiros.

Dessa forma, pode-se compartilhar da experiência da supracitada autora, pois se manuseou uma produção de Conceição Carvalho cujos indícios permitiram perceber que na figura feminina da docente existiu uma intelectual ativamente produtiva e engajada com as possibilidades de desenvolvimento de estudos aliados ao seu ambiente de trabalho e às suas redes de sociabilidades.

Novamente reportando ao pensamento de Mignot (2002, p. 23) em relação ao percurso do processo investigativo sobre a vida de Armanda, avistou-se mais uma semelhança, a questão da ligação existente entre as fontes e os caminhos a serem percorridos no desenvolvimento do estudo em voga. Nessa perspectiva,

inicie uma pesquisa que, em seu recorte de examinar a integração escola-comunidade, obrigava a ir além da experiência pedagógica. Inicie, assim uma série de leituras, pesquisa em arquivos, entrevistas, que não obedeciam rigidamente a esta sequência. Arquivos levavam a leituras. Estas remetiam a entrevistas que indicavam leituras que encaminhavam para arquivos, num permanente vai-e-vem. A localização de alguns alunos e antigos colaboradores, mediante relatórios escolares, permitiu entrar em contato com parentes e amigos de Armanda do seu círculo de relações no Rio de Janeiro.

Coincidência ou não, partilha-se dessa experiência no percurso investigativo do estudo sobre Conceição Carvalho, pois os acervos levam ao contato com as fontes documentais que, por sua vez, encaminham para leituras que igualmente remetem à necessidade de buscar mais fontes que levem ao contato com pessoas para realizar as entrevistas. A localização de parentes e companheiros de trabalho também se fez necessária na abrangência do estudo.

Tudo isso oportunizou um intenso vai e vem nos estudos e nas análises de fontes e entrevistas, culminando com a produção de escritas sobre a docente e no conhecimento de sua produção intelectual, que será contemplada por meio de indícios reunidos com base nas fontes existentes na Revista Educação e Compromisso, na Revista Linguagens, Educação e Sociedade, em sua dissertação de mestrado e em relatórios de produção científica realizados com o intuito de progressão funcional, mas que fornecem pistas valiosas sobre as produções intelectuais da docente.

Nessa lógica, alinhado com o pensamento de Venancio (2006), em seu livro *Intelectuais e palavra impressa*, constatou-se que pesquisar os mecanismos da escrita, leitura e circulação de impressos que disseminam os saberes tornou-se uma via profícua para se conhecer os espaços nos quais os discursos se inscreviam e se construíam em determinados contextos históricos e, ainda, um meio de se compreender as distintas maneiras por meio das quais os diversos grupos sociais se apropriavam dos impressos como estratégia nas lutas políticas.

Dessa maneira, interpretar os discursos existentes em produções oriundas de pesquisas que proporcionam a circularidade de saberes é uma tarefa árdua e que demanda muitos esforços para o pesquisador. Isso porque os contextos históricos e sociais evidenciados nas entrelinhas dessas escritas revelam com intensidade as demarcações existentes nesses papéis guardados e que de formas variadas são determinantes para decodificar os indícios históricos oriundos desses escritos articulados com saberes.

Com essa preocupação de interpretar os discursos dos intelectuais que produziram pesquisas e replicaram seus conhecimentos por meio da circularidade de saberes, verificadas em sua maioria nas produções escritas de professores que são pesquisadores e fomentaram a intelectualidade de seus círculos de convivência e de alcance, denota-se que “os historiadores, então, passaram a centrar-se na busca pelo desvendamento dos múltiplos fios que ligavam um indivíduo ao seu espaço social, focando-se em cada agente social ou instituições” (VENANCIO, 20016, p. 11).

Assim, surgem algumas indagações a serem levadas em consideração nesse estudo. Os intelectuais, em seus momentos de produções científicas, levam em consideração os ambientes em que estão inseridos? Será que no passado, a prática de aliar as pesquisas, no âmbito de produção de saberes, com os seus ambientes de trabalho seria uma constante na vida de intelectuais que atuavam na docência do magistério superior? Os contextos vivenciados nas práticas educativas faziam aflorar questionamentos que resultavam em estudos e pesquisas no âmbito do trabalho na universidade?

Posteriormente a esse emaranhado de indagações, emerge nova interpretação baseada nos arquivos pertencentes à docente em epígrafe. Verificou-se que em sua maioria, as produções acadêmicas de Conceição Carvalho estão, de alguma forma, ligadas ao seu contexto em sala de aula e, conseqüentemente, ao seu ambiente de trabalho. Rastreamento os saberes pertinentes a esses estudos, supõe-se que envolvida com sua própria realidade docente na universidade, os direcionamentos para essas práticas constantes que balizaram o seu campo

de pesquisa para a UFPI tenham sido uma forma de vivenciar ainda mais outras experiências intelectuais.

Novamente, percebeu-se que as fontes encontradas, que de alguma forma serviram para divulgar saberes produzidos por essa docente e intelectual, poderiam servir como dados na promoção do estudo desenvolvido sobre a história da produção intelectual de Conceição Carvalho, pois “entre os diversos temas que pouco a pouco foram-se tornando cada vez mais importantes, os historiadores concentraram sua atenção nos instrumentos utilizados como veículos de formação e divulgação de ideias: jornais, folhetos, revistas e livros” (VENANCIO 2016, p. 11).

Portanto, alinha-se a ideia de que os impressos produzidos por intelectuais denotam saberes e podem auxiliar a compreensão de questões relacionadas à circularidade de saberes existentes em determinados contextos históricos. Conforme aponta Venancio (2016, p. 11),

Os impressos ganharam espaço nas análises historiográficas como objetos essenciais a serem investigados, para que fosse possível evidenciar as vias de mobilização e os mecanismos de convocação e engajamentos, bem como compreender os diversos registros de acordos e conflitos, de alianças e confrontos.

Da mesma forma, os impressos produzidos pela intelectual Conceição Carvalho ganharam destaque no desenvolvimento desse estudo, pois se infere que por meio das interpretações dessas produções, seria possível reconstituir mais um viés de sua vida docente, ou seja, a de pesquisadora produtora de conhecimento e disseminadora de saberes educacionais, que refletiam suas aflições em relação à sua própria realidade no cenário da UFPI.

Tendo isso em vista, reporta-se novamente ao pensamento de Venancio (2016, p. 35), baseado nas ideias de Greenblat (1991) e Bourdie (2011), pois

identificar em cada livro um referente material da cultura, possibilitará uma apreciação desses objetos como resultado de uma complexa construção simbólica e material por parte das sociedades, que expressam e, ao mesmo tempo, produzem suas diferentes visões de mundo. Esse processo de construção simbólica é marcado por disputas entre pessoas, instituições e áreas de conhecimento, e, para entender melhor essa dinâmica, não perderemos de vista o conceito de campo de Pierre Bourdie, como espaço de disputa de acordo com os interesses específicos de cada grupo.

Com base na ideia de que as produções intelectuais servem como construções simbólicas e materiais para as sociedades, sentiu-se a necessidade de identificar esses

materiais impressos no sentido a fim de compreender quais foram os objetos de estudo investigados por Conceição Carvalho e, assim, mapear algumas informações em virtude dessas produções intelectuais que compõem a circularidade de saberes existentes no âmbito da educação piauiense e da UFPI.

Daí, procurou-se identificar e tentar responder aos seguintes questionamentos: quais foram os trabalhos produzidos pela docente? Quais as contribuições existentes nesses trabalhos? Qual a relação dessas produções existentes com a universidade em que ela atuou como professora, no DMTE?

A produção intelectual de Conceição Carvalho, construída durante período de sua atuação na UFPI, é composta pelos seguintes trabalhos: dissertação de mestrado, com o título *Eficácia do ensino universitário: um estudo da opinião de alunos*; dois editoriais e um artigo – intitulado *Extensão universitária: algumas ideias para análise* –, publicados na Revista Educação e Compromisso; um artigo – *Rediscutindo a interdisciplinaridade* –, divulgado na Revista Linguagens, Educação e Sociedade.

Para mais, foram encontrados alguns indícios concretos sobre a existência dessas escritas da professora, sendo de conhecimento do pesquisador a existência física de cinco trabalhos específicos, ou seja, a dissertação, os dois editoriais e o artigo na revista do CCE, além do artigo na revista Linguagens, Educação e Sociedade.

Partindo da premissa de que todo campo disciplinar resulta de um projeto coletivo, mais ou menos conscientemente construído e coletivamente dirigido, os estudos mencionados têm evidenciado que as revistas pedagógicas são uma fonte ‘incontornável’ para o estudo que propomos, na medida em que permitem apreender a multidimensionalidade do campo pedagógico e suas dificuldades de articulação teoria-prática, além de possibilitar a identificação dos principais grupos e personagens de determinada época histórica. Constituem ainda uma instância original para a compreensão das formas de funcionamento desse campo, já que fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico e o aperfeiçoamento das práticas educativas, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas, as reivindicações dos professores, entre outros temas relativos ao universo educativo (MAGALDI; XAVIER, 2008, p. 15-16).

A respeito dessas produções acadêmicas em que Conceição Carvalho deixou sua marca, ao tempo em que lecionava em algumas disciplinas no DMTE, estava paralelamente desenvolvendo determinadas escritas. Os trabalhos revelam uma característica peculiar sobre ela, pois a maior parte de seus textos envolvia, de alguma forma, a instituição em que atuou como docente e onde ocupou cargos de gestão.

Diante dessa realidade, atesta-se que a produção intelectual da educadora enquadra-se na tradição historiográfica, da história da cultura escrita, a qual, de acordo com Venancio (2016, p. 12), “tem como principal objetivo refletir sobre os usos sociais dos objetos impressos.”

Sobre as fontes aqui mobilizadas, é oportuno ostentar um pequeno relatório em que a docente mostra a sua produção científica de 1977 a 1984: ao todo, são cinco trabalhos de sua autoria, que integram uma parte de suas escritas intelectuais no âmbito acadêmico, com direcionamento para a UFPI.

Esse relatório de produção científica foi encaminhado ao Magnífico Reitor da UFPI em 18 de setembro de 1984, e tinha como escopo requerer concessão de incentivo funcional, pois com base na Resolução 010/84, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPEX) da instituição, por mérito relacionado ao número de produções científicas, os docentes desfrutavam de incentivos funcionais e progressões de carreira. Porém, para que isso fosse concretizado, seria necessário apresentar documentos comprobatórios sobre as produções científicas, daí porque a docente apresentou esse documento, anexando o pedido que demandava seus direitos, em virtude de sua produção intelectual.

O relatório de produção científica acompanhava uma lista com cinco referências às produções de Conceição Carvalho, quais sejam: o texto *Estudo do rendimento do ensino pelo método Keller e pelo método convencional em didática I, na UFPI*, um relatório de pesquisa escrito pela docente, em parceria com o professor José Florêncio Rodrigues Junior, publicado em dezembro de 1977; o texto *Prática de ensino: estimativa da carga horária docente*, de autoria da professora, apresentado como relatório final de pesquisa, publicado em evento em novembro de 1980; o texto *Caracterização sócio econômica da população da periferia urbana de Teresina: um enfoque educacional*, um relatório de pesquisa em parceria com outros professores – Luiz Botelho Albuquerque e José Neuburgo de Oliveira –, publicado em evento, em maio de 1982; o texto da dissertação de mestrado em educação, *Eficácia do ensino universitário: um estudo da opinião de alunos*, que alcançou maior destaque, pois foi a concretização da pesquisa de mestrado da docente, publicado em Porto Alegre – Rio Grande do Sul, em 1982; o texto *Extensão universitária: uma proposta de redefinição no CCE*, trabalho apresentado no primeiro Encontro de Professores do Centro de Ciências da Educação, em abril de 1984; o texto *Estudo sobre os cursos de licenciaturas da UFPI*, fruto de uma pesquisa financiada pelo CNPq em que a docente atuou como coordenadora e fazia parte do grupo de pesquisa sobre educação rural no Piauí, entre 1985 e 1987.

Com essas produções, valida-se que a docente atuou e investiu em pesquisa, trabalhando com temáticas direcionadas, de alguma forma, à instituição de ensino à qual era vinculada, com escritas que retratavam as circunstâncias vivenciadas pelos discentes e docentes do CCE. Em parceria com outros profissionais, promoveu e concretizou alguns estudos, que resultaram em publicações de produções científicas.

Também existem pesquisas concluídas e que foram publicadas sob autoria da docente, e mais dois outros trabalhos financiados por agências públicas de fomento à pesquisa. O primeiro foi o texto *A educação na região semiárida piauiense*, um projeto de pesquisa elaborado e concluído para a UFPI, com financiamento do CNPq, publicado em dezembro de 1989. O segundo foi o texto *Resgate da história da escola no Piauí*, escrito em colaboração com a Professora Maria do Amparo Borges Ferro, também elaborado e concluído para a UFPI, resultado de pesquisas realizadas pelas docentes da UFPI, envolvidas em um projeto em longo prazo, com financiamento do INEP, publicado em junho de 1993.

As publicações em participações de eventos científicos também compõem a produção intelectual da docente, sendo duas publicações em episódios realizados no Nordeste do Brasil. O primeiro trabalho foi o texto *Educação na região semiárida piauiense*, publicado nos anais do VII Encontro de Pesquisa em Educação do Nordeste, realizado em Aracaju, em setembro de 1987. O segundo foi a escrita denominada *A pesquisa na FADEP*, resumo publicado em anais de evento organizado pela Fundação de Apoio e Desenvolvimento da Educação no Piauí (FADEP), em setembro de 1988.

Para situar determinadas produções intelectuais de Conceição Carvalho, vinculadas à sua participação em eventos científicos, elaborou-se um quadro que resume a sua produção técnica e científica, com informações a respeito desses eventos e dados sobre a natureza da participação da docente.

Quadro 3 – Produção técnica e científica de Conceição Carvalho

PRODUÇÃO TÉCNICA E CIENTÍFICA			
TRABALHOS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS PRODUZIDOS	EVENTO	INSTITUIÇÃO	PERÍODO E LOCAL
Palestra sobre o tema: característica do período pré-operacional	Ciclo de estudos sobre a pedagogia de Piaget	Associação sul-riograndense de educação pré-escolar, em colaboração com a Faculdade de Educação/ UFRGS	27/06/1977 a 30/06/1977, em Porto Alegre

Painel sobre a prática de ensino na Universidade Federal do Piauí	Seminário sobre prática de ensino	Centro de Ciências da Educação, na UFPI	11/03/1980 a 13/03/1980, em Teresina
Ministrou seminário de estudos sobre redação científica	Curso de serviço social da FUFPI	UFPI	07/07/1980 a 11/07/1980, em Teresina
Ministrou seminário de estudos sobre redação científica	Supervisores de estágio do curso de serviço social da FUFPI	UFPI	20/08/1980 a 26/08/1980, em Teresina
Participação como professora do DMTE representante	I semana de integração educativa	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Ciências da Educação da UFPI	09/03/1981 a 13/03/1981, na Estaca Zero
Ministrou seminário de estudos sobre redação científica	Curso de serviço social	UFPI	17/03/1981 a 21/03/1981, em Teresina
Projeto Monsenhor Gil	I Encontro de integração educativa	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Ciências da Educação da UFPI	27/06/1983 a 02/07/1983, em Monsenhor Gil
Projeto Monsenhor Gil	II Encontro de integração educativa	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Ciências da Educação da UFPI	Segundo período de 1983, em Monsenhor Gil
Palestra sobre: formação do educador	Curso de Pedagogia	Campus Ministro Reis Veloso na UFPI	20/05/1985, em Parnaíba
Curso sobre o papel social do educador		UFPI	31/05/1985, em Teresina
Palestra com o tema: a educação piauiense	Pró-Reitoria de Extensão	UFPI	06/11/1985, em Teresina
Palestra: movimentos estudantis e o poder	III Semana de filosofia	UFPI	07/10/1987 a 11/10/1987, em Teresina
Palestra ministrada sobre o tema: a importância do profissional de história como educador	I Semana de história	UFPI	26/10/1986 a 31/10/1986, em Teresina
Comunicação: educação na região semiárida piauiense	VII Encontro de pesquisa em educação do Nordeste	Programas de pós-graduação em educação no Nordeste. Universidade Federal do Sergipe	01/09/1987 a 04/09/1987, em Aracaju
Palestra sobre educação.	Festividades do 142º aniversário de fundação do Colégio estadual Zacarias de Góis – Liceu Piauiense	Departamento de ensino de segundo grau do governo estadual do Piauí	01/10/1987, em Teresina
Conferencista	I Simpósio de pesquisa, ensino e extensão	Secretaria de Estado da Educação. Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí (FADEP). Centro de desenvolvimento de recursos humanos (CDRH). Departamento	19/09/1988 a 23/09/1988, em Teresina

		de educação para o trabalho (DET)	
Editorial	Revista educação e compromisso	Centro de Ciências da Educação da UFPI	Dezembro de 1989, em Teresina
Editorial	Revista educação e compromisso	Revista do Centro de Ciências da Educação da UFPI	Dezembro de 1992, em Teresina
Artigo: extensão universitária: algumas ideias para análise	Revista educação e compromisso	Centro de Ciências da Educação da UFPI	Dezembro de 1990, em Teresina
Relatora das conclusões finais. Tema central: integração das bibliotecas da UFPI e comunidade universitária	I Encontro de bibliotecas da UFPI	Biblioteca central da UFPI	28/10/1993 a 29/10/1993, em Teresina
Elaboração do Guia de elaboração e execução de projetos da UFPI – 1994	Coordenação de programa, planos e projetos. Profa. Maria da Conceição Sousa de Carvalho	UFPI	1994, em Teresina
Artigo: discutindo a interdisciplinaridade	Revista linguagem educação e sociedade	Revista do mestrado em educação da UFPI	1996, em Teresina
Palestra: escola participativa	I Seminário – CEUFPI	Cooperativa educacional dos funcionários da UFPI – CEUFPI	27/02/1997, em Teresina

Fonte: arquivo de Conceição Carvalho (2018).

Com base nas informações do Quadro 3, constata-se que Conceição Carvalho se envolveu em vários eventos realizados na UFPI e fora da universidade. Analisa-se que a circularidade de saberes docentes foi constante nessas oportunidades de realização de comunicações orais, palestras e conferências em outras localidades. Ademais, a professora ministrou palestra em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, apresentou comunicação em Aracaju, Sergipe. Essas viagens demonstram a expansão de suas produções e perspectivas de conhecimentos por outros lugares.

Também se verifica que suas ações na UFPI foram determinantes em apresentações desenvolvidas em parceria em vários eventos realizados na cidade de Teresina e em outros municípios do Estado, patenteando que sua produção intelectual estava em constante circulação.

Torna-se relevante assimilar que, apesar de sua aposentadoria, em 1995, esteve envolvida durante dois anos seguidos com atividades acadêmicas relacionadas a eventos e publicação, já que proferiu palestra no I Seminário da Cooperativa Educacional dos Funcionários da UFPI; além disso, teve artigo publicado na Revista Linguagem Educação e Sociedade, pertencente ao Mestrado em Educação da UFPI. Isso atesta que Ceíça Carvalho,

embora tenha se afastado de suas atividades como docente, em virtude de sua aposentadoria, procurou inserir-se na academia, por meio de atos e práticas intelectuais.

Posteriormente a essas discussões iniciais, optou-se por tratar separadamente de cinco produções que se sobressaíram e com as quais se obteve contato real. Assim, por ter acesso, de fato, a textos que foram encontrados nos arquivos pessoais da docente, foi possível realizar um estudo mais acurado e dissertar a respeito das informações relacionadas, exclusivamente, a cinco produções, quais sejam: dois editoriais e um artigo na Revista Educação e Compromisso; a dissertação de mestrado em educação, com o título *Eficácia do ensino universitário: um estudo da opinião de alunos*; e um artigo na Revista Linguagens Educação e Sociedade.

Apesar do acesso restrito a apenas quatro produções, soube-se da existência de outros escritos, os quais não foram localizados, impossibilitando a investidura de análises sobre eles. Intenciona-se, com a abordagem dessas produções, examinar questões que foram desenvolvidas na trama desses textos escritos pela docente e trazer uma noção sobre a estrutura e os assuntos contemplados nessas obras.

Emergiu, assim, o questionamento sobre como se deu a participação de Conceição Carvalho como autora na Revista Educação e Compromisso, alvo do próximo tópico desse estudo.

3.1 Produções na Revista Educação e Compromisso

A produção da docente nessa revista foi marcada por três publicações em diferentes volumes do periódico, pertencente ao CCE. Vale lembrar que a criação dessa revista ocorreu no momento em que a docente ocupava o cargo de Diretora do CCE, daí porque participou das primeiras iniciativas do periódico e fomentou a produção de escritas para serem publicadas a partir de 1989, quando a revista foi criada e teve o seu primeiro volume editado.

Em sua edição inicial, encontra-se a primária participação da docente no periódico, que ocorreu por meio do editorial de abertura da revista, quando Conceição Carvalho denotou sua produção por meio de sua representatividade à frente da direção do CCE, como mostra a Figura 33.

Figura 33 – Editorial do primeiro volume da Revista Educação e Compromisso

EDITORIAL

Estimular a produção científica dos professores e estudantes e divulgá-la através de um veículo próprio é uma aspiração antiga do CCE. No início, a concretização deste intento se deu por meio de experiências esporádicas, decorrentes da iniciativa de setores do Centro que, vencendo as dificuldades, iniciaram um trabalho de produção e publicação.

Desta forma, sob a responsabilidade do Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE), nasceu a Revista **EDUCAÇÃO**, que no período de 1982 a 1984, teve três números publicados e uma tiragem de cem exemplares em cada edição.

Durante o ano de 1985, o Núcleo de Pesquisas do CCE publicou resumos de estudos, ensaios teóricos, revisões críticas, artigos e resenhas através de um encarte de um jornal editado pela UFPI. O encarte denominava-se **RELATO** e teve uma tiragem de trezentos exemplares em cada um dos dois números publicados.

O boletim **MARCAS**, do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE), entre 1987 e 1988, teve editados cinco números, com trezentos exemplares cada, veiculando trabalhos de professores.

Através do jornal **EXTENSÃO**, o Núcleo de Extensão do CCE divulgou, durante o ano de 1987, experiências e estudos nesta área.

O curso de Comunicação Social mantém um jornal Laboratório – o **CALANDRAGEM** – atualmente em seu quinto número do segundo ano de circulação.

O conjunto destas experiências, embora ainda carente de consistência, reflete a preocupação do CCE em produzir e divulgar o conhecimento científico. Consciente deste propósito, o então Diretor do CCE, Prof. Antonio Ferreira de Sousa Sobrinho, estimulou e viabilizou a criação desta Revista, cujo número inicial já se encontrava em fase de revisão quando assumimos a direção do Centro, em março do corrente ano.

EDUCAÇÃO E COMPROMISSO pretende também ser um veículo estimulador do debate em torno das questões educacionais, em todos os seus aspectos e implicações. De modo especial e pela própria composição do CCE, os trabalhos aqui publicados poderão abranger questões relativas à educação enquanto fenômeno político e social, à temática do ensino e da aprendizagem, à educação artística e à comunicação social em sua vertente de formadora de opinião pública. O importante é elaborar o conhecimento novo e colocá-lo à discussão do público.

Este primeiro número é, naturalmente, ainda experimental. Há muito o que aperfeiçoar. Neste sentido, críticas e sugestões serão de extrema importância. **EDUCAÇÃO E COMPROMISSO** deve continuar e avançar a luta por uma Universidade mais competente e comprometida com o conjunto da sociedade.

Teresina, dezembro 1989

Maria da Conceição Sousa de Carvalho
Diretora do CCE

A escrita da docente imprime uma espécie de panorama histórico das primeiras iniciativas de periódicos criados no CCE, mais precisamente em alguns departamentos pertencentes ao centro e que, de alguma maneira, incentivaram a circularidade de saberes científicos por meio de produções escritas por professores e alunos.

Essas ações foram impulsionadoras da criação da revista do CCE, e o editorial de abertura do primeiro volume contempla, ainda, os objetivos almejados pelo periódico, afirmando que a pretensão seria a publicação de trabalhos que discutissem a educação e áreas afins, visando à propagação de saberes dentro e fora da UFPI. Propunha, inclusive, a união dos departamentos para concretizar e desenvolver os outros volumes da revista, e finaliza declarando que a missão da revista era lutar por uma universidade mais justa, competente e comprometida com o social.

A segunda participação da docente na revista ocorreu por meio de um artigo publicado em seu segundo volume, no ano de 1990. Na ocasião, em parceria com o Núcleo de Extensão do CCE da UFPI, realizou pesquisa em colaboração com sete outros professores pertencentes ao centro e um estudante. Em consequência disso, houve a participação de Conceição Carvalho como coordenadora das atividades desenvolvidas no estudo, que resultou na produção de artigo ligado ao núcleo e com divulgação por meio do boletim.

O artigo publicado na revista tem o título *Extensão universitária: algumas ideias para análise*, e tratava-se de um texto sobre a questão da tríade ensino – pesquisa – extensão, existente na UFPI, contemplando uma discussão sobre a extensão nas formações de graduandos, sua importância e necessidade na formação universitária. O texto possui quatro páginas e estrutura-se da seguinte forma: introdução; um tópico que aborda a relação universidade x sociedade x extensão; outro que discute a relação extensão x ensino x pesquisa; e considerações finais.

No primeiro tópico desse artigo, a autora discute a questão de não se poder desvincular a relação existente entre extensão, sociedade e universidade:

não se pode desvincular a ideia de extensão das ideias de sociedade e Universidade, posto que é a relação entre estas duas últimas que dá feição e significado à atividade de extensão. Para redefinir a extensão é necessário explicitar o tipo de compromisso que a Universidade, enquanto instituição, assume em relação à realidade circundante (CARVALHO, 1990, p. 106).

Mais adiante, a autora ressalta a existência do compromisso social entre a universidade e a comunidade que a constitui. Nesse ensejo, coloca em evidência o papel da instituição no sentido de retribuir a sociedade por meio de iniciativas, pois é esta quem a sustenta. Além

disso, faz críticas em relação à confusão existente sobre a extensão universitária como forma de assistencialismo esporádico e casual, sem muita continuidade. Isso fica patente na seguinte passagem do artigo da docente:

Entende-se que a Universidade tem um compromisso social para com a comunidade que a sustenta. É responsabilidade da Universidade retribuir à sociedade que a mantém através dos impostos algo daquilo que ela própria recebeu e recebe da sociedade. Tal restituição, por outro lado corre o risco de ser confundida com assistencialismo, vista como coisa esporádica, como atividade estanque, sem nenhuma vinculação maior como o ensino e a pesquisa. Corre o risco também de camuflar em seu bojo a falsa ideia de que a Universidade, como centro de saber, deve oferecer aos que estão do lado de fora, aos carentes de recursos e oportunidades educacionais, desprovidos da sabedoria acadêmica, um pouco do conhecimento que a Universidade elabora dentro das cercas do campus, se é que se pode chamar de elaborado ao conhecimento produzido desta forma (CARVALHO, 1990, p. 106).

Aborda, ainda, a ideia de como a universidade poderia restituir a sociedade por meio de trocas sadias e conscientes. Também reafirma a fundamentação do conceito de extensão no âmbito universitário, do ponto de vista de ser uma atitude da instituição frente à própria comunidade, como de observa no trecho a seguir:

Ao contrário, restituir à comunidade expressa sobretudo a consciências de que a Universidade não sobrevive nem faz sentido se se isola da comunidade, se não estabelece com ela uma relação de troca. O conceito de extensão aí se fundamenta e é decorrente da própria função social da Universidade. Representa o compromisso de contribuir para a transformação do contexto sócio-econômico e cultural da comunidade, numa relação não de opostos – Universidade X sociedade – mas de parceiros da mesma luta, em mútua colaboração. Nessa perspectiva, a extensão passa a ser entendida antes de tudo como uma postura, uma atitude da Universidade frente a sociedade (CARVALHO, 1990, p. 106).

No segundo tópico do mesmo artigo, a autora ratifica a relação existente entre extensão, ensino e pesquisa, atentando para o fato de que nessa tríade, a universidade é a responsável por concretizar, de maneira assertiva, a junção desses três segmentos indispensáveis para a formalização do compromisso de produzir conhecimento e colocá-lo em prática – saberes alcançados no âmbito acadêmico.

De início a autora aborda um questionamento, em decorrência dessa relação: “como seria possível, concretamente, relacionar esta extensão – que já se disse ser sobretudo uma postura – às atividades de ensino e pesquisa?” (CARVALHO, 1990, p. 106). Adiante, tentando responder a essa indagação, ela faz ou pergunta pertinente à produção do

conhecimento na universidade, fazendo a seguinte colocação: “É a Universidade a instância à qual se atribui, por excelência, a tarefa de criar conhecimento. Mas, de fato, a universidade o produz ou se contenta em reproduzir um conhecimento livresco, repetição do alheio, que apenas referenda o *status quo*?” (CARVALHO, 1990, p. 107).

Novamente, examina-se crítica feita pela autora em relação à mera reprodução de conhecimentos livrescos realizadas pelas universidades, que deveriam não apenas copiar aquilo que já existia, mas produzir seus próprios saberes, sistematizados. Sobre isso, também critica a reelaboração do conhecimento na universidade e indica a necessidade de que este retorne de alguma maneira à sociedade, sem privilegiar somente alguns, mas abranger todos, indiscriminadamente. Nesse sentido, aduz que

Não parece plausível a ideia de produzir sem voltar às fontes geradoras do conhecimento, sem buscar também lá fora, na realidade, os dados que se confrontam com as teorias, que instigam à reformulação do pensamento acadêmico. Mas é preciso também que o caminho inverso seja percorrido: o conhecimento reelaborado pela Universidade deve voltar, de algum modo à sociedade como um todo, e não apenas aos poucos privilegiados que conseguem aprovação no vestibular. Deve retornar em termos de avanços científicos, tecnológicos e políticos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida das populações e para a redução das desigualdades sociais; enfim, deve contribuir para a transformação sócio-econômica, cultural e política do contexto de referência (CARVALHO, 1990, p. 107).

Em sua apreciação, a docente reporta a necessidade de busca de novas ideias e fontes geradoras de conhecimento acadêmico fora dos muros da universidade. Além disso, atenta para o fato de ser preciso percorrer o caminho contrário em relação à produção de saberes. Ainda discute o fato de que todos os conhecimentos reelaborados na universidade, devem retornar para a sociedade de maneira geral.

Ademais, a autora lança novas argumentações sobre a questão da extensão, da pesquisa e do ensino. A propósito, afirma: “extensão, pesquisa e ensino têm, por um lado, características próprias que os definem enquanto modos de operar de uma instituição universitária. Mas podem ter, por outro lado, uma identidade de propósito e uma articulação de ações.” (CARVALHO, 1990, p. 107).

Ainda em relação à tríade universitária, aponta ser preciso juntar ações no sentido de tornar realidade a função extensiva de produzir conhecimento. Reforçando as acepções, alerta que “o contato mais direto com a realidade, a extensão realimenta o ensino e a pesquisa. Realimenta o ensino favorecendo a articulação entre teoria e prática, estimulando a reflexão

crítica, propiciando aos alunos e professores o retorno às fontes geradoras do conhecimento.” (CARVALHO, 1990, p. 107).

É válido salientar a questão da fragmentação em relação à extensão e sua relação com as disciplinas dos curso de formação, pois de forma enfática, a autora alerta para essa mecanização da extensão no âmbito universitário:

Não se pensa que a relação extensão X ensino seja representada por uma correspondência termo a termo, ou seja, para cada disciplina haveria uma atividade de extensão correspondente. Esta seria obviamente uma forma mecânica e artificial de entender a questão. Nem todas as disciplinas ensinadas na Universidade se ressentem da mesma necessidade de contato com o mundo exterior, embora se possa admitir que, por se referirem de alguma maneira à realidade, para todas elas de algum modo a extensão poderá ter significado (CARVALHO, 1990, p. 107).

O interessante a ser sobrelevado é o fato de que ela mesma lança a questão de que nem todas as disciplinas de determinados cursos de formação superior necessitam de uma mesma intensidade, de contatos com o mundo fora do ambiente de sala de aula. Mesmo assim, a extensão possui algum significado para quem a experiencia, seja qual for a disciplina.

A autora difunde mais algumas colocações no mesmo artigo, dignas de serem comentadas e apresentadas. No final do trabalho, ela chama atenção para o fato de as disciplinas nos cursos de formação universitária serem apenas recortes fragmentados do conhecimento. Isso fica patente no seguinte trecho do artigo: “deve-se lembrar que as disciplinas são, na verdade, recortes, fragmentos do conhecimento, feitos apenas por razões didáticas e acadêmicas. É em direção a áreas maiores, integradas por disciplinas afins, que parece ser mais viável esta articulação extensão X ensino.” (CARVALHO, 1990, p. 107).

Vale sublinhar, igualmente, a contribuição da autora sobre a proposta da extensão como fomentadora do ensino, ao mencionar que

a extensão realimenta o ensino. A recíproca também é verdadeira, o ensino realimenta a extensão quando aquele é entendido como um ato de criação, como reflexão sobre a realidade, onde teoria e prática não se opõem, se complementam, se o ensino for compreendido também como forma de aprender, de reelaborar o saber que está presente na comunidade (CARVALHO, 1990, p. 107-108).

Acerca desse círculo de realimentação em relação ao desenvolvimento da extensão x ensino, depreende-se que suas opiniões e críticas a respeito da afinidade existente entre essas duas dimensões pertinentes ao ensino universitário põem em voga o olhar aguçado de

Conceição Carvalho quanto ao ambiente de trabalho e, por meio deste, retira situações conexas aos seus eixos de pesquisas.

Para além das críticas, indica medidas suscetíveis a êxito em decorrência da superação de problemas originários da relação dessa tríade universitária. Assim, em suas argumentações ao longo do artigo, demonstra essa questão problemática no sentido de haver ou não a realimentação dessas relações atribuídas entre extensão – ensino – pesquisa:

Por favorecer o diagnóstico de problemas e fenômenos ainda não identificados, a extensão realimenta a pesquisa. O contato mais direto com a realidade permite à Universidade o estabelecimento de prioridades, de linhas ou áreas de pesquisa mais relevantes. Por outro lado, enquanto modo sistemático de interpretar uma dada realidade, a pesquisa também realimenta a extensão: abrindo perspectivas, identificando variáveis e suas interrelações, trazendo à luz os dados a partir dos quais a extensão possa operar. De modo especial, vê-se a pesquisa participante como uma fusão de pesquisa e extensão, aí de fato indissociáveis (CARVALHO, 1990, p. 108).

Apreende-se que a autora aponta medidas necessárias para fomentar a realimentação da extensão e da pesquisa no cenário acadêmico. Logo, indica a realização da pesquisa participante como uma proposta para fundir esses dois aspectos inerentes à promoção de estudos em curso formativos, onde o ensino aliado à extensão é determinante para a promoção de estudos e construção de saberes, com a participação efetiva do pesquisador – ainda enquanto aluno.

Na parte conclusiva do artigo, a autora ratifica que a “extensão, pesquisa e ensino identificam-se no propósito de fazer cumprir o compromisso social da Universidade e se articulam nas ações que levam à produção do conhecimento, cujo ponto de partida e de chegada é um só: a sociedade” (CARVALHO, 1990, p. 108).

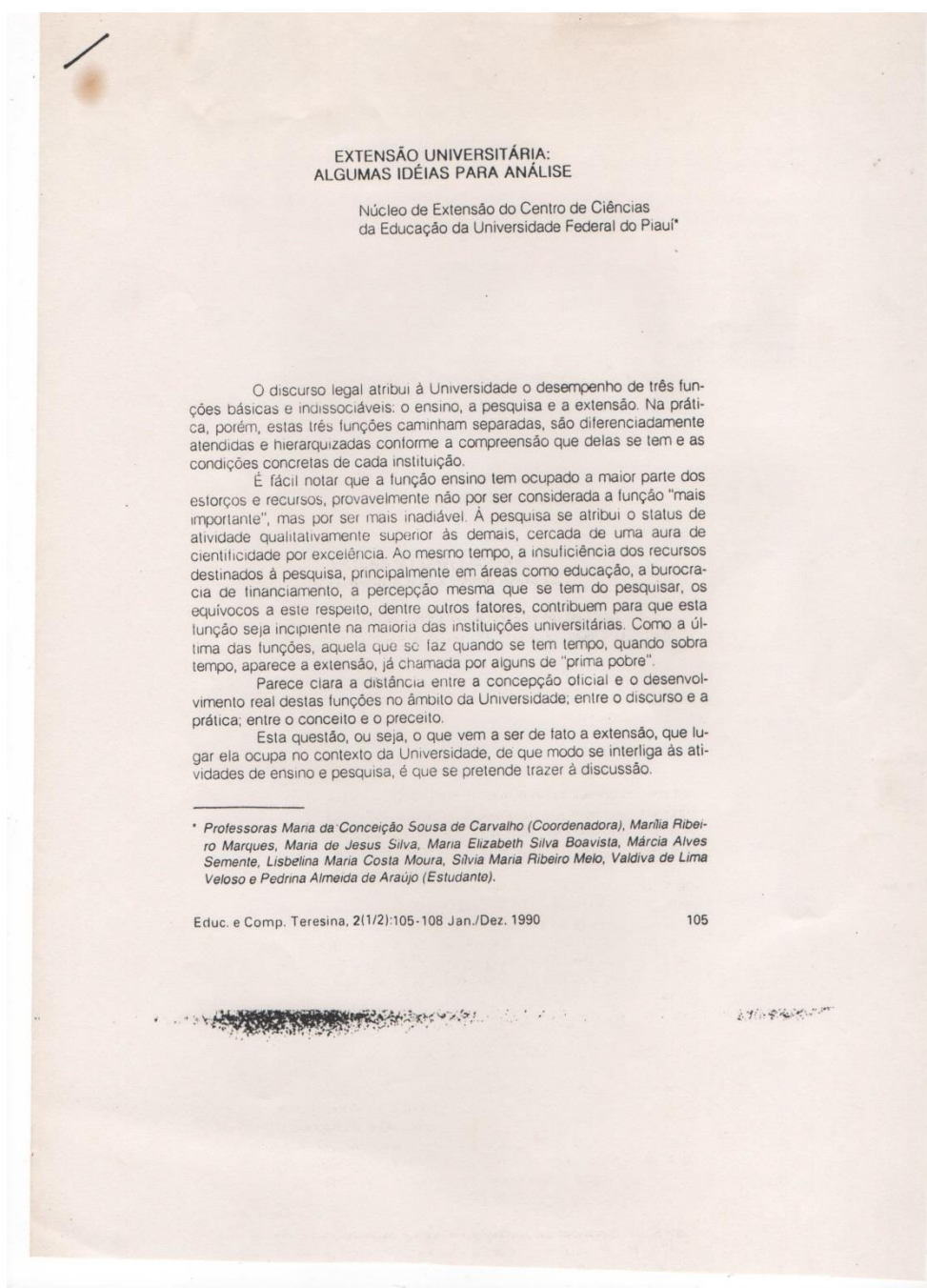
A preocupação em desenvolver estudos relacionados à extensão universitária foi uma constante nas ações da professora Ceíça Carvalho, pois desde a época em que foi gestora do DMTE, na década de 1970, procurou ampliar iniciativas de projetos extensivos com objetivos ligados aos fins sociais, pedagógicos, educacionais e científicos, a fim de envolver professores do departamento em ações relacionadas à promoção de alguns projetos extensivos em escolas e comunidades carentes, nas proximidades da universidade.

Nesse prisma, reputa-se que isso se configura como iniciativa da docente com vistas a estimular pesquisas e projetos abrangendo questões pertinentes à extensão universitária da instituição, como forma de aprendizagem na prática e oportunidade de envolver social e cientificamente a instituição com as comunidades existentes na cidade de Teresina.

Por conseguinte, a docente pretendia refletir sobre preocupações aparentes em relação ao fortalecimento de novos estudos e práticas voltadas para a extensão universitária para provocar aprendizagens e experiências produtivas tanto para os professores do departamento como para os alunos dos cursos atendidos pelo CCE.

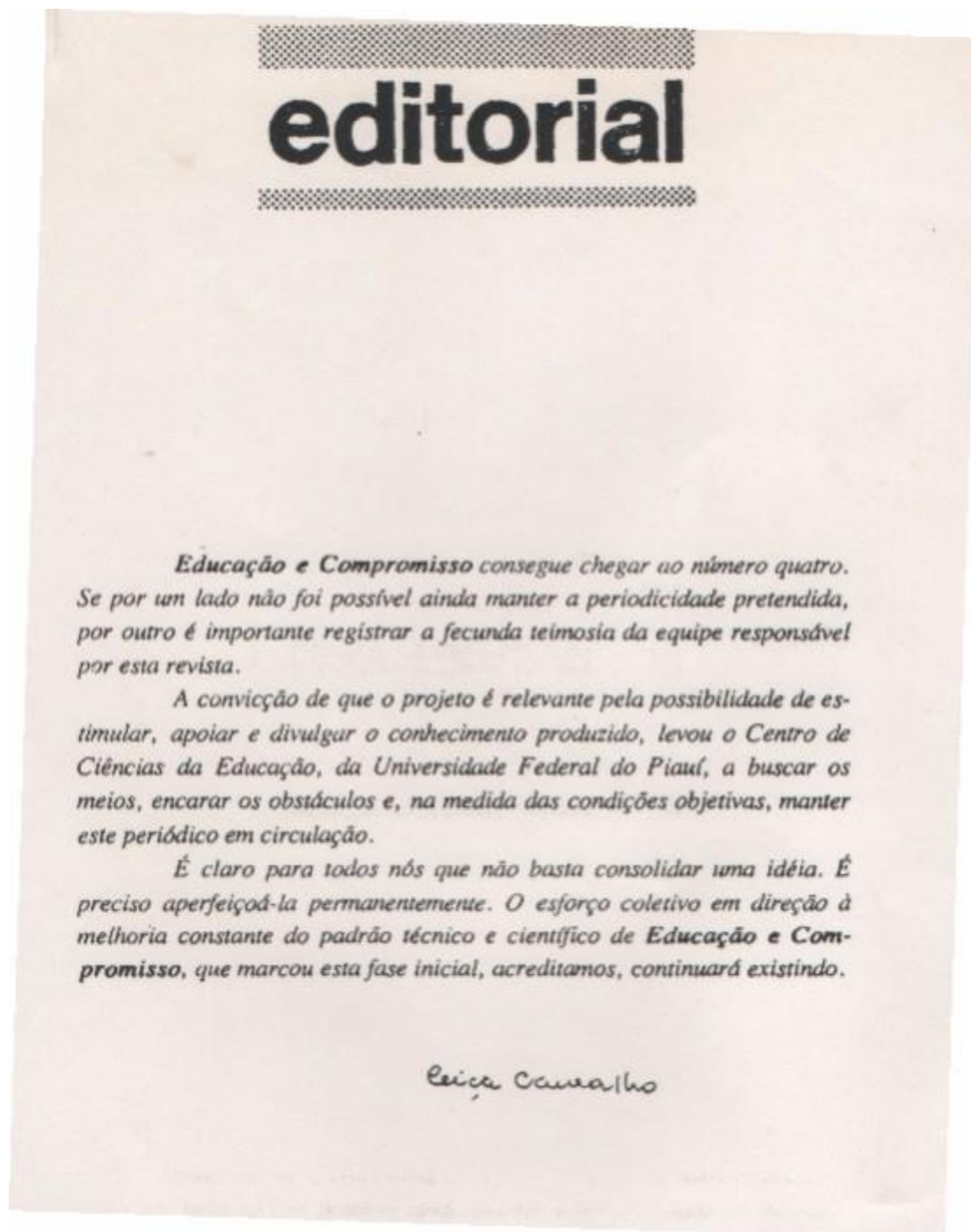
Com base nessa apreciação, apresenta-se a primeira página do artigo publicado na revista, ilustrada na Figura 34.

Figura 34 – Artigo de Conceição Carvalho, publicado no segundo volume da Revista Educação e Compromisso



A terceira participação da docente no periódico deu-se novamente por meio de publicação no editorial do quarto volume da revista (vide Figura 35). Foi o último volume lançado em sua gestão como Diretora do CCE, pois o quinto volume foi publicado no fim do ano de 1995, quando ela não ocupava mais o cargo.

Figura 35 – Editorial do quarto volume da Revista Educação e Compromisso



A participação da docente nesse editorial apresenta tom de desabafo e revela a sua satisfação em ter alcançado a superação de inúmeros obstáculos e, apesar disso, conseguir manter viva a ideia e a realização das publicações dos volumes da revista. Também demonstra o pedido para que houvesse a continuação do periódico, com melhoria e evolução, sobrelevando o empenho e a dedicação de professores e alunos participantes dos primeiros volumes. Com o intuito de alicerçar a revista em função das contribuições de publicações para o CCE, a docente faz o apelo para a continuação da revista, no sentido de lançar futuros volumes.

Entretantes, isso significava que Ceiza Carvalho tinha alguma preocupação em relação à existência e continuidade do periódico depois de sua saída da direção do CCE, pois poderia haver muitas reformulações e transformações na conjuntura da revista, retirando a identidade defendida pela Diretora, que era voltada ativamente para a pesquisa educativa e áreas correlacionadas.

Havia até a possibilidade de extinção das publicações de novos volumes da Educação e Compromisso, o que se confirmou no fim do ano de 1995, pois apesar de não ter sido findada, a revista passou por uma mudança radical em toda a sua estrutura editorial, estética, temática, organizacional e nas quantidades de publicações. Por esse ângulo, ficou evidente que a transformação da revista, com intermédio da nova gestão editorial comandada pela direção sucessora à da docente, confirmou as preocupações com a continuidade ou não do periódico do CCE.

Dada a pretensão de elucubrar as principais produções intelectuais da docente, desenvolve-se discussão sobre outro importante texto de sua produção científica, ou seja, as escritas da dissertação de mestrado em educação, realizado na UFRGS. Essa publicação foi o resultado de pesquisa pensada e realizada no âmbito da UFPI, com temática que estuda a opinião de alunos da instituição.

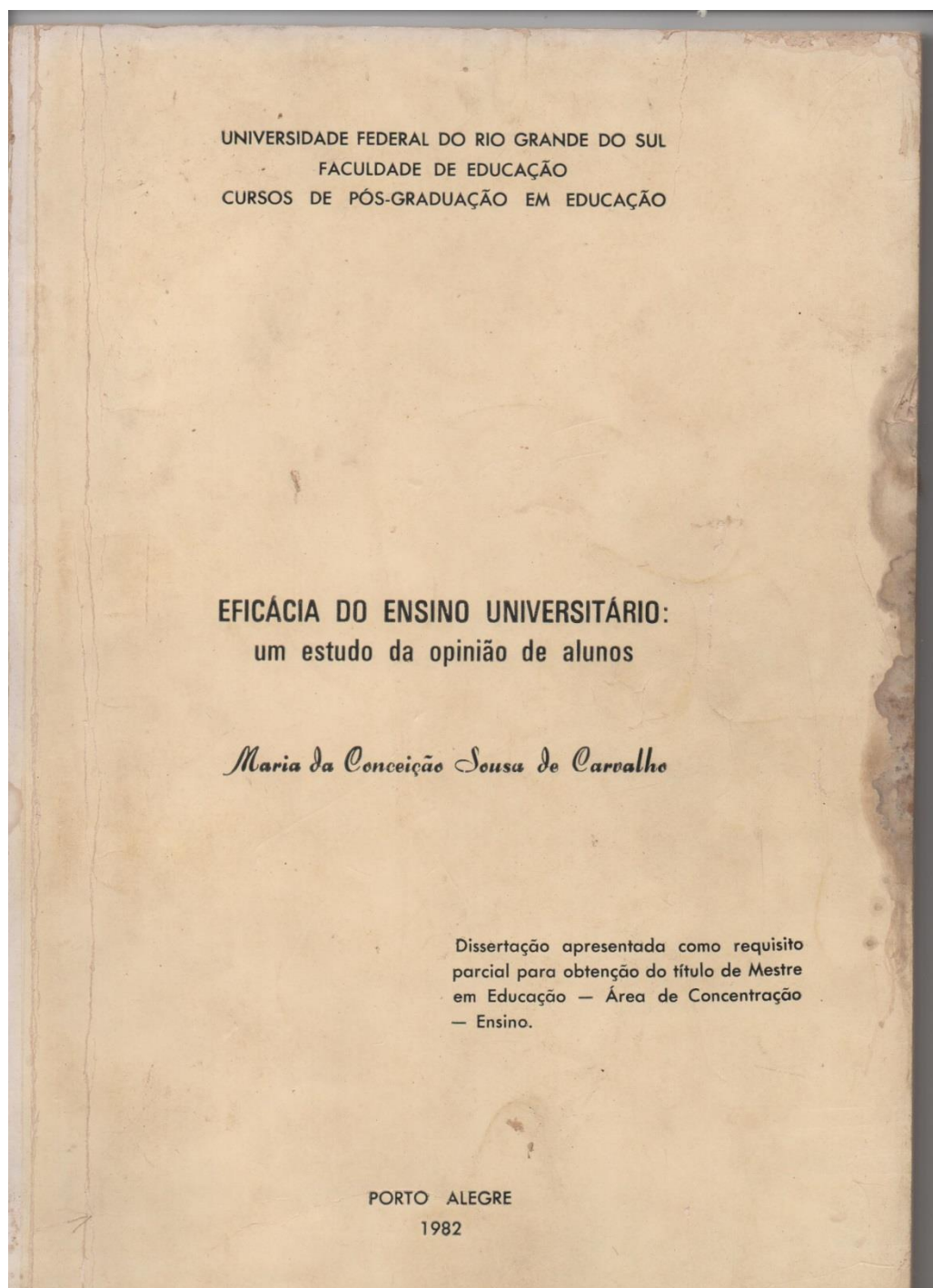
Mas como se deu essa escrita do texto da dissertação? Como é a estrutura da dissertação? É o que será discutido no próximo tópico.

3.2 Eficácia do ensino universitário: um estudo da opinião de alunos

A produção científica resultante dos estudos desenvolvidos no mestrado em educação da UFRGS culminou com a construção do texto escrito na dissertação da docente, uma pesquisa idealizada e desenvolvida na própria instituição em que Conceição Carvalho atuava. Esse texto apresenta um estudo sobre as opiniões dos alunos pertencentes a diversos cursos da

universidade, a saber: Medicina, Odontologia, Enfermagem, Pedagogia, Direito, História, Geografia, Letras, Filosofia e Ciências. As participações dos discentes confirmam a constante realização de estudos da docente em relação à UFPI. A tendência de produções relacionadas ao seu local de atuação são a marca das produções escritas desenvolvidas pela intelectual. A seguir, na Figura 36, ilustra-se capa da referida dissertação.

Figura 36 – Capa da Dissertação de Mestrado em Educação de Conceição Carvalho



Fonte: Carvalho (1983).

A dissertação foi orientada pela professora Dra. Maria das Graças Furtado Feldens, Ph.D. em Educação pela The Ohio State University, nos Estados Unidos da América, em 1976, e professora do Curso de Pós-Graduação em Educação, e do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS.

O texto conta com a seguinte estrutura: introdução; revisão de literatura, dividida em dois tópicos, sendo o primeiro *Eficácia do ensino: critérios*, e o segundo *Eficácia do ensino: enfoques*, e dois subtópicos do segundo tópico, sendo o primeiro *Estudos sobre estilos de ensino*, e o segundo *Estudos sobre variáveis específicas do comportamento do professor*; apresenta, separadamente, o problema, com três tópicos, mostrando os objetivos, as questões de pesquisa e a definição dos termos; em seguida, indica a metodologia, com divisão em cinco tópicos, sendo *População e critérios de seleção da amostra*, *Caracterização da amostra*, *Instrumento*, *Coleta de dados*, *Análise estatística dos dados*; posteriormente, apresenta-se *Resultados e discussão*, com divisão em dois tópicos e seis subtópicos, sendo *Indicadores de eficácia*, subdividido em três subtópicos (*Resultados descritivos*, *Os fatores*, *Resultados comparativos*), já o segundo tópico, *O ensino na UFPI*, foi subdividido em *Resultados descritivos*, *Os fatores*, *Resultados comparativos*, encerrando com as considerações finais. Ao todo, o trabalho completo conta com setenta e seis páginas, sem mencionar os anexos.

O texto possui divisões teóricas bem complexas, com abordagens baseadas em autores não muito condizentes com a realidade do Nordeste do país. Isso porque em sua maioria, os tópicos trazem abordagens relacionadas a questões estatísticas, emitindo comparações numéricas – talvez isso tenha ocorrido muito por influência das orientações com ligações epistemológicas de contextos externos ao país. Mas, apesar disso, a dissertação estampa discussões ligadas a humanidades, com argumentações fundamentadas em alguns autores com respaldo na área da educação.

A maior parte do texto exibe como coletados e analisados os dados referentes às opiniões de alunos de dez cursos da UFPI, sobretudo quanto à atuação dos professores desses cursos e às impressões decorrentes dos contatos cotidianos nas relações desenvolvidas em sala de aula, refletindo como ocorria o ensino de algumas disciplinas oferecidas por esses cursos e que, de alguma forma, não contemplavam as expectativas dos alunos da universidade.

Os escritos consistem na investigação analítica da opinião de 274 alunos, que foram aleatoriamente selecionados em dez cursos de duração plena da UFPI, sendo: 10 de medicina; 24 de odontologia; 18 de enfermagem; 45 de pedagogia; 22 de direito; 14 de história; 15 de geografia; 24 de letras; 12 de filosofia; e 70 de ciências (biologia, química, física e

matemática). Procurava-se saber acerca dos componentes de eficácia do ensino universitário e das características do ensino ministrado na instituição.

A quantidade de cursos pesquisados foi relevante para os resultados encontrados, pois possibilitou um vasto leque de visões em decorrência da atuação dos professores de muitas áreas do conhecimento, e retratou a opinião dos discentes sobre a qualidade e a eficácia do ensino e aprendizagem desenvolvidos na universidade, verificando o contexto da época, ou seja, a década de 1970, com questões políticas e ideológicas latentes e que poderiam refletir na promoção de ensino e em sua eficácia.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram dois questionários compostos por trinta itens, sob duas formas: instrumento I forma A; e instrumento I forma B. Por meio desses instrumentos, comparou-se a opinião dos alunos que responderam aos questionários, mostrando os indicadores de eficácia e as percepções em relação ao ensino ministrado nos cursos da UFPI.

A diferença existente entre os dois questionários estava em sua composição. O questionário na forma A, segundo o próprio texto, “na forma A as instruções solicitavam do respondente sua opinião quanto ao grau de importância que atribuiria a cada item como indicador de um ensino universitário eficaz” (CARVALHO, 1982, p. 31). Já em relação ao outro, denota-se que “a forma B se compunha dos mesmos itens que a forma A, mas as instruções solicitavam a opinião dos respondentes quanto ao ensino ministrado no seu curso” (CARVALHO, 1982, p. 31).

Também existe a especificação de que “no final da forma B do instrumento acrescentou-se um item cujo propósito era verificar o nível de satisfação do aluno com relação, ao ensino ministrado na UFPI” (CARVALHO, 1982, p. 31).

Ainda sobre o questionário, em determinada passagem da escrita da dissertação sobre os questionários, encontram-se algumas informações sobre a montagem definitiva destes. Segundo (CARVALHO, 1982, p. 33),

O instrumento, na sua forma final, constou de uma folha de caracterização (dados sobre o aluno), de instruções para resposta, de trinta itens estruturados em escala do tipo Likert, em duas formas – A e B –, e ainda, de uma questão isolada (somente na forma B). a forma A do instrumento continha a seguinte solicitação: Segundo sua opinião, ensino universitário é eficaz quando: cada item era seguido de uma escala, variando de um a cinco pontos, correspondentes às alternativas: concordo muito (1), concordo (2), indeciso (3), discordo (4) e discordo muito (5). Na forma B do instrumento os itens eram precedidos da solicitação: Segundo o que você observa, na UFPI, e a escala compreendia as alternativas: sempre (1), quase sempre (2), indeciso (3), raramente (4) e nunca (5).

Com base na leitura dos dois questionários existentes na pesquisa, denota-se que somente a utilização de perguntas fechadas impossibilitavam, efetivamente, averiguar a verdadeira opinião dos discentes em relação à eficácia do ensino oferecido pelos cursos pesquisados, pois as respostas prontas, apenas para serem marcadas, não proporcionavam a exposição plena das opiniões dos alunos participantes da pesquisa.

É possível que o uso dessa ferramenta metodológica tenha sido influenciado pela literatura descontextualizada utilizada como base para a discussão dos métodos de pesquisa. Ademais, os questionários possuem forte relação com a estatística, pois mencionavam unicamente a quantificação das respostas dos alunos em relação a determinadas categorias abordadas pela conjuntura da temática pesquisada.

Em relação à coleta dos dados, a autora especificou como havia realizado esse procedimento. Com relação a isso, é interessante destacar o trecho que aborda os momentos de coletas de dados, quando das aplicações de questionários nas formas A e B.

Os dados do estudo foram coletados a partir da aplicação direta do instrumento, pelo próprio pesquisador, junto aos alunos sorteados para integrar a amostra. Para tanto, localizaram-se os respondentes por meio de suas fichas de matrícula no segundo período letivo de 1978. Os alunos não localizados, por terem se transferido ou trancado a matrícula, foram substituídos por outros, também sorteados aleatoriamente, em cada curso. Identificadas as disciplinas nas quais estavam matriculados, fez-se um mapa contendo o horário, a sala e o professor de cada uma das disciplinas. Solicitava-se, então, em cada horário, por meio de um ofício do diretor do CEE, dirigido aos professores que estavam em sala de aula no momento, o comparecimento dos respondentes a uma das dependências daquele centro (CARVALHO, 1982).

A docente comenta sobre sua preocupação em deixar a uniformidade das instruções aparentes aos alunos, e explicou que os questionários eram respondidos separadamente e na ordem: primeiramente, o forma A e, por último, o B. Isso fica bem claro no seguinte trecho:

Procurou-se manter a uniformidade das instruções dadas aos respondentes, e só após terem respondido e entregue a forma A do instrumento solicitava-se que respondessem a forma B. Teve-se ainda o cuidado de conferir em seguida se todos os itens haviam sido respondidos, razão pela qual não se verificou nenhum caso de item sem resposta. Os dados assim coletados foram processados e analisados estatisticamente pelo Centro de Processamento de Dados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CARVALHO, 1982, p. 34).

Todos os dados foram examinados por meio da utilização de procedimentos de questões estatísticas dos tipos descritivas e inferenciais, assim como incluídas a análise fatorial e de variância. Vislumbram-se essas formas de verificações dos dados como determinações vinculadas pela influência externa, principalmente da base da orientação, pois no contexto do Piauí, essa característica estatística de realizar análise a partir do uso de questões metodológicas com base em autores de outros países não era assim tão comum.

Em relação às análises estatísticas desenvolvidas sobre os dados coletados juntamente com as ferramentas de pesquisas, que eram os questionários nas formas A e B, a docente desencadeia algumas explicações em relação aos dois momentos compreendidos pelos processos de análises das respostas contidas nos questionários aplicados com os alunos.

Convém trazer para a discussão essas explicações desenvolvidas pela docente, disponíveis no seguinte trecho de sua dissertação de mestrado:

Para a análise estatística dos dados deste estudo foram empregados dois procedimentos básicos. O primeiro compreendeu a análise descritiva das respostas dos alunos aos dados de identificação e aos itens do instrumento. O segundo procedimento consistiu na análise inferencial dos resultados, computados por meio do programa Statistical Package for the Social Science (SPSS), com o propósito de determinar as dimensões de inferência intermediária – fatores – componentes 1) da eficácia do ensino universitário e 2) da percepção dos alunos sobre o ensino ministrado na UFPI. Na primeira etapa deste procedimento utilizou-se o ‘principal *axis*’, bem como a solução de rotação *varimax*. Na segunda etapa da análise inferencial, recorreu-se à análise de variância, computada por meio do sub-programa ANOVA, do SPSS, com base nos *factors scores* decorrentes da análise fatorial. O propósito da análise de variância foi determinar se havia diferença entre as médias de opinião dos respondentes, por área do curso (CARVALHO, 1982, p. 34 e 35).

Presume-se que essa forma de pesquisa tenha sido relevante para os estudos desenvolvidos na UFPI, pois oportunizou um olhar direcionado para questões aventadas pelos discentes em relação a suas opiniões sobre o que, de fato, estava ocorrendo nos cursos, demonstrando a visão da pesquisadora, aferida a partir dos juízos dos alunos desses cursos da instituição pesquisada.

Acredita-se que as discussões oriundas das respostas dos alunos poderiam ter ido além das expectativas se a ferramenta de pesquisa fosse questionário aberto, para que os discentes manifestassem suas impressões acerca da eficácia do ensino na instituição.

Como resultados do estudo, a docente apontou indicadores em relação a determinadas questões, comprovadas por meio das respostas encontradas por intermédio dos alunos, mediante uso de questionários aplicados e análises estatísticas realizadas junto aos discentes.

Em conformidade com o trabalho da docente, os indicadores descobertos pelos resultados do estudo são: a) os fatores componentes da eficácia do ensino universitário são: I – organização do processo de ensino, II – interação/clima institucional, III – habilidades de condução do processo de ensino e IV – direção do processo de ensino; b) existia diferença estatisticamente significativa entre as médias dos grupos, considerando a variável área do curso, em favor da área de humanidades e letras, apenas quanto ao fator II; c) os fatores componentes da percepção dos alunos sobre o ensino ministrado na UFPI são: I – habilidades de condução do processo de ensino, II – interação/clima institucional, III – acompanhamento e orientação da aprendizagem e IV – organização do processo de ensino; d) não existiam diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos grupos, considerando a variável área do curso, com relação aos fatores I e III; existia diferença estatisticamente significativa entre as médias dos grupos, com relação aos fatores II e IV, com relação às áreas de saúde e humanidades e letras; e) os fatores que caracterizam o ensino e a aprendizagem ministrados naquela época na UFPI correspondiam apenas em parte aos fatores componentes da eficácia do ensino universitário da instituição.

Tais indicadores de resultados eram previsíveis em relação aos questionários propostos no estudo, pois muitos alunos não se comprometeram em expor verdadeiramente suas opiniões a respeito do ensino do curso. Como as questões eram fechadas, certamente as respostas eram semelhantes, demonstrando apenas quantificações de fatos já conhecidos pela pesquisa.

Crê-se que se os questionários fossem abertos, possivelmente os discentes expusessem suas aflições em decorrência de determinadas situações negativas verificadas no cotidiano de sala de aula, os quais muitas vezes ficam escondidos e não chegam ao conhecimento das instâncias diretivas superiores da universidade.

Acrescentam-se mais alguns aspectos do trabalho escrito da docente. O problema central do estudo girava em torno da investigação da opinião de alunos da UFPI sobre a eficácia do ensino universitário. Tinha como objetivo identificar componentes de um ensino universitário eficaz, no contexto da UFPI, e tomá-los como ponto de partida, ou seja, referência para uma caracterização do ensino ministrado na instituição.

Tomando como base esses resultados, pretendia-se oferecer subsídios para uma avaliação crítica do ensino que estava sendo ministrado na UFPI, no fim da década de 1970, visando ao delineamento de uma política de educação de professores na instituição investigada.

O estudo procurou responder a algumas indagações, tendo cinco questões norteadoras, a saber: 1) quais eram os fatores que compunham a eficácia do ensino universitário, na opinião de alunos da UFPI?; 2) Existia diferença significativa entre a opinião de alunos de diferentes áreas de curso, no que se refere aos fatores componentes da eficácia do ensino?; 3) Quais eram os fatores que caracterizavam o ensino ministrado na UFPI, na opinião dos mesmos alunos?; 4) Havia diferença significativa entre a opinião dos alunos de diferentes áreas de curso, no que se refere aos fatores que caracterizavam o ensino ministrado na UFPI?; 5) Havia relação entre os fatores componentes da eficácia do ensino e os fatores que caracterizavam o ensino ministrado na UFPI?

Assimila-se que essas problemáticas poderiam não contemplar as verdadeiras questões sobre o que seria a eficácia do ensino oferecido pela universidade, já que são perguntas sem contextualização e que poderiam ter respostas já esperadas.

Contudo, nota-se o quão abrangente foi a pesquisa, pois investigou quatro diferentes áreas de cursos, especificando a qual centro eles pertenciam, com a seguinte divisão: Área 1 – Centro de Ciências da Saúde (CCS) – Cursos de Medicina, Odontologia e Enfermagem; Área 2 – Centro de Ciências da Educação (CCE) – Curso de Pedagogia; Área 3 – Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL) – Curso de Direito e Licenciaturas em História, Geografia, Letras e Filosofia; Área 4 – Centro de Ciências da Natureza (CCN) – Curso de Licenciatura em Ciências (Biologia, Química, Física e Matemática).

Essa abrangência de cursos pesquisados foi reputada como fator relevante na pesquisa, pois trouxe à baila múltiplas áreas de ensino oferecidas na UFPI. Assim, os cruzamentos das informações desses campos de conhecimento foram determinantes para que outras pesquisas usassem esses dados para promover melhorias nas práticas de ensino realizadas pelos dez cursos pesquisados e que, de alguma maneira, possuíam ligações entre si e desenvolveram-se até a atualidade, transformando a instituição em referência em determinadas questões de ensino e pesquisa oferecidas em nível regional.

No próprio estudo, a docente ostenta algumas definições, a saber: 1) opinião de alunos – segundo a autora, seria o posicionamento na forma A (que consideravam relevantes ou não para a eficácia do ensino) e na forma B (como se processava o ensino ministrado na UFPI, naquele contexto); 2) eficácia do ensino – seria o conjunto de fatores resultantes da opinião dos alunos sobre o que deveria ser o ensino universitário; 3) ensino ministrado na UFPI – seria o conjunto de fatores resultantes da opinião dos alunos sobre o ensino que seria, de fato, ministrado nos cursos, no fim dos anos 1970.

As ideias atribuídas na escrita da docente, como conclusões delineadas a partir das análises dos dados coletados, juntamente com os questionários aplicados com os alunos, patentearam quatro pontos relacionados à organização do ensino universitário ministrado nos cursos pesquisados. Expõem-se esses pontos e as conclusões extraídas com base neles:

O fator organização do processo de ensino implica uma forma de organização na qual o aluno deve ter oportunidade de buscar o conhecimento, de questionar e de refletir criticamente, e em que o professor assume a função de orientador desse processo. O fator interação/clima instrucional se refere ao estabelecimento de um clima de amizade e respeito mútuos em sala de aula. O fator habilidades de condução do processo de ensino compreende as ações do professor, em sala de aula, e, finalmente, o fator direção do processo de ensino é, de fato, uma continuação do fator organização do processo de ensino (CARVALHO, 1982, p. 65).

A pesquisa trata estatisticamente de aspectos relacionados a esses quatro fatores, juntamente com as opiniões dos alunos em relação aos dez cursos investigados na trama do estudo. Comprova, pois, questões experimentadas pelo ensino universitário nos anos 1970, nos primeiros anos de funcionamento da UFPI, configurando estudo expressivo para a sua história, com dados relacionados a esse contexto. Assim, ao expor essas opiniões, Conceição Carvalho agregou sua capacidade técnica em desenvolver pesquisas com a realidade vivenciada em seu ambiente de trabalho.

Consequentemente, infere-se que esse estudo foi salutar para a sua produção intelectual, dada a sua escolha de averiguar a UFPI, algo acertado para verdadeiramente definir o que vem a ser ciência, estudar determinados fenômenos e por meio dessas investigações, deixar legados para gerações futuras.

Finalmente, os resultados desta investigação podem ser úteis para o delineamento de uma política de educação de professores. O exercício da docência exige do professor uma constante revisão de seus procedimentos em sala de aula, e a instituição que os congrega tem a seu encargo propiciar os meios pelos quais os professores possam se aperfeiçoar. Pelo exposto, pode-se sugerir que linhas de treinamentos de professores sejam estabelecidas. Tais linhas de treinamento deveriam levar em conta especialmente o fator I – organização do processo de ensino – não apenas por ser o fator de ordem mais geral no que diz respeito à eficácia do ensino, mas sobre tudo, por ter sido o indicador menos percebido no ensino ministrado na UFPI, conforme a opinião dos respondentes deste estudo (CARVALHO, 1982, p. 70).

Portanto, o respaldo da produção científica atribuída à carreira docente de Conceição Carvalho, como intelectual e produtora de conhecimento, embasado por pesquisas

desenvolvidas no âmbito acadêmico, são marcas de sua trajetória na universidade e, de alguma forma, deixa como legado um estudo pertinente e que manifesta o foco da docente para o seu local de atuação, comprovando a sua preocupação em realizar produções a respeito de sua realidade de atuação profissional, no âmbito da UFPI.

Finalmente, surgiu a indagação: como teria sido a produção intelectual e participação de Conceição Carvalho na revista pertencente ao curso de mestrado em educação da UFPI?

3.3 Produção na Revista Linguagens, Educação e Sociedade

A produção da intelectual Conceição Carvalho fez-se presente, também, no primeiro volume da revista do Curso de Mestrado em Educação da UFPI. No ano de 1996, foi lançada a edição número um da Revista Linguagens, Educação e Sociedade (LES), pertencente à pós-graduação do CCE, conforme ilustrado na Figura 36.

Figura 37 – Revista Linguagens, Educação e Sociedade (Volume 1)



Fonte: PPGEd/UFPI (2018).

Vale sublinhar que o fato de a docente fazer parte do primeiro volume da revista LES está repleto de significados, os quais merecem ser interpretados. Primeiramente, Conceição Carvalho foi uma das idealizadoras do curso de mestrado da UFPI, que foi criado no momento em que ela estava na direção do CCE.

Isso leva a crer que por ter participado da concepção do curso, o momento de criação do periódico ligado ao curso de mestrado também não poderia deixar de contar com a sua participação, pois de forma indubitável, ela esteve à frente da construção de iniciativas para concretizar o curso e foi um dos intentos de seu mandato a frente da direção do CCE.

Outrossim, é preciso ater-se ao fato de que Conceição Carvalho também participou das atividades que culminaram com a criação da Revista Educação e Compromisso, pertencente ao CCE e que foi ponto positivo para a confirmação do curso de mestrado por parte da CAPES, pois uma das muitas exigências do órgão para a concretização de curso de pós-graduação é a existência de periódico científico dissipador dos saberes produzidos por meio dos estudos e da pesquisa, fomentando a circularidade de conhecimento e empenho na produção científica que resulta em publicações de trabalho escritos para levar ao público os resultados e as discussões desenvolvidos nesses estudos.

Ademais, Conceição Carvalho esteve plenamente envolvida com o Seminário *Tópicos Avançados em Educação: a educação em perspectiva interdisciplinar*, realizado no segundo semestre de 1995, que desencadeou a construção de um periódico científico para o mestrado da UFPI, com o intuito de propagar os trabalhos produzidos no curso, sendo que muitos dos estudos desenvolvidos nesse seminário pelos alunos do mestrado e também pelos professores, foram parte integrante do primeiro volume da Revista LES.

Na primeira edição da Revista LES, Conceição Carvalho teve a oportunidade de ser uma das primeiras professoras a publicar no periódico, a exemplo do que aconteceu na Revista Educação e Compromisso. O intento de produzir estudos sobre a universidade ou no âmbito da mesma instituição foi novamente verificado na produção da docente, pois no artigo publicado na LES, ela aliou as experiências efetivadas juntamente com os alunos do seminário.

O resultado desse embate e dessa troca de conhecimento foi conferido na revista por meio do artigo *Rediscutindo a interdisciplinaridade*. O artigo apresenta-se estruturado em sete páginas que versam sobre a interdisciplinaridade na produção acadêmica do mestrado. É oportuno ressaltar que na primeira página desse mesmo texto, existe indicativo de que foi idealizado e elaborado pela professora Conceição Carvalho, que naquele momento pertencia ao quadro docente do Curso de Mestrado em Educação da UFPI.

De acordo com o editorial de apresentação da revista, escrito pela coordenadora do curso, Tânia Maria Pires Brandão, a iniciativa de criação do mestrado na UFPI, processo resultante de projeto idealizado pelo CCE para viabilizar o incremento da pesquisa e da produção científica na área da educação, necessitava urgentemente de veículo próprio divulgador dos resultados desses estudos. Assim, a concretização daquele objetivo promovedor de circularidade dessas pesquisas foi realizada, inicialmente, por meio da Revista Educação e Compromisso.

O CCE, adquiriu, a partir de 1989, a capacidade de divulgação das produções científicas desenvolvidas no centro de forma continuada e sistematizada, por meio da iniciativa da Revista Educação e Compromisso, que também contou com a participação efetiva de Conceição nas questões de criação e estruturação, pois foi concebido em seu mandato como Diretora do centro. Depois de pouco tempo, as edições da primeira revista do CCE, que provavelmente perdurou até o ano de 1996, formalizou-se a criação da revista do curso de mestrado, que passou a substituir a primeira.

Não obstante, logo após a criação do mestrado, viu-se a necessidade de criação de periódico próprio do curso, com o propósito de disseminar os saberes científicos oriundos das pesquisas ali realizadas. No ano de 1995, assistiu-se a uma mobilização da comunidade acadêmica do CCE, ligada ao curso de mestrado, no sentido de criar a Revista Linguagem, Educação e Sociedade, a fim de ampliar o espaço para as publicações de estudos e pesquisas produzidos no curso pelos alunos e docentes. Além disso, a concepção desse periódico constituiu em mais uma empreitada no processo de viabilização de propostas editoriais científicas idealizadas pelo centro e talvez, também, por vieses políticos existentes no centro e na instituição como um todo.

Segundo a apresentação da Revista LES, o objetivo pretendido seria divulgar a produção científica, especialmente do corpo docente e discente do Curso de Mestrado em Educação da UFPI. Além disso, de acordo com as informações conseguidas, essa revista destinava-se à publicação de estudos de caráter teórico e aplicado, bem como dos resultados de pesquisas relacionadas com os núcleos temáticos pertencentes ao curso. O primeiro núcleo seria Linguagens e Educação e o segundo, Educação e Sociedade.

Como até o ano de 1995, Conceição Carvalho ainda fazia parte do corpo docente da instituição e participou como professora ministrante do Seminário *Tópicos Avançados em Educação: a educação em perspectiva interdisciplinar*, realizado pelo Curso de Mestrado em Educação, como atividade curricular, e com o envolvimento de alguns dos personagens que estiveram atuantes em sua criação e seu desenvolvimento, certamente ela fez parte desse

movimento voltado a tornar realidade o famigerado sonho do curso recém-criado em possuir seu próprio propagador editorial, por meio da revista.

Assim, no segundo semestre daquele ano, professores e alunos do mestrado reuniram-se em torno do propósito de efetivar estudos e trabalhos oriundos das investigações temáticas nucleares do curso, com vistas a focar na questão da interdisciplinaridade, na flexibilidade e na autonomia desses estudos e das produções científicas desenvolvidas no mestrado e no CCE.

Portanto, Conceição Carvalho participou ativamente da promoção do seminário e foi uma das personagens que contribuiu na produção dos resultados deste, por intermédio do texto *Rediscutindo a interdisciplinaridade*. Cabe sobressair que os trabalhos produzidos no transcorrer do seminário foram transformados em artigos e divulgados em 1996, na primeira edição da Revista Linguagens, Educação e Sociedade.

Com base na apresentação do primeiro número da revista, a eleição dessa temática justificava-se pelo fato de que o Curso de Mestrado em Educação, por sua própria natureza, possuía suas bases e seus princípios convertidos na interdisciplinaridade, na flexibilidade, na autonomia, no desenvolvimento de estudos científicos, na produção acadêmica da pós-graduação do CCE.

Nessa perspectiva, consoante o editorial, o entendimento sobre a relevância da interdisciplinaridade em sua dimensão teórica e prática configurava-se como algo decisivo na pretensão de delinear o perfil da revista do mestrado que estava sendo lançada ao público intelectual piauiense.

O primeiro volume do referido periódico foi composto por treze trabalhos, sendo uma entrevista escrita, onze artigos e um resumo. Vale salientar as titulações dessas produções intelectuais publicadas na primeira edição do periódico do curso de mestrado da UFPI, com os seus respectivos autores: a entrevista tinha o seguinte título: *A proposta de interdisciplinaridade*; os artigos eram: 1. *A perspectiva interdisciplinar do curso de mestrado em educação*, de Catarina de Sena Costa; 2. *Saber*, de Vilma Chiara; 3. *Linguagem: uma noção*, de Catarina S. N.; 4. *Aspectos sociais da linguagem na educação: a oralidade e a escrita*, de Catarina S. N.; 5. *Leitura usos e funções*, de Maria José Moura; 6. *A importância da representação do significado na aquisição da leitura e escrita*, de Telma Ferraz Leal e Antonio Roazzi; 7. *Estado e sociedade no Brasil: exame de uma tendência neo-corporativista*, de Luís Soares de Araújo Filho; 8. *As políticas conjuntas de educação básica para o nordeste*, de Luís S. A. F.; 9. *Políticas públicas e educação superior no Brasil*, de Arlene Medeiros Elvas Bohn; 10. *A importância das influências das inovações tecnológicas*

na educação, de Maria do Carmo Bezerra Maciel Bédard; 11. *Rediscutindo a interdisciplinaridade*, de Maria da Conceição Sousa de Carvalho; finalizando com o único texto resumo, *Educação e sociedade no Piauí republicano*, de Maria do Amparo Borges Ferro.

O artigo de Conceição Carvalho trazia discussão a respeito da interdisciplinaridade, visando a promover novas representações a respeito do viés interdisciplinar na composição dos estudos desenvolvidos no mestrado em educação durante o seminário de 1995. Nesse trabalho, a autora trabalha duas concepções ou tendências em relação à interdisciplinaridade, promovendo sua escrita com respaldo nas ideias de autores que desenvolviam estudos sobre essa temática, a exemplo de Joaquim Severino, Gaudêncio Frigotto, George Gusdorf (1976), Ari Paulo Jantsh (1995), Lucídio Bianchetti (1995), Karel Kosik (1989), Bernadete Gatti, entre outros.

É interessante destacar que no texto, a autora faz menção a alguns questionamentos surgidos no decorrer do seminário ministrado por ela. Além disso, enfatiza algumas preocupações antigas no âmbito da ciência da educação, que necessitavam de reflexão e discussão, conjuntamente com a temática da interdisciplinaridade. Chamam atenção as questões que ela se propôs a debater, quais sejam: a primeira, sobre a suposição da fragmentação do saber; a segunda, sobre a via de superação dessa fragmentação do saber por meio da interdisciplinaridade; a terceira sobre o verdadeiro significado da invocação da interdisciplinaridade.

Assim, Conceição Carvalho tece considerações fundamentadas na visão de alguns autores citados em seu artigo, e busca, de forma expressiva e contextualizada, abordar as duas concepções sobre interdisciplinaridade evidenciadas em seus estudos, ou seja, a primeira que trata da fragmentação excessiva do saber e da ciência, e a segunda, retratando a visão de totalidade científica.

Para a autora, o texto conta com bases estruturadas em decorrência de quatro aspectos que justificavam a caracterização e discussão das duas tendências sobre interdisciplinaridade: o primeiro seria o ponto de partida; o segundo, a relação entre o específico e o genérico; o terceiro, sobre o que movia a interdisciplinaridade; o quarto e último, em que campos teóricos se situavam essas tendências.

O interessante a ser observado nesse artigo é que o primeiro aspecto, ou seja, o ponto de partida atribuído à sua escrita seria a aula inicial ou o elementar momento de despertar das discussões realizadas no seminário do mestrado. Vale atestar que em sua escrita, Conceição destaca até mesmo a data desse acontecimento, que seria o dia 15 de setembro de 1995.

Segundo a docente, nesse momento, foram estabelecidos contornos em relação às questões analisadas, apontando algumas diferenças e aproximações entre as concepções existentes sobre interdisciplinaridade, mediante a participação dos alunos do curso.

Convém notabilizar que a data referente ao início do seminário ocorreu alguns meses depois de sua aposentadoria na UFPI. Portanto, interpreta-se, com base nesse indício, que mesmo não fazendo mais parte integrante do corpo docente universitário, Conceição Carvalho ainda possuía efetiva atuação no campo do magistério superior, por meio de sua participação no seminário promovido pelo Curso de Mestrado em Educação da UFPI, como professora colaboradora do curso.

Logo, valida-se o seu envolvimento pleno com as atividades de docência e produções intelectuais junto à pós-graduação do CCE, ainda que na condição de aposentada. Nessas circunstâncias, a docente procurou estar inserida de alguma forma no contexto instrucional do curso de pós-graduação que ela ajudou a criar, por meio de sua atuação como Diretora do CCE.

Ainda por meio de seu trabalho como professora, promoveu discussões pertinentes às temáticas de pesquisas idealizadas no seminário, ou seja, a interdisciplinaridade, culminando em iniciativas para a criação da revista do mestrado e na publicação de trabalho oriundo da disciplina que ministrou no mesmo curso, junto ao primeiro volume do periódico científico vinculado ao mestrado em educação da UFPI.

O texto da docente estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, desenvolve sua escrita acerca de aspectos introdutórios, proporcionando ao leitor o entendimento sobre o motivo que deu origem ao artigo em tela, e chamando atenção para os contornos evidenciados pelas duas concepções de interdisciplinaridade. Posteriormente, retoma a discussão por meio do tópico *Recolocando o debate*, onde faz um apanhado discursivo com fundamentações teóricas baseadas em autores que trabalham a temática e ostenta algumas observações pessoais no sentido de tentar situar o leitor sobre suas opiniões e seus interesses a respeito do que seria realmente a questão interdisciplinar no contexto científico e de sala de aula, levando em consideração os acontecimentos evidenciados no seminário ministrado no curso de mestrado. Por último, apresenta o tópico conclusivo, nomeado curiosamente de *Para finalizar, mas não para encerrar*, mostrando suas conclusões em relação à discussão sobre interdisciplinaridade, ressaltando que a questão iria muito além dos contextos verificados nos debates em sala de aula, nos momentos compreendidos pelo seminário de 1995. Essa temática da interdisciplinaridade foi abordada no transcorrer de todo o seminário e do artigo em tela.

Da mesma forma, no momento conclusivo de seu artigo, lança algumas indagações para posteriores análises e reflexões, em virtude de novas atribuições de desenvolvimento de estudos a serem impetrados pelo próprio Curso de Mestrado em Educação. Além disso, mostra sua preocupação em relação à postura de superação progressiva dos obstáculos padronizados em detrimento da interdisciplinaridade e de suas interpretações conceituais.

Isso posto, nota-se que os indícios documentais relacionados à produção intelectual de Conceição Carvalho, no primeiro volume da Revista Linguagens, Educação e Sociedade, permitem gerar interpretações sobre a sua preocupação constante em alinhar sua produção científica ao seu ambiente de trabalho.

Novamente, por meio de sua atuação docente e intelectual, incitou novas discussões e manteve o prolongamento de sua característica específica de aliar produção intelectual à prática educativa, no âmbito da sala de aula na universidade – nessa ocasião, no seminário ministrado no Curso de Mestrado em Educação do CCE.

Portanto, suas escritas e pesquisas permeiam de forma intencional a circularidade de saberes produzido na universidade, por meio de publicações científicas nos periódicos pertencentes ao CCE e, depois, ao mestrado da UFPI. De forma sutil, ela faz um alerta para a necessidade de que, no momento da formação docente, em nível de pós-graduação, o conhecimento das questões e o fomento de pesquisas ligadas à temática da interdisciplinaridade se façam presentes e ganhem destaque em debates, discussões, análises e estudos científicos realizados tanto pelos docentes como pelos discentes daquele contexto, do curso e do seminário.

Denota-se, então, que a maioria dos trabalhos resultantes de estudos e pesquisas promovidos por Conceição Carvalho envolviam, de alguma forma, as questões experienciadas em seu ambiente de trabalho, aliando a sua produção intelectual às temáticas existentes em sala de aula e na prática docente. Assim, nas escritas localizadas nesse estudo, foi possível perceber que a docente mantinha constantemente a preocupação em desenvolver produções de estudos científicos para serem publicados e reverberados.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOCENTE

Aqui, configura-se o *locus* de exposição das questões conclusivas a respeito desse estudo. Chegado ao término da pesquisa, é possível, desde já, desenvolver algumas interpretações e comentários liquidantes em relação aos estudos desenvolvidos sobre a professora Conceição Carvalho e à sua trajetória docente, enquanto gestora e intelectual da UFPI.

Inicialmente, é oportuno relembrar que a docente chegou ao corpo de professores da instituição nos primeiros anos de seu funcionamento, pois a UFPI passou a funcionar definitivamente no ano de 1971 e, três anos depois, em 1974, a docente Conceição Carvalho foi contratada como temporária.

A partir desse momento, começou a efetivar seu trabalho no DE, um dos primeiros departamentos criados na instituição, onde ela, três anos após a criação da UFPI e do DE, passou a fazer parte do grupo de professores universitários do Piauí na década de 1970, pouco tempo depois de concluir o Curso de Licenciatura em Filosofia, cumprido em parte na FAFI, e findado na UFPI.

Atribui-se sua entrada no corpo docente da UFPI, principalmente, ao fato de deter certo trânsito e articulação política, assim como pelas capacidades demonstradas na graduação ou, talvez, pelo bom relacionamento com seus professores. Nessa perspectiva, percebe-se que de alguma maneira, ela despertou em parte dos educadores o desejo de que fizesse parte da universidade, uma vez que já estava integrada ao DE.

Segundo os dados levantados, a escassez de profissionais com qualificação suficiente para lecionar no ensino superior era recorrente nos primeiros anos da criação da UFPI, daí porque a necessidade de pessoal qualificado para atuar na universidade era pulsante naquele cenário. Assim, possivelmente devido à capacidade, à influência política e ao desempenho conferidos à Conceição Carvalho – que eram de conhecimento do corpo docente –, surgiu o convite para que ela fizesse parte do corpo docente da UFPI.

O CCE e seus três principais departamentos foram criados em 1975, por meio da Resolução nº 10/ 75. Assim, o CCE e o DMTE foram concebidos naquele momento, um ano depois de sua chegada à UFPI, quando se consolidou a história de Conceição com o centro e o departamento, aos quais prestou relevantes contribuições durante cerca de vinte anos, deixando marcas, com indícios e vestígios entranhados na história desses setores que integram a UFPI.

Por meio do *corpus* documental aqui reunido e esmiuçado, fundamentado em análises e interpretações, em observações desencadeadas a partir de informações aferidas por meio dessas fontes documentais, e no cruzamento destas com as memórias dos entrevistados, foi possível relembrar algumas questões sobre a atuação docente, gestora e intelectual, construídas por Conceição Carvalho ao longo de vinte anos de serviços prestados ao ensino universitário piauiense.

As entrevistas com os professores do grupo DMTE Histórico deixaram transparecer alguns pontos positivos sobre a docente em apreço. As afirmações, as colocações, as lembranças, as memórias, as redes de sociabilidades construídas e os fatos vividos denotam relações amistosas no ambiente de trabalho da UFPI – entre Conceição Carvalho e os que faziam parte do CCE – identificadas nas narrativas ora produzidas.

Outrossim, as falas dos entrevistados permitiram descortinar que a passagem de Conceição Carvalho pelo cargo de Diretora do CCE foi algo marcante, pois deixou muitas impressões nas lembranças dos entrevistados, caracterizando um legado atribuído à sua gestão no centro, confirmando que ela realizou contribuições por meio de seu trabalho, configurando uma herança para toda a comunidade acadêmica do CCE.

Nessa lógica, deixou marcas devido à sua participação ativa, nomeadamente na criação do Curso de Mestrado em Educação da UFPI. Por isso, como homenagem póstuma, o atual prédio do Programa de Pós-Graduação em Educação recebeu o seu nome, o que simboliza o reconhecimento por sua participação e contribuição ao CCE, na criação do referido curso que, aliás, foi pioneiro no Piauí.

Por meio de sua atuação como gestora, deixou um legado importante para a pós-graduação da universidade, pois sua luta e seu empenho, juntamente com vários outros professores pertencentes aos departamentos do CCE, colocou em funcionamento o Curso de Mestrado em Educação, o primeiro da instituição, oportunizando a formação de inúmeros profissionais e contribuindo para o campo da pesquisa e da produção científica na área da educação no Estado do Piauí.

Algo que chamou atenção durante as entrevistas foi a admiração e a relação de amizade construída no ambiente de trabalho entre os professores do grupo DMTE Histórico e a professora Conceição Carvalho. Durante quase todas as entrevistas, pairou um clima de emoção e saudosismo, deixando transparecer que houve uma convivência amigável no departamento, o que, com toda certeza, facilitava as relações entre Conceição e todos os outros professores, funcionários e alunos durante suas passagens nos cargos de gestão no DMTE, no CCE e na UFPI.

Sendo uma das primeiras professoras a compor o quadro docentes da universidade e do DE, ela conseguiu, por meio de sua experiência, marcar a história da UFPI, pois por meio de suas contribuições profissionais, incentivou a formação de inúmeros outros professores durante os anos em que ministrou aulas, especialmente nos cursos de licenciaturas da universidade.

Além disso, como professora na universidade, teve a oportunidade de dar aula para sua alfabetizadora, que havia retornado aos estudos para fazer a graduação em pedagogia, oportunidade em que Conceição Carvalho foi docente de quem a ensinou as primeiras letras, fato retratado por ela mesmo em suas memórias, aqui lançadas por meio de entrevista.

Visando a responder ao questionamento central desse estudo, pode-se atribuir três constatações, conforme segue: a primeira é a de que Conceição Carvalho foi docente da instituição durante mais de vinte anos, desenvolveu trabalho no âmbito educativo e deixou marcas na conjuntura do DMTE, como a construção de um departamento democrático e com influência sobre diversos cursos de licenciaturas oferecidos na UFPI. Além da concretização de redes de sociabilidades duradouras entre os docentes do departamento, buscou qualificação profissional por meio de realização de cursos de aperfeiçoamento e mestrado, aventurando-se fora do Piauí, na UFRGS.

A segunda é que a docente, enquanto gestora, pontuou questões democráticas e garantiu um legado para a universidade, por meio de suas atuações na promoção e concretização do sonho do Curso de Mestrado em Educação da UFPI, onde fomentou a criação da Revista Educação e Compromisso e participou da concepção do primeiro volume do periódico científico do mestrado, a Revista Linguagens, Educação e Sociedade.

A terceira é que a professora foi produtora intelectual e procurava voltar seu olhar científico de pesquisadora para a própria instituição onde atuava, estimulando e desenvolvendo pesquisas e estudos que, de alguma forma, contribuíssem para as questões vivenciadas no cotidiano universitário e podem ser fontes importantes, pois mostram dados sobre determinadas problemáticas voltadas para a UFPI.

Diante disso, Conceição Carvalho, como docente, gestora e intelectual desenvolveu seu papel de educadora e formadora, tendo a UFPI como lugar ideal para que isso se concretizasse. Todos os vestígios evidenciados nesse estudo são um pequeno passo na promoção de pesquisas que envolvam a atuação de profissionais da educação e intelectuais que atuarão na UFPI.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Andreia. **A mulher no ensino superior**: distribuição e representatividade. Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil, Cadernos do GEA, n. 6, jul./ dez. 2014.
- BARRETO, Daniel Pedrosa; TAVARES, Davi Kiermes; SANTOS, Francisco Xavier; PINHEIRO, Wellington Duarte. **A contribuição de Norbet Elias para uma contemporânea teoria de redes sociais**. IN: Anais XII Simpósio internacional processo civilizador: civilização e contemporaneidade. Recife – Brasil, 2009.
- BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social**: Teoria e ejercicios. 7ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação a Distância. **Salto para o futuro**: construindo uma escola cidadã, projeto político pedagógico. Brasília: SEED, 2008.
- BERTUCCI, Liane Maria. **Edward P. Thompson**: história e formação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BOMFIM, Maria do Carmo Alves; PEREIRA, Maria das Graças Moita; SOUSA, Francisca Mendes de. **Presente do passado**: A Faculdade Católica de Filosofia na História da Educação do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2000.
- CALDAS, Luciana Moreira. **Gestão participativa**: visão de um coordenador pedagógico que a educação precisa. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1658826-gest%C3%A3o-participativa-vis%C3%A3o-um-coordenador/>. Acesso em: 28/10/2017.
- CARVALHO, Maria da Conceição Sousa. **Eficácia do ensino universitário**: um estudo da opinião de alunos. 1982, 112 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1982.
- CARVALHO, Maria da Conceição Sousa. **Rediscutindo a interdisciplinaridade**. In: Revista Educação, Linguagens e Sociedade. Volume 1, nº 1. Teresina: EDUFPI, 1996.
- CARVALHO, Maria da Conceição Sousa. **Extensão universitária**: algumas ideias para análise. In: Revista Educação e Compromisso. Volume 2, nº2. Teresina: EDUFPI, 1990.
- CARVALHO, Maria da Conceição Sousa. **EDITORIAL**. In: Revista Educação e Compromisso. Volume 1, nº1. Teresina: EDUFPI, 1989.
- CARVALHO, Maria da Conceição Sousa. **EDITORIAL**. In: Revista Educação e Compromisso. Volume 4, nº4. Teresina: EDUFPI, 1992.
- CARDOSO, Magnaldo de Sá. **O Centro de Tecnologia da UFPI**: trajetória histórica. Teresina: EDUFPI, 2017.

- CELLARD, André. A análise documental. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodologias**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2012.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **O princípio da gestão democrática na educação**. Disponível:<https://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/151253Gestaodemocratica.pdf> Acesso: 15/12/2017.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução George Schlesinger. 1. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. In: História de vida. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FLÓRIO, Marcelo. Cinema: caleidoscópio estético na modernidade. **Revista Práxis**, ano I, n. 1, 2004.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de; SIMÃO, Giovana Teresinha. Educar pela arte: a proposta de uma aprendizagem escolar. **Revista Histedbr online**, n.20, dez 2005, p. 106-119.
- LEONARDI, Paula; AGUIAR, Thiago Borges. As potencialidades para o uso da obra de Carlo Ginzburg na História da Educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v.5, p.107-123 jul./dez. 2010.
- LE GOFF, JACQUES. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. Enciclopédia Einaudi, vol. 1 Memóri – História. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984, p. 103.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Baú de memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. Ciência e arte: escrita da história e literatura na construção da narrativa de “Os sertões”. **Práxis**, ano 3, n. especial, 2006.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Porto, Portugal: Porto Editor, 2000.

PASSOS, Guiomar de Oliveira. **A Universidade Federal do Piauí e suas marcas de nascença**: conformação da Reforma Universitária de 1968 á sociedade piauiense . [ca. 2001], 302f. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de Brasília.

PEREIRA, Ana Cristina Furtado; FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão. **História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência**. IV Seminário Internacional de Representação Sociais, Subjetividade e Educação. VI Seminário Internacional sobre Profissionalismo Docente. (Anais eletrônicos).

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

PONTES, Heloisa. **Poder, sociabilidade e simbolismo em Norbert Elias**. In: X Simpósio internacional processo civilizador. Campinas – SP, 2007.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Educar em família: o Colégio Imperial Amorim Carvalho na Corte Imperial (1882 – 1889). **Revista Histedbr on line**, n. 27, set 2007, p. 65-77.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de; SARDENBERG, Cecília Maria B. **Visibilizando a mulher no espaço público**: a presença das mulheres nas universidades. Seminário Internacional Fazendo Gêneros 10 (Anais eletrônicos), Florianópolis, 2013.

Silva, Samara Maria Viana da. **Um olhar sobre si: história e memória da pós-graduação *stricto sensu* em educação na UFPI** . / Samara Maria Viana da Silva. - Teresina: IFPI, 2011.

SILVA, L. R. C. et. Al. **Pesquisa documental**: alternativa investigativa na formação docente. [S. n.: S. L.] 2009.

SILVA, Cristhenes Fabiane de Araújo; SILVA JÚNIOR, Claudio Gomes da. **Elas em foco**: a produção sobre a mulher e questões de gênero na Universidade Federal de Alagoas. XVIII REDOR. (Anais eletrônicos) Recife – PE, 2014.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**: ou uma planetário de erros uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar editores S. A. , 1981.

VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. **Memórias no plural**. Fortaleza: LCR, 2001.

VENANCIO, Giselle Martins. **Intelectuais e palavra impressa**. Niterói, RJ: Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.

FONTES DOCUMENTAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Ato da Reitoria nº 136/74**, de 15 de abril de 1974. Autoriza a contratação da Professora Maria da Conceição Sousa de Carvalho no quadro provisório de professores colaboradores, no nível I em regime de 12 horas semanais de trabalho, para o Departamento de Educação da UFPI.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Ato da Reitoria nº 130/78**, de 30 de janeiro de 1978. Expedi a Maria da Conceição Sousa de Carvalho o ato que a integra no corpo docente da UFPI, na categoria de Auxiliar de Ensino, contando a partir de 1º de janeiro de 1978, observado o disposto no art. 14, item I, da Lei nº 6.182, de 11 de dezembro de 1974.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Ato da Reitoria nº 451/95**, de 20 de março de 1995. Concede aposentadoria nos termos do Artigo 40, item III, letra “a”, da Constituição Federal do Brasil, combinado com o Artigo 186, item III, letra “a”, da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, a Maria da Conceição Sousa de Carvalho, ocupante do cargo de Professor Classe Adjunto, Nível 4 – DE, do quadro permanente da UFPI, devendo perceber proventos com as vantagens previstas no Artigo 192, item I e Artigo 62, da Lei nº 8.112/90, combinado como a Lei nº 8.911 de 11 de julho de 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Cartão do Reitor Charles Camilo da Silveira**, de março de 1995. Votos de agradecimento a Maria da Conceição Sousa de Carvalho em gratidão pelos relevantes serviços prestados à UFPI durante 20 anos de profícuo trabalho, conduzido como dedicação e competência, havendo contribuído efetivamente com o crescimento da UFPI, à qual designou, e que soube reconhecê-la.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Educação**, de 19 de agosto de 1977. Conferi a Maria da Conceição Sousa de Carvalho, de acordo com o regimento geral da UFRGS, o certificado de Aperfeiçoamento em Educação – Ensino.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Diploma do Curso de Mestrado em Educação**, de 16 de maio de 1984. O Reitor da UFRGS, no uso das atribuições que lhe confere o Regimento Geral da UFRGS, e tendo presente o termo de conclusão, em 10 de março de 1983 do Curso de Pós-Graduação em Educação – área de concentração: Ensino, de Maria da Conceição Sousa de Carvalho, mandou expedir o diploma de Mestra em Educação, para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidas a este Grau Acadêmico pelas leis da Republica.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Ato da Reitoria nº 62/76**, de 24 de fevereiro de 1976. Designar a Professora Maria da Conceição Sousa de Carvalho para Sub-Chefe do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Ciências da Educação, a contar

de 5 de janeiro de 1976, em substituição à titular, que se afastou para realizar curso de mestrado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Ato da Reitoria nº322/79**, de 2 de abril de 1979. Designar a Auxiliar de Ensino TI, Maria da Conceição Sousa de Carvalho, para Chefe do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Ciências da Educação, com mandato de dois anos, a partir de 2 de abril de 1979.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Portaria nº 311 no Diário Oficial da União**, de 7 de julho de 1983. Nomeação para vice-diretora para o Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí. A ministra de estado da educação e da cultura, Esther de Figueiredo Ferraz, usando da competência que lhe foi delegada pelo Decreto nº 84.716, de 19 de maio de 1980, resolve nomear a Professora Maria da Conceição Sousa de Carvalho para exercer, em comissão, o cargo de Vice-Diretora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Ato da Reitoria nº 262/89**, de 21 de março de 1989. Resolvia nomear Maria da Conceição Sousa de Carvalho, ocupante de cargo de Professora Adjunta MS-C-4, lotada no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, do Centro de Ciências da Educação, para exercer o cargo de Diretora do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Piauí, expirando-se o seu mandato quatro meses após o término do mandato do atual Reitor, conforme disposto nos parágrafos 1º e 3º do Artigo 2º da Lei nº 6.420, de 3 de junho de 1977.

Revista Educação e Compromisso, Volume 1, nº 1/2, (janeiro/dezembro. 1989) – Teresina, . Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, 1989.

Revista Educação e Compromisso, Volumes 2, nº 1/2, (janeiro/dezembro. 1990) – Teresina Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, 1990.

Revista Educação e Compromisso, Volumes 3, nº 1/2, (janeiro/dezembro. 1991) – Teresina Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, 1991.

Revista Educação e Compromisso, Volumes 4, nº 1/2, (janeiro/dezembro. 1992) – Teresina Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Declaração da Coordenação do Curso de Mestrado em Educação** do Centro de Ciências da Educação, de 7 de novembro de 1995. Declara que a Professora Maria da Conceição Sousa de Carvalho integrou a comissão de elaboração do projeto de implantação do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí, concluído em março de 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Declaração da Coordenação do Curso de Mestrado em Educação** do Centro de Ciências da Educação, de 9 de novembro de 1995.

Declara que a Professora Maria da Conceição Sousa de Carvalho foi uma das ministrantes do Seminário “Tópicos Avançados em Educação: A Educação em Perspectiva Interdisciplinar”, que se desenvolveu no segundo período letivo de 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Dissertação de Mestrado em Educação: “Eficácia do ensino universitário: um estudo da opinião de alunos”** de Maria da Conceição Sousa de Carvalho. Porto Alegre, 1982.

Revista Linguagens, Educação e Sociedade. Revista do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí, Volume 1, nº 1 (1996) Semestral. Teresina: EDUFPI, 1996.

APÊNDICES

QUADRO 4: QUADRO SOBRE AS FORMAÇÕES EM SERVIÇO DE CONCEIÇÃO CARVALHO

QUADRO SOBRE AS FORMAÇÕES EM SERVIÇO DE CONCEIÇÃO CARVALHO		
CURSO FORMATIVO	INSTITUIÇÃO	PERÍODO E LOCAL
Estrutura e funcionamento do ensino de 1º e 2º graus.	Universidade Federal do Piauí – UFPI.	Maio de 1974 em Teresina – Piauí.
Curso de técnica de pesquisa survey.	Fundação centro nacional de aperfeiçoamento de pessoal para a formação profissional – Ministério da Educação e Cultura.	29/01/1976 a 24/02/1976 em Teresina – Piauí.
Curso de aperfeiçoamento em educação e ensino.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.	03/01/1977 a 10/02/1977 em Porto Alegre – Rio Grande do Sul.
I Encontro Nacional e V Encontro Estadual de Professores de Prática de Ensino	Projeto de apoio ao desenvolvimento do ensino superior e Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria	10/07/1979 a 13/07/1979 em Santa Maria – Rio Grande do Sul.
Encontro sobre mudança organizacional	Universidade Federal do Piauí, Projeto de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Superior – PADES.	08/11/1979 a 09/11/1979 em Teresina – Piauí.
Seminário sobre prática de ensino.	Universidade Federal do Piauí – UFPI.	11/03/1980 a 13/03/1980 em Teresina – Piauí.
I seminário sobre a formação do educador do Piauí.	Projeto de desenvolvimento de novas metodologias aplicáveis ao ensino do Centro de Ciências da Educação na Universidade Federal do Piauí.	09/12/1980 a 11/12/1980 em Teresina – Piauí.
III Seminário regional sobre reformulação dos cursos de preparação de recursos humanos para a educação.	Universidade Federal do Ceará – UFC.	31/08/1981 a 04/09/1981 em Fortaleza – Ceará.
Seminário – Projeto INT. UNIV/ENS. 1º Grau – Região nordeste.	Secretaria da educação superior, Ministério da Educação e Cultura.	25/10/1983 a 27/10/1983 em Maceió.
IV Encontro sobre pesquisa educacional no nordeste.	Programa de mestrado em educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.	16/11/1983 a 19/11/1983 em Recife – Pernambuco.
Seminário sobre formação do educador.	Pró-reitoria de extensão e Pró-reitoria de ensino da Universidade Federal do	19/10/1983 a 21/10/1983 em Teresina – Piauí.

	Piauí.	
Treinamento sobre sistema de matrícula.	Projeto de apoio ao desenvolvimento do ensino superior – PADES da Universidade Federal do Piauí.	17/05/1984 em Teresina – Piauí.
III Conferência brasileira de educação.	Universidade Federal Fluminense. Associação nacional de educação. Centro de estudos educação e sociedade. Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação.	12/10/1984 a 15/10/1984 em Niterói – Rio de Janeiro.
Minicurso de literatura infantil.	Universidade Federal do Piauí e Projeto de apoio ao desenvolvimento do ensino superior – PADES.	13/11/1984 em Teresina – Piauí.
Seminário sobre pesquisa educacional.	Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais do Ministério da educação e cultura.	19/11/1984 a 20/11/1984 em Teresina – Piauí.
III Seminário de didática e prática de ensino.	Universidade Federal do Piauí.	03/06/1986 a 04/06/1986 em Teresina – Piauí.
II Seminário de pesquisa: educação do meio rural.	Universidade Federal do Piauí e o Centro de Ciências da Educação com o apoio do INEP/MEC e CNPq.	20/08/1986 a 22/08/1986 em Teresina – Piauí.
Curso: pesquisa participante. II Seminário de pesquisa: educação no meio rural.	Universidade Federal do Piauí e o Centro de Ciências da Educação com o apoio do INEP/MEC e CNPq.	20/08/1986 a 22/08/1986 em Teresina – Piauí.
IV Conferência brasileira de educação.	Universidade Federal de Goiás e Universidade Católica de Goiás. Associação nacional de educação. Associação nacional de pesquisa e pós-graduação em educação. Centro de estudos educação e sociedade.	02/09/1986 a 05/09/1986 em Goiânia – Goiás.
X Reunião anual da Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação – ANPED.	Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.	12/05/1987 a 15/05/1987 em Salvador – Bahia.
VIII Encontro de pesquisa em educação do nordeste.	Universidade Federal do Sergipe. Programa de pós-graduação em educação no nordeste. CNPq – SUDENE – FINEP –CAPES – MEC/INEP.	01/09/1987 A 04/09/1987 em Aracajú – Sergipe.
XI Reunião anual da	Universidade Federal do Rio	25/04/1988 a 29/04/1988 em

Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação – ANPED.	Grande do Sul.	Porto Alegre – Rio Grande do Sul.
I Encontro estadual de estudantes de pedagogia.	Universidade Federal do Piauí. Pró-reitoria de extensão.	24/06/1988 a 26/06/1988 em Teresina – Piauí.
V Conferência brasileira de educação.	Universidade de Brasília.	02/08/1988 a 05/08/1988 em Brasília – Distrito Federal.
Reunião regional de pesquisa educacional do nordeste.	Centro de educação da Universidade Federal da Paraíba.	22/08/1990 a 24/08/1990 em João Pessoa – Paraíba.
XIII Reunião anual da Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação – ANPED.	Universidade Federal de Minas Gerais.	15/10/1990 a 19/10/1990 em Belo Horizonte – Minas Gerais.
Seminário: concepção de dissertação de mestrado.	Faculdade de educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.	08/04/1991 a 09/04/1991 em Campinas – São Paulo.
XIV Reunião anual da Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação – ANPED.	Faculdade de educação da Universidade de São Paulo.	01/09/1991 a 03/09/1991 em São Paulo – SP.
VI Conferência brasileira de educação.	Faculdade de educação da Universidade de São Paulo.	03/09/1991 a 06/09/1991 em São Paulo – SP.
XV Reunião anual da Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação – ANPED.	Hotel Glória.	13/09/1992 a 17/09/1992 em Caxambu – Minas Gerais.
I Encontro de professores de licenciatura da UFPI.	Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí.	16/03/1993 a 18/03/1993 em Teresina – Piauí.
Curso: introdução à língua francesa.	Universidade Federal do Piauí. Pró-reitoria de extensão.	18/03/1994 a 01/07/1994 em Teresina – Piauí.
XVI Reunião anual da Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação – ANPED.	Hotel Glória.	12/09/1993 a 16/09/1993 em Caxambu – Minas Gerais.
II Encontro de pesquisa.	Universidade Federal do Piauí e Pró-reitoria de extensão.	09/08/1994 a 11/08/1994 em Teresina – Piauí.
XVII Reunião anual da Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação – ANPED.	Hotel Glória.	23/10/1994 a 27/10/1994 em Caxambu – Minas Gerais.
XVIII Reunião anual da Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação – ANPED.	Hotel Glória.	17/09/1995 A 21/09/1995 em Caxambu – Minas Gerais.

Fonte: dados coletados no acervo pessoal da professora Conceição Carvalho (2017).

CARTA DE CESSÃO DE AUTORIZAÇÃO E USO DE ENTREVISTA

Teresina, PI, 14 de maio de 2018

Destinatário,

Eu, (nome Terézinha de Jesus Rios Noqueira,
 estado civil divorciada, documento de identidade 98.292.559,
 CPF 038.346.463-34, domiciliado e residente no
 endereço Rua Anfrísio Bolão, 1235 apt 1102,
 na cidade de Teresina), declaro para os devidos fins que cedo os direitos
 de minha entrevista, gravada (data e local) Teresina - PI
 para Raimundo Nonato de Sousa Neto Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação -
 PPGED/UFPI usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,
 desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando
 vinculado o controle à Raimundo Nonato de Sousa Neto, que tem a guarda da mesma.
 Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá firma reconhecida
 em cartório.



(nome e assinatura do colaborador)

CARTA DE CESSÃO DE AUTORIZAÇÃO E USO DE ENTREVISTA

Teresina, PI, 12 de maio de 2018

Destinatário,

Eu, (nome Eudoxio Soares Lima Uied
estado civil casado, documento de identidade 811841-7,
CPF 0111948433-78, domiciliado e residente no
endereço Rua Rachado, 1730
na cidade de Teresina), declaro para os devidos fins que cedo os direitosde minha entrevista, gravada (data e local) 12/05/2018 às 10:54
para Raimundo Nonato de Sousa Neto Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação -
PPGED/UFPI usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,
desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando
vinculado o controle à Raimundo Nonato de Sousa Neto, que tem a guarda da mesmaAbdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá firma reconhecida
em cartório.

Eudoxio Soares Lima Uied 

(nome e assinatura do colaborador)

CARTA DE CESSÃO DE AUTORIZAÇÃO E USO DE ENTREVISTA

Teresina, PI, 5 de Março de 2018

Destinatário,

Eu, (nome) Maria Cullin da Costa Araújo Mendes,
 estado civil viúva, documento de identidade 41.245 (SSPP)
 CPF 011 425 183 - 53, domiciliado e residente no
 endereço Av. João XXIII nº 6300 - Bairro Gurupi,
 na cidade de Teresina - Piauí, declaro para os devidos fins que cedo os direitos
 de minha entrevista, gravada (data e local) em minha residência na data de 5/3/18
 para Raimundo Nonato de Sousa Neto Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação -
 PPGED/UFPI usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,
 desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando
 vinculado o controle à Raimundo Nonato de Sousa Neto, que tem a guarda da mesma.
 Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá firma reconhecida
 em cartório.

Maria Cullin da Costa Araújo Mendes

(nome e assinatura do colaborador)

CARTA DE CESSÃO DE AUTORIZAÇÃO E USO DE ENTREVISTA

Teresina, PI, 05 de março de 2018

Destinatário,

Eu, (nome Maria do Amparo Borges Lins,
 estado civil casada, documento de identidade 91.154 - SSP-PI,
 CPF 199340763-49, domiciliado e residente no
 endereço Rua Professor Darcy Araújo nº 2401,
 na cidade de Teresina - PI), declaro para os devidos fins que cedo os direitos
 de minha entrevista, gravada (data e local) no CCE-UFPI em 06-03-2018
 para Raimundo Nonato de Sousa Neto Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação -
 PPGED/UFPI usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,
 desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando
 vinculado o controle à Raimundo Nonato de Sousa Neto, que tem a guarda da mesma.
 Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá firma reconhecida
 em cartório.

Maria do Amparo Borges Lins
 (nome e assinatura do colaborador)

CARTA DE CESSÃO DE AUTORIZAÇÃO E USO DE ENTREVISTA

Teresina, PI, 24 de JUNHO de 2014

Destinatário,

Eu, (nome DOMÍCIO EINSTEIN LORSAO MAGALHAES,
 estado PA civil CAD documento de
 identidade 958.046), declaro para os devidos fins que cedo os direitos de
 minha entrevista, gravada (data) 24.06.2014 para Raimundo Nonato de Sousa Neto
 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED/UFPI usá-la integralmente ou
 em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma,
 autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Raimundo Nonato
 de Sousa Neto, que tem a guarda da mesma.
 Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá firma reconhecida
 em cartório.

Domício Einstein Lorsa Magalhães
 (nome e assinatura do colaborador)

CARTA DE CESSÃO DE AUTORIZAÇÃO E USO DE ENTREVISTA

Teresina, PI, 07 de outubro de 2017

Destinatário,

Eu, (nome Isontina Pereira Lopes,
 estado civil Divorciada, documento de identidade 106496 PI,
 CPF 047 224 503 - 15, domiciliado e residente no
 endereço Rua Acácio do Rêgo Monteiro 1522,
 na cidade de Teresina), declaro para os devidos fins que cedo os direitos
 de minha entrevista, gravada (data e local) em Teresina, dia 07/10/17
 para Raimundo Nonato de Sousa Neto Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação -
 PPGED/UFPI usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações,
 desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando
 vinculado o controle à Raimundo Nonato de Sousa Neto, que tem a guarda da mesma.
 Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá firma reconhecida
 em cartório.

Isontina Pereira Lopes

(nome e assinatura do colaborador)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, na qualidade de herdeiro de Maria da Conceição Sousa de Carvalho - (nome do herdeiro) LUIZ GUSTAVO SOUSA DE CARVALHO, (nacionalidade) Brasileira, (estado civil) solteiro, (profissão) produtor cultural, (CPF) 928 760 103-30, (carteira de identidade) 4.458 725, emitida pelo SSP - PI, domiciliado e residente na (cidade) Teresina, (logradouro) Avenida Venceslau, 2300 (número e complemento), declaro ceder à Raimundo Nonato de Sousa Neto Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED/UFPI, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental concedido pela supracitada, na cidade de Teresina - PI, em 2016, num total de vinte e sete minutos e vinte e nove segundos gravados.

A Raimundo Nonato de Sousa Neto, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá firma reconhecida em cartório.



Teresina - PI, 17 de junho de 2017

Liz Gustavo Sousa de Carvalho

(nome e assinatura do herdeiro)

SERVIÇO NOTARIAL E DE REGISTRO - JOÃO CRISÓSTOMO
 1º OFÍCIO - 2ª CIRCUNSCRIÇÃO
 Belª Maria Elizabeth Paiva e Silva Müller - Tabeliã
 Rua Licínio Hojenta, nº 1155 - CEP: 64005-219
 Fone: (86) 3221-7513 Fax: (86) 3221-9534 Teresina - Piauí E-mail: tabel@jud.com.br

RECONHECIDO POR SEMELHANÇA A FIRMA DE LUIZ GUSTAVO SOUSA DE CARVALHO, DOU FE. EM TEST. 1/1 DA VERDADE. TERESINA, 02/08/2017. Emol. 3.60 TJ: 0.72 Selo: 0.25 Total: 4.57

SAMANTHA BEATRIZ NUNES DE FREITAS ESCRIVENTE

Cartório João Crisóstomo
 1º Of. de Maria Elizabeth Paiva e Silva Müller
 Tabeliã
 FISCALIZAÇÃO

Selo de Fiscalização e Autenticidade
 AT 33666

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente documento, eu, na qualidade de herdeiro de Maria da Conceição Sousa de Carvalho - (nome do herdeiro) LUIZ GUSTAVO SOUSA DE CARVALHO, (nacionalidade) BRASILEIRA, (estado civil) SOLTEIRO, (profissão) PRODUTOR CULTURAL, (CPF) 428.760.203-30, (carteira de identidade) 1.158.760, emitida pelo SSP-PI, domiciliado e residente na (cidade) Teresina, (logradouro) R. Pedro Viscunha 2500 (número e complemento), autorizo à Raimundo Nonato de Sousa Neto Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED/UFPI, plenos direitos para escrever e pesquisar sobre Maria da Conceição Sousa de Carvalho. Autorizo sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais para escrever e pesquisar sobre o caráter histórico e documental da supracitada, na cidade de Teresina - PI.

A Raimundo Nonato de Sousa Neto, fica consequentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, científicos e acadêmicos, produções escritas e pesquisas relacionadas a Maria da Conceição Sousa de Carvalho, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins acadêmicos, segundo normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Autorizando por meio de direitos, subscrevo a presente, que terá firma reconhecida em cartório.

1º OFÍCIO

Teresina - PI, 17 de junho de 2017

Luiz Gustavo Sousa de Carvalho

(nome e assinatura do herdeiro)

SERVIÇO NOTARIAL E DE REGISTRO - JOÃO CRISÓSTOMO
 1º OFÍCIO - 2ª CIRCUNSCRIÇÃO
 Belª Maria Elizabeth Paiva e Silva Müller - Tabella
 Rua Lúcio Albuquerque nº 1145 - CEP: 64000-200
 Fone: (86) 3221-7512 Fax: (86) 3221-9034 Teresina - Piauí E-mail: tab@jcrs.com.br

RECONHECIDO POR SEMELHANÇA A FIRMA DE LUIZ GUSTAVO SOUSA DE CARVALHO, DOU FE. EM TEST. SP DA VERDADE. TERESINA, 02/08/2017
 Emol. 3.60 TJ: 0.72 Selos: 0.25 Total: 4.57

SARANTHA BEATRIZ NUNES DE FREITAS ESCRIVENTE

Cartório Notarial de Teresina - Piauí
 1º Ofício - 2ª Circunscrição
 Rua Lúcio Albuquerque nº 1145 - CEP: 64000-200
 Fone: (86) 3221-7512 Fax: (86) 3221-9034
 E-mail: tab@jcrs.com.br

Faculdade e Autenticidade
 Poder Judiciário
 Fórum de Notas
 1º Regimento e Tabelião

ART 35667

ROTEIRO INDIVIDUAL DE ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIO TÉCNICO ADMINISTRATIVO DOMÍCIO

1º Parte: Dados sobre o entrevistado.

- 1- Nome completo.
- 2- Formação profissional.
- 3- Função ou cargo que ocupa na UFPI.
- 4- Local em que trabalha na UFPI.
- 5- Quando começou a trabalhar na UFPI.
- 6- Como começou a trabalhar na UFPI.
- 7- Impressões sobre o CCE na UFPI.

2º Parte: Dados preliminares sobre o contato com Conceição Carvalho.

- 1- Quando conheceu Conceição Carvalho na UFPI.
- 2- Como conheceu Conceição Carvalho na UFPI.
- 3- Como era a convivência com Conceição Carvalho na UFPI.
- 4- Principais impressões sobre Conceição Carvalho na UFPI.
- 5- Lembranças sobre Conceição Carvalho na UFPI.
- 6- Quais as lembranças sobre Conceição Carvalho, como Professora do quadro do DMTE.

3º Parte: Dados sobre o contato com Conceição Carvalho na época em que era Diretora do Centro de Ciências da Educação (1989 à 1993).

- 1- Como foi a eleição de Conceição Carvalho, para direção do CCE em 1989.
- 2- Quais as primeiras iniciativas de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 3- Quais as decisões tomadas por Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 4- Quais eram as prioridades de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 5- Como eram as atitudes de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 6- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os funcionários do Centro.
- 7- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os Professores ou docentes do Centro.
- 8- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os alunos ou discentes do Centro.
- 9- Quais foram os principais pontos e feitos deixados por Conceição Carvalho no CCE, como diretora do Centro.
- 10- Quais as lembranças sobre Conceição Carvalho, como diretora do CCE, no momento da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, no ano de 1991.

4º Parte: Questões, dúvidas e anotações surgidas no momento da entrevista.

ROTEIRO INDIVIDUAL DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA LEONTINA

1º Parte: Dados sobre o entrevistado.

- 8- Nome completo.
- 9- Formação profissional.
- 10- Função ou cargo que ocupou na UFPI.
- 11- Local em que trabalhou na UFPI.
- 12- Qual foi o período que trabalhou na UFPI.
- 13- Como e quando começou a trabalhar na UFPI.
- 14- Quando parou de exercer a profissão docente na UFPI?

2º Parte: Dados preliminares sobre o contato com Conceição Carvalho.

- 7- Quando conheceu Conceição Carvalho na UFPI?
- 8- Como conheceu Conceição Carvalho na UFPI?
- 9- Como era a convivência com Conceição Carvalho na UFPI?
- 10- Principais impressões sobre Conceição Carvalho como docente na UFPI?
- 11- Quais as suas lembranças sobre Conceição Carvalho, como Professora do quadro docente acadêmico do DMTE?
- 12- Quais as suas principais lembranças sobre Conceição Carvalho na UFPI como companheira de trabalho no DMTE.
- 13- Quais eram as disciplinas que Conceição Carvalho lecionava no DMTE?
- 14- Como era a relação da Professora Conceição Carvalho com seus alunos?

3º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho como membro do Conselho Departamental do CCE na UFPI no período de 1975 a 1983.

- 1- Como era a representação e participação de Conceição Carvalho no Conselho Departamental do CCE?
- 2- Quais as principais lembranças que você tem sobre a participação de Conceição Carvalho nas reuniões do Conselho Departamental?
- 3- Como era a relação de Conceição Carvalho com os outros conselheiros e com o presidente do Conselho?

4º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi subchefe do DMTE (1976) e chefe do DMTE (1979-1981).

- 1- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi subchefe do DMTE (1976)?
- 2- Como era a postura de Conceição Carvalho como subchefe do DMTE (1976)?
- 3- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi chefe do DMTE (1979-1981)?

- 4- Como era a postura de Conceição Carvalho como chefe do DMTE (1979-1981)?
- 5- Quais foram os principais feitos de Conceição Carvalho como chefe e subchefe do DMTE?
- 6- Como era a relação de Conceição Carvalho com os docentes do DMTE na época em que foi chefe e subchefe do DMTE?

5º Parte: Dados sobre o contato com Conceição Carvalho na época em que era Diretora do Centro de Ciências da Educação (1989 à 1993).

- 11- Como foi a eleição de Conceição Carvalho, para direção do CCE em 1989.
- 12- Quais as primeiras iniciativas de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 13- Quais as principais decisões tomadas por Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 14- Quais eram as principais prioridades de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 15- Como eram as atitudes de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 16- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os funcionários do Centro.
- 17- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os Professores ou docentes do Centro.
- 18- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os alunos ou discentes do Centro.
- 19- Como era relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com os Departamentos do Centro?
- 20- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com a reitoria da UFPI?
- 21- Quais foram os principais pontos e feitos deixados por Conceição Carvalho no CCE, como diretora do Centro.
- 22- Quais as principais lembranças sobre Conceição Carvalho, como diretora do CCE, no momento da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, no ano de 1991.

6º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi realizar o seu Curso de Mestrado e Curso de Doutorado.

- 1- Quais as suas principais lembranças sobre a época em que Conceição Carvalho foi realizar seu Curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, nos anos de 1977 a 1978?
- 2- Quais as suas principais lembranças a respeito da sua participação na tese de doutoramento de Conceição Carvalho, que abordava sobre: A prática de ensino como disciplina acadêmica na Universidade Federal do Piauí?

7º Outras informações importantes sobre a vida de Conceição Carvalho.

- 1- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho montou, juntamente com outros amigos e sócios, a empresa de consultoria educacional chamada: Pesquisadores Associados: estudos e serviços?
- 2- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho se aposentou como professora da UFPI?
- 3- Quais as suas lembranças sobre a participação de Conceição Carvalho no grupo de professores que já atuaram na UFPI, chamado de DMTE Histórico?
- 4- Para encerrar a entrevista, quais são as suas últimas considerações a respeito da Professora Conceição Carvalho?

8º Questões, dúvidas e anotações surgidas no momento da entrevista.

ROTEIRO INDIVIDUAL DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA AMPARO FERRO

1º Parte: Dados sobre o entrevistado.

- 15- Nome completo.
- 16- Formação profissional.
- 17- Função ou cargo que ocupa na UFPI.
- 18- Local em que trabalha na UFPI.
- 19- Como e quando começou a trabalhar na UFPI.

2º Parte: Dados preliminares sobre o contato com Conceição Carvalho.

- 15- Quando conheceu Conceição Carvalho na UFPI?
- 16- Como conheceu Conceição Carvalho na UFPI?
- 17- Como era a convivência com Conceição Carvalho na UFPI?
- 18- Principais impressões sobre Conceição Carvalho como docente na UFPI?
- 19- Quais as suas lembranças sobre Conceição Carvalho, como Professora do quadro docente acadêmico do DMTE?
- 20- Quais as suas principais lembranças sobre Conceição Carvalho na UFPI como companheira de trabalho no DMTE.
- 21- Quais eram as disciplinas que Conceição Carvalho lecionava no DMTE?
- 22- Como era a relação da Professora Conceição Carvalho com seus alunos?

3º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho e seu envolvimento político democrático na UFPI.

- 1 – Quais as suas lembranças sobre a época em que a Ditadura Militar interferia nas ações educacionais dos professores existentes na UFPI? Mesmo período em que Conceição Carvalho passou por cargos gestores no DMTE.
- 2 – Quais as suas lembranças sobre o posicionamento da Professora Conceição Carvalho em relação às questões políticas educacionais que envolvia a ditadura militar juntamente com os docentes do seu departamento e na UFPI?

3 – Quais as suas lembranças sobre o posicionamento político e democrático da Professora Conceição Carvalho na UFPI, como gestora, na época da ditadura?

4 – Quais as suas lembranças a respeito do posicionamento da Professora Conceição Carvalho na época da redemocratização do Brasil, fim da ditadura, mesmo período no qual ela era diretora do CCE?

Quais as suas lembranças sobre as repercussões dos posicionamentos da Diretora Conceição Carvalho na comunidade acadêmica do CCE, em relação a sua postura política democrática?

4º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho como membro do NEHME.

1 – Quando e como a Professora Conceição Carvalho começou a participar das reuniões do NEHME?

2 – Quais as suas lembranças sobre as primeiras participações de Conceição Carvalho no grupo NEHME?

3 – Quais as suas lembranças sobre a postura crítica e epistêmica de Conceição Carvalho nas reuniões do NEHME?

4 – Quais as suas lembranças sobre o relacionamento de Conceição Carvalho com os membros do NEHME?

5 – Quais as suas lembranças mais marcantes dos posicionamentos de Conceição Carvalho nas discussões e apresentações realizadas nas reuniões do NEHME?

6 – Quais as suas lembranças sobre Conceição Carvalho nas participações de eventos científicos em que estava presente juntamente com os membros do NEHME?

Quais as suas lembranças a respeito de Conceição Carvalho e seus orientandos que também participavam do NEHME juntamente com a Professora, nas questões de produções de pesquisas relacionadas à história da educação?

8 – Como Conceição Carvalho participou de produções de trabalhos científicos juntamente com o NEHME?

9 – Quais as suas lembranças sobre Conceição Carvalho nos momentos de confraternizações do grupo NEHME?

10 – Como o grupo NEHME encarrou a perda de Conceição Carvalho?

5º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho como membro do Conselho Departamental do CCE na UFPI no período de 1975 a 1983.

1- Como era a representação e participação de Conceição Carvalho no Conselho Departamental do CCE?

2- Quais as principais lembranças que você tem sobre a participação de Conceição Carvalho nas reuniões do Conselho Departamental?

3- Como era a relação de Conceição Carvalho com os outros conselheiros e com o presidente do Conselho?

6º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi subchefe do DMTE (1976) e chefe do DMTE (1979-1981).

- 1- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi subchefe do DMTE (1976)?
- 2- Como era a postura de Conceição Carvalho como subchefe do DMTE (1976)?
- 3- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi chefe do DMTE (1979-1981)?
- 4- Como era a postura de Conceição Carvalho como chefe do DMTE (1979-1981)?
- 5- Quais foram os principais feitos de Conceição Carvalho como chefe e subchefe do DMTE?
- 6- Como era a relação de Conceição Carvalho com os docentes do DMTE na época em que foi chefe e subchefe do DMTE?

7º Parte: Dados sobre o contato com Conceição Carvalho na época em que era Diretora do Centro de Ciências da Educação (1989 à 1993).

- 1- Como foi a eleição de Conceição Carvalho, para direção do CCE em 1989.
- 2- Quais as primeiras iniciativas de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 3- Quais as principais decisões tomadas por Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 4- Quais eram as principais prioridades de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 5- Como eram as atitudes de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 6- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os funcionários do Centro.
- 7- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os Professores ou docentes do Centro.
- 8- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os alunos ou discentes do Centro.
- 9- Como era relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com os Departamentos do Centro?
- 23- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com a reitoria da UFPI?
- 24- Quais foram os principais pontos e feitos deixados por Conceição Carvalho no CCE, como diretora do Centro.
- 25- Quais as principais lembranças sobre Conceição Carvalho, como diretora do CCE, no momento da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, no ano de 1991.

8º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi realizar o seu Curso de Mestrado e Curso de Doutorado.

- 3- Quais as suas principais lembranças sobre a época em que Conceição Carvalho foi realizar seu Curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, nos anos de 1977 a 1978?
- 4- Quais as suas principais lembranças a respeito da sua participação na tese de doutoramento de Conceição Carvalho, que abordava sobre: A prática de ensino como disciplina acadêmica na Universidade Federal do Piauí?

9º Outras informações importantes sobre a vida de Conceição Carvalho.

- 5- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho montou, juntamente com outros amigos e sócios, a empresa de consultoria educacional chamada: Pesquisadores Associados: estudos e serviços?
- 6- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho se aposentou como professora da UFPI?
- 7- Quais as suas lembranças sobre a participação de Conceição Carvalho no grupo de professores que já atuaram na UFPI, chamado de DMTE Histórico?
- 8- Para encerrar a entrevista, quais são as suas últimas considerações a respeito da Professora Conceição Carvalho?

10º Questões, dúvidas e anotações surgidas no momento da entrevista.

ROTEIRO INDIVIDUAL DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA CECÍLIA MENDES

1º Parte: Dados sobre o entrevistado.

- 20- Nome completo.
- 21- Formação profissional.
- 22- Função ou cargo que ocupa na UFPI.
- 23- Local em que trabalha na UFPI.
- 24- Como e quando começou a trabalhar na UFPI.

2º Parte: Dados preliminares sobre o contato com Conceição Carvalho.

- 23- Quando conheceu Conceição Carvalho na UFPI?
- 24- Como conheceu Conceição Carvalho na UFPI?
- 25- Como era a convivência com Conceição Carvalho na UFPI?
- 26- Principais impressões sobre Conceição Carvalho como docente na UFPI?
- 27- Quais as suas lembranças sobre Conceição Carvalho, como Professora do quadro docente acadêmico do DMTE?
- 28- Quais as suas principais lembranças sobre Conceição Carvalho na UFPI como companheira de trabalho no DMTE.
- 29- Quais eram as disciplinas que Conceição Carvalho lecionava no DMTE?
- 30- Como era a relação da Professora Conceição Carvalho com seus alunos?

3º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho e seu envolvimento político democrático na UFPI.

- 1 – Quais as suas lembranças sobre a época em que a Ditadura Militar interferia nas ações educacionais dos professores existentes na UFPI? Mesmo período em que Conceição Carvalho passou por cargos gestores no DMTE.

2 – Quais as suas lembranças sobre o posicionamento da Professora Conceição Carvalho em relação às questões políticas educacionais que envolvia a ditadura militar juntamente com os docentes do seu departamento e na UFPI?

3 – Quais as suas lembranças sobre o posicionamento político e democrático da Professora Conceição Carvalho na UFPI, como gestora do DMTE, na época da ditadura?

4 – Quais as suas lembranças a respeito do posicionamento da Professora Conceição Carvalho na época da redemocratização do Brasil, fim da ditadura, mesmo período no qual ela era diretora do CCE?

5 – Quais as suas lembranças sobre as repercussões dos posicionamentos da Diretora Conceição Carvalho na comunidade acadêmica do CCE, em relação a sua postura política democrática?

6 – Quais as principais características relacionadas ao pensamento político democrático de Conceição Carvalho com seu relacionamento com os reitores dessa época da ditadura militar?

4º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho como membro do Conselho Departamental do CCE na UFPI no período de 1975 a 1983.

- 1- Como era a representação e participação de Conceição Carvalho no Conselho Departamental do CCE?
- 2- Quais as principais lembranças que você tem sobre a participação de Conceição Carvalho nas reuniões do Conselho Departamental?
- 3- Como era a relação de Conceição Carvalho com os outros conselheiros e com o presidente do Conselho?

5º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi subchefe do DMTE (1976) e chefe do DMTE (1979-1981).

- 1- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi subchefe do DMTE (1976)?
- 2- Como era a postura de Conceição Carvalho como subchefe do DMTE (1976)?
- 3- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi chefe do DMTE (1979-1981)?
- 4- Como era a postura de Conceição Carvalho como chefe do DMTE (1979-1981)?
- 5- Quais foram os principais feitos de Conceição Carvalho como chefe e subchefe do DMTE?
- 6- Como era a relação de Conceição Carvalho com os docentes do DMTE na época em que foi chefe e subchefe do DMTE?

6º Parte: Dados sobre o contato com Conceição Carvalho na época em que era Diretora do Centro de Ciências da Educação (1989 à 1993).

- 1- Como foi a eleição de Conceição Carvalho, para direção do CCE em 1989.
- 2- Quais as primeiras iniciativas de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 3- Quais as principais decisões tomadas por Conceição Carvalho como Diretora do CCE.

- 4- Quais eram as principais prioridades de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 5- Como eram as atitudes de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 6- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os funcionários do Centro.
- 7- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os Professores ou docentes do Centro.
- 8- Com era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os alunos ou discentes do Centro.
- 9- Como era relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com os Departamentos do Centro?
- 10- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com a reitoria da UFPI?
- 11- Quais foram os principais pontos e feitos deixados por Conceição Carvalho no CCE, como diretora do Centro.
- 12- Quais as suas lembranças sobre o cuidado e preocupação com a estética do CCE, que a professora Conceição Carvalho teve quando foi diretora?
- 13- Quais as principais lembranças sobre Conceição Carvalho, como diretora do CCE, no momento da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, no ano de 1991.

7º Parte: Dados sobre a formação em serviço de Conceição Carvalho na UFPI?

- 1 – Quais são as lembranças de cursos de formação em serviço que Conceição Carvalho fez na época em que atuou como docente do DMTE?
- 2- Quais são as lembranças sobre a participação de Conceição Carvalho nos cursos de formação voltados para os docentes da UFPI nas décadas de 1970, 1980 e 1990?

Dados sobre Conceição Carvalho os projetos de extensão do DMTE.

- 1- Quais as suas recordações sobre os projetos de extensão e intervenção realizados pelo DMTE no período em que Conceição Carvalho foi gestora e docente desse departamento?
- 2- Como ocorria o envolvimento de Conceição Carvalho com esses projetos de extensão ligados as questões de educacionais e sociais?
- 3- Quais eram esses projetos de extensão que Conceição Carvalho participou juntamente com os professores do DMTE?

9º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi realizar o seu Curso de Mestrado e Curso de Doutorado.

- 9- Quais as suas principais lembranças sobre a época em que Conceição Carvalho foi realizar seu Curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, nos anos de 1977 a 1978?

10- Quais as suas principais lembranças a respeito da sua participação na tese de doutoramento de Conceição Carvalho, que abordava sobre: A prática de ensino como disciplina acadêmica na Universidade Federal do Piauí?

10º Outras informações importantes sobre a vida de Conceição Carvalho.

11- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho montou, juntamente com outros amigos e sócios, a empresa de consultoria educacional chamada: Pesquisadores Associados: estudos e serviços?

12- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho se aposentou como professora da UFPI, em 1995?

13- Quais as suas lembranças sobre a participação de Conceição Carvalho no grupo de professores que já atuaram na UFPI, chamado de DMTE Histórico?

14- Para encerrar a entrevista, quais são as suas últimas considerações a respeito da Professora Conceição Carvalho?

11º Questões, dúvidas e anotações surgidas no momento da entrevista.

ROTEIRO INDIVIDUAL DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR EUDÓXIO SOARES

1º Parte: Dados sobre o entrevistado.

25- Nome completo.

26- Formação profissional.

27- Função ou cargo que ocupou na UFPI.

28- Local em que trabalhou na UFPI.

29- Como e quando começou a trabalhar na UFPI.

2º Parte: Dados preliminares sobre o contato com Conceição Carvalho.

31- Quando e como conheceu Conceição Carvalho na UFPI?

32- Como era a convivência com Conceição Carvalho no DMTE na UFPI?

33- Quais são as suas impressões sobre Conceição Carvalho como docente no DMTE na UFPI?

34- Quais as suas lembranças sobre Conceição Carvalho, como Professora do quadro docente acadêmico do DMTE?

35- Quais as suas principais lembranças sobre Conceição Carvalho na UFPI como companheira de trabalho no DMTE.

36- Quais eram as disciplinas que Conceição Carvalho lecionava no DMTE?

37- Como era a relação da Professora Conceição Carvalho com seus alunos?

3º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho como membro do Conselho Departamental do CCE na UFPI no período de 1975 a 1983.

- 4- Como era a representação e participação de Conceição Carvalho no Conselho Departamental do CCE?
- 5- Quais as principais lembranças que você tem sobre a participação de Conceição Carvalho nas reuniões do Conselho Departamental?
- 6- Como era a relação de Conceição Carvalho com os outros conselheiros e com o presidente do Conselho?

4º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi subchefe do DMTE (1976) e chefe do DMTE (1979-1981).

- 7- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi subchefe do DMTE (1976)?
- 8- Como era a postura de Conceição Carvalho como subchefe do DMTE (1976)?
- 9- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi chefe do DMTE (1979-1981)?
- 10- Como era a postura de Conceição Carvalho como chefe do DMTE (1979-1981)?
- 11- Quais foram os principais feitos de Conceição Carvalho como chefe e subchefe do DMTE?
- 12- Como era a relação de Conceição Carvalho com os docentes do DMTE na época em que foi chefe e subchefe do DMTE?

5º Parte: Dados sobre o contato com Conceição Carvalho na época em que era Diretora do Centro de Ciências da Educação (1989 à 1993).

- 26- Como foi a eleição de Conceição Carvalho, para direção do CCE em 1989.
- 27- Quais as primeiras iniciativas de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 28- Quais as principais decisões tomadas por Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 29- Quais eram as principais prioridades de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 30- Como eram as atitudes de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 31- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os funcionários do Centro.
- 32- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os Professores ou docentes do Centro.
- 33- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os alunos ou discentes do Centro.
- 34- Como era relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com os Departamentos do Centro?
- 35- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com a reitoria da UFPI?
- 36- Quais foram os principais pontos e feitos deixados por Conceição Carvalho no CCE, como diretora do Centro.
- 37- Quais as suas lembranças sobre o cuidado e preocupação com a estética do CCE, que a professora Conceição Carvalho teve quando foi diretora?

- 38- Quais as principais lembranças sobre Conceição Carvalho, como diretora do CCE, no momento da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, no ano de 1991.
- 39- Quais as suas lembranças sobre a criação da Revista Educação e Compromisso, a Revista do Centro de Ciências da Educação?
- 40- Como era a proposta da Revista Educação e Compromisso?
- 41- Como era a participação de Conceição Carvalho na Revista Educação e Compromisso à época em que foi diretora do CCE?
- 42- Como você participou na Revista Educação e Compromisso?
- 43- Quais as suas lembranças marcantes sobre a Revista Educação e Compromisso?

6º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho e seu envolvimento político democrático na UFPI.

- 1 – Nos anos 1970 iniciou a ditadura e também foi o período em que Conceição Carvalho teve algumas passagens por cargos gestores no DMTE. Quais as suas lembranças sobre a época em que a Ditadura Militar interferia nas ações educacionais dos professores na UFPI?
- 2 – Quais as suas lembranças sobre o posicionamento da Professora Conceição Carvalho em relação às questões políticas educacionais que envolvia a ditadura militar juntamente com os docentes do DMTE na UFPI?
- 3 – Quais as suas lembranças sobre o posicionamento político e democrático da Professora Conceição Carvalho, como gestora do DMTE, na época da ditadura?
- 4 – Quais as suas lembranças a respeito do posicionamento da Professora Conceição Carvalho na época da redemocratização do Brasil, fim da ditadura, mesmo período no qual ela foi diretora do CCE?
- 5 – Quais as suas lembranças sobre as repercussões dos posicionamentos da Diretora Conceição Carvalho na comunidade acadêmica do CCE, em relação a sua postura política democrática?
- 6 – Quais as suas lembranças a respeito das características ligadas ao pensamento político democrático da gestora Conceição Carvalho e sua posição em relação aos reitores da UFPI na época da ditadura militar?

Parte: Dados sobre a formação em serviço de Conceição Carvalho na UFPI?

- 1 – Quais são as lembranças de cursos de formação em serviço que Conceição Carvalho fez na época em que atuou como docente do DMTE?
- 2- Quais são as lembranças sobre a participação de Conceição Carvalho nos cursos de formação voltados para os docentes da UFPI nas décadas de 1970, 1980 e 1990?

8º Dados sobre Conceição Carvalho os projetos de extensão do DMTE.

- 1- Quais as suas recordações sobre os projetos de extensão e intervenção realizados pelo DMTE no período em que Conceição Carvalho foi gestora e docente desse departamento?

- 2- Como ocorria o envolvimento de Conceição Carvalho com esses projetos de extensão ligados as questões de educacionais e sociais?
- 3- Quais eram esses projetos de extensão que Conceição Carvalho participou juntamente com os professores do DMTE?

9º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi realizar o seu Curso de Mestrado e Curso de Doutorado.

- 1- Quais as suas principais lembranças sobre a época em que Conceição Carvalho foi realizar seu Curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, nos anos de 1977 a 1978?
- 2- Quais as suas principais lembranças a respeito da sua participação na tese de doutoramento de Conceição Carvalho, que abordava sobre: A prática de ensino como disciplina acadêmica na Universidade Federal do Piauí?

10º Outras informações importantes sobre a vida de Conceição Carvalho.

- 3- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho montou, juntamente com outros amigos e sócios, a empresa de consultoria educacional chamada: Pesquisadores Associados: estudos e serviços?
- 15- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho se aposentou como professora da UFPI, em 1995?
- 16- Quais as suas lembranças sobre a participação de Conceição Carvalho no grupo de professores que já atuaram na UFPI, chamado de DMTE Histórico?
- 17- Para encerrar a entrevista, quais são as suas últimas considerações a respeito da Professora Conceição Carvalho?

11º Questões, dúvidas e anotações surgidas no momento da entrevista.

ROTEIRO INDIVIDUAL DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA TERESINHA NOGUEIRA

1º Parte: Dados sobre o entrevistado.

- 30- Nome completo.
- 31- Formação profissional.
- 32- Função ou cargo que ocupa na UFPI.
- 33- Local em que trabalha na UFPI.
- 34- Como e quando começou a trabalhar na UFPI.

2º Parte: Dados preliminares sobre o contato com Conceição Carvalho.

- 38- Quando conheceu Conceição Carvalho na UFPI?
- 39- Como conheceu Conceição Carvalho na UFPI?
- 40- Como era a convivência com Conceição Carvalho na UFPI?

- 41- Principais impressões sobre Conceição Carvalho como docente na UFPI?
- 42- Quais as suas lembranças sobre Conceição Carvalho, como Professora do quadro docente acadêmico do DMTE?
- 43- Quais as suas principais lembranças sobre Conceição Carvalho na UFPI como companheira de trabalho no DMTE.
- 44- Quais eram as disciplinas que Conceição Carvalho lecionava no DMTE?
- 45- Como era a relação da Professora Conceição Carvalho com seus alunos?

3º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho e seu envolvimento político democrático na UFPI.

- 1 – Quais as suas lembranças sobre a época em que a Ditadura Militar interferia nas ações educacionais dos professores existentes na UFPI? Mesmo período em que Conceição Carvalho passou por cargos gestores no DMTE.
- 2 – Quais as suas lembranças sobre o posicionamento da Professora Conceição Carvalho em relação às questões políticas educacionais que envolvia a ditadura militar juntamente com os docentes do seu departamento e na UFPI?
- 3 – Quais as suas lembranças sobre o posicionamento político e democrático da Professora Conceição Carvalho na UFPI, como gestora do DMTE, na época da ditadura?
- 4 – Quais as suas lembranças a respeito do posicionamento da Professora Conceição Carvalho na época da redemocratização do Brasil, fim da ditadura, mesmo período no qual ela era diretora do CCE?
- 5 – Quais as suas lembranças sobre as repercussões dos posicionamentos da Diretora Conceição Carvalho na comunidade acadêmica do CCE, em relação a sua postura política democrática?
- 6 – Quais as principais características relacionadas ao pensamento político democrático de Conceição Carvalho com seu relacionamento com os reitores dessa época da ditadura militar?

4º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho como membro do Conselho Departamental do CCE na UFPI no período de 1975 a 1983.

- 1- Como era a representação e participação de Conceição Carvalho no Conselho Departamental do CCE?
- 2- Quais as principais lembranças que você tem sobre a participação de Conceição Carvalho nas reuniões do Conselho Departamental?
- 3- Como era a relação de Conceição Carvalho com os outros conselheiros e com o presidente do Conselho?

5º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi subchefe do DMTE (1976) e chefe do DMTE (1979-1981).

- 1- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi subchefe do DMTE (1976)?
- 2- Como era a postura de Conceição Carvalho como subchefe do DMTE (1976)?

- 3- Quais são as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho foi chefe do DMTE (1979-1981)?
- 4- Como era a postura de Conceição Carvalho como chefe do DMTE (1979-1981)?
- 5- Quais foram os principais feitos de Conceição Carvalho como chefe e subchefe do DMTE?
- 6- Como era a relação de Conceição Carvalho com os docentes do DMTE na época em que foi chefe e subchefe do DMTE?

6º Parte: Dados sobre o contato com Conceição Carvalho na época em que era Diretora do Centro de Ciências da Educação (1989 à 1993).

- 1- Como foi a eleição de Conceição Carvalho, para direção do CCE em 1989.
- 2- Quais as primeiras iniciativas de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 3- Quais as principais decisões tomadas por Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 4- Quais eram as principais prioridades de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 5- Como eram as atitudes de Conceição Carvalho como Diretora do CCE.
- 6- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os funcionários do Centro.
- 7- Como eram as relações de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os Professores ou docentes do Centro.
- 8- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE, com os alunos ou discentes do Centro.
- 9- Como era relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com os Departamentos do Centro?
- 10- Como era a relação de Conceição Carvalho, como diretora do CCE com a reitoria da UFPI?
- 11- Quais foram os principais pontos e feitos deixados por Conceição Carvalho no CCE, como diretora do Centro.
- 12- Quais as suas lembranças sobre o cuidado e preocupação com a estética do CCE, que a professora Conceição Carvalho teve quando foi diretora?
- 13- Quais as principais lembranças sobre Conceição Carvalho, como diretora do CCE, no momento da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, no ano de 1991.

7º Parte: Dados sobre a formação em serviço de Conceição Carvalho na UFPI?

- 1 – Quais são as lembranças de cursos de formação em serviço que Conceição Carvalho fez na época em que atuou como docente do DMTE?
- 2- Quais são as lembranças sobre a participação de Conceição Carvalho nos cursos de formação voltados para os docentes da UFPI nas décadas de 1970, 1980 e 1990?

8º Dados sobre Conceição Carvalho os projetos de extensão do DMTE.

- 4- Quais as suas recordações sobre os projetos de extensão e intervenção realizados pelo DMTE no período em que Conceição Carvalho foi gestora e docente desse departamento?
- 5- Como ocorria o envolvimento de Conceição Carvalho com esses projetos de extensão ligados as questões de educacionais e sociais?
- 6- Quais eram esses projetos de extensão que Conceição Carvalho participou juntamente com os professores do DMTE?

9º Parte: Dados sobre Conceição Carvalho na época em que foi realizar o seu Curso de Mestrado e Curso de Doutorado.

- 18- Quais as suas principais lembranças sobre a época em que Conceição Carvalho foi realizar seu Curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, nos anos de 1977 a 1978?
- 19- Quais as suas principais lembranças a respeito da sua participação na tese de doutoramento de Conceição Carvalho, que abordava sobre: A prática de ensino como disciplina acadêmica na Universidade Federal do Piauí?

10º Outras informações importantes sobre a vida de Conceição Carvalho.

- 20- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho montou, juntamente com outros amigos e sócios, a empresa de consultoria educacional chamada: Pesquisadores Associados: estudos e serviços?
- 21- Quais as suas lembranças da época em que Conceição Carvalho se aposentou como professora da UFPI, em 1995?
- 22- Quais as suas lembranças sobre a participação de Conceição Carvalho no grupo de professores que já atuaram na UFPI, chamado de DMTE Histórico?
- 23- Para encerrar a entrevista, quais são as suas últimas considerações a respeito da Professora Conceição Carvalho?

11º Questões, dúvidas e anotações surgidas no momento da entrevista.